



revista cristã
última chamada



A Certeza da Imortalidade

César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A Certeza da Imortalidade

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Certeza da Imortalidade

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

1ª Edição de Outubro de 2024

2ª Edição Ampliada de Março de 2025

Capa: César Francisco Raymundo

(Imagens de Karin Henseler e Gerd Altmann por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Índice

Sobre o autor 08

Introdução

A Certeza da Imortalidade 09

Capítulo 1

O Pressuposto da Imortalidade 13

- Afirmações de que Jesus é Deus 15
- O Anúncio de que Jesus Voltaria da Morte 19
- A Verdade sobre a Imortalidade e o Trilema Proposto por C. S. Lewis 21
- Versículos em que Jesus Anuncia Sua Morte e Ressurreição 22
- Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos? 23
- O Problema do Significado de "Imortalidade" e "Mortalidade" 25
- O Significado da Palavra "Morte" nas Escrituras Sagradas 26
- O que é Alma? 28
- O que é Espírito? 34
- Alma e Espírito são Inseparáveis? Desfazendo Confusões 39
- Não Seria a Imortalidade uma Invenção da Mente Humana por não Suportar a Realidade da Morte? 42

Capítulo 2

Dúvidas Comuns sobre a Imortalidade 46

- Porque Deus é o Único que Possui Imortalidade? 47
- Por que os Crentes Ainda têm de Morrer? 49
- Enoque e Elias não passaram pela morte? 53
- E como fica a questão do Hades e do Sheol? 63
- Conclusão deste Capítulo: a Consciência da Imortalidade 65

Capítulo 3

O que Acontece Após a Morte? Sono da Alma ou Consciência Além Túmulo? 67

- O Sono da Alma e a Passagem do Tempo no Mundo Espiritual 74
- A Doutrina do Estado Intermediário 77
- Redefinindo "Céu", "Terceiro Céu" e "Paraíso" 95
- O que é o Inferno? E se os meus Entes Queridos Estiverem Lá? 102

- A Parábola do Rico e Lázaro e as Almas Debaixo do Altar 134
- Haverá Animais no Céu ou Paraíso? 140

Capítulo 4

Como Será a Vida Eterna? 148

- Um Corpo Glorificado e Incorruptível 148
- Liberdade e Plenitude 155
- Reconhecimento e Comunhão 157
- Participação em Atividades Físicas 159
- Vamos Tocar e Ver o Senhor? 161
- Haverá Tecnologia no Céu/Paraíso? 163
- A Vitória Final Sobre a Morte 167

- Capítulo 5 –

O Fato Histórico e Irrefutável da Ressurreição de Jesus Cristo 170

- O Túmulo Vazio 171
- Teoria do Desmaio 174
- Visões Subjetivas 178
- Fraude dos Discípulos 182
- Interpretação Metáforica 186
- Contradições nos Relatos da Ressurreição de Cristo 190
- Ceticismo Histórico 195
- Mudança de Crenças 198

Conclusão: Jesus Cristo Ressuscitou! Nós também Ressuscitaremos! 202

Obras importantes para pesquisa... 205

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "Como Conciliar o Pós-Milenismo com as grandes Guerras Mundiais?"

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

- Introdução -

A Certeza da Imortalidade

O sábio rei Salomão escreveu em Eclesiastes 9:5:

“Porque os vivos sabem que hão de morrer...”.

É inegável que a morte tem sido considerada como a única certeza da vida. Temos essa atitude em relação à morte porque, para nossos sentidos, ela é palpável, visível e faz parte da nossa realidade. No entanto, em relação à imortalidade ou à vida eterna, aparentemente não temos a mesma certeza, pois se trata de algo que não podemos tocar ou ver, pertencendo a uma realidade diferente.

Os povos de todas as épocas sempre acreditaram que existe algo transcendente, além desta vida. Não tenho certeza se todas as pessoas pensavam assim, mas a maioria esmagadora sempre acreditou na vida após a morte. Com o movimento cultural do Iluminismo europeu nos séculos XVII e XVIII, surgiu uma onda de ateísmo no mundo. No ateísmo, a ideia é de que não há vida após a morte. No entanto, isso não se limita apenas aos ateus; já encontrei pessoas que acreditam em Deus e afirmam que não há outra vida após esta.

E é exatamente aqui que entra a Ciência. As pessoas buscam evidências concretas de que algo existe, e a vida após a morte é um dos temas mais debatidos nesse contexto. A Ciência, que se baseia em observações e experimentos, enfrenta um desafio ao investigar questões transcendentais, pois a vida após a morte não pode ser medida ou testada da mesma forma que fenômenos físicos. Embora

existam teorias e relatos sobre experiências próximas da morte, a falta de provas científicas definitivas gera ceticismo. Essa busca por respostas leva muitos a explorar também a filosofia e a espiritualidade, na esperança de encontrar um entendimento mais profundo sobre a vida e o que pode vir depois dela.

Vivemos em uma era em que a Ciência é muitas vezes venerada como uma autoridade suprema – uma deusa. Nesse contexto, a crença na Ciência tem se tornado tão forte que a Fé frequentemente é relegada a segundo plano ou simplesmente negada. Para muitas pessoas, tudo o que se afirma precisa de comprovação científica para ser considerado válido; se a Ciência comprovou, está estabelecido como verdade. No entanto, existem aspectos da existência que transcendem os limites da investigação científica, impossibilitando a prova de conceitos como Deus, espíritos, o mundo espiritual e a vida eterna. Este último tema é o foco deste e-book.

Uma vez que a morte é a única certeza da vida, devemos agora perguntar pelo contraditório: será que a morte é realmente a única certeza desta vida?

Embora já saibamos que a consciência humana é uma entidade independente do corpo, essa ideia ainda não foi amplamente aceita na cultura dominante, em grande parte devido a interesses ocultos. Neste e-book, a certeza da imortalidade que proponho não se refere apenas à sobrevivência da alma fora do corpo, mas à ressurreição do corpo físico no último dia.

O entendimento atual de que a vida após a morte não pode ser comprovada pelos nossos sentidos pode ser contestado com certeza absoluta. Se o leitor ficou surpreso com isso, é importante saber que a certeza absoluta da imortalidade não pode ser obtida apenas por meio de experiências científicas pós-morte ou do estudo metafísico na filosofia. Há algo mais que comprova que a vida após a morte é palpável e visível aos nossos olhos e sentidos. A prova absoluta da

imortalidade é a ressurreição de Jesus Cristo. Esta é a única evidência visível e palpável de que realmente existe uma outra vida. E, para a surpresa do leitor, tanto a morte quanto a imortalidade são as duas únicas certezas desta vida. Não é a realidade da morte que ocupa essa posição sozinha.

A ressurreição do corpo, e sua conseqüente imortalidade, são demonstradas pela ressurreição de Cristo, que foi o primeiro homem a vivenciar essa imortalidade corporal. Por isso, afirmamos que Ele vive eternamente.

Para muitos, a imortalidade é apenas uma questão de Fé e, portanto, não sendo algo que possa ser provado cientificamente, não podemos ter certeza. Mas isso é falso. Podemos ter certeza da realidade da vida eterna, uma vez que sabemos que Cristo ressuscitou. Se há um milagre pelo qual Deus forneceu provas de todos os lados para que fosse verdadeiramente provado e ninguém tivesse dúvidas, é o milagre da ressurreição de Cristo. Aliás, a Fé Cristã não deixa margem para dúvidas; você não precisa procurar a verdade entre milhões de possibilidades. Apenas diz-se que algo é ou não é. É ponto final. Portanto, a ressurreição de Jesus Cristo permanece de pé ou cai por terra. Não há meio termo. O apóstolo diz claramente:

“E, se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé...”.

- 1ª Coríntios 15:14

O que já falei acima fica evidente neste texto de Paulo aos coríntios, ou seja, que a ressurreição de Jesus Cristo é a evidência definitiva da imortalidade. Ela representa a única prova concreta de que realmente há uma vida após a morte. Surpreendentemente, tanto a morte quanto a imortalidade se apresentam como as únicas certezas em nossa existência.

O teólogo Josh McDowell antes cético, escreveu que “depois de mais de 700 horas estudando este assunto [o da ressurreição de Cristo] e analisando em todos os detalhes o seu fundamento, cheguei à conclusão de que a ressurreição de Jesus Cristo é uma das “fraudes mais maldosas, depravadas e insensíveis já maquinadas pela mente humana, ou então é o fato mais fantástico da história”.¹

A ressurreição de Jesus Cristo é, sem dúvida, um acontecimento histórico que não pode ser contestado. Não é correto afirmar que a Fé Cristã está equivocada apenas porque não conseguimos explicá-la plenamente. Trata-se de um evento histórico.

Neste e-book, abordarei questões intrigantes sobre a Vida Eterna. Será que conheceremos nossos entes queridos que já partiram? E quanto aos nossos animais de estimação, eles estarão conosco nessa nova realidade? Além disso, discutirei se haverá comida e bebida, e se manteremos nossas capacidades físicas como as conhecemos e de maneira potencializada. Essas perguntas fundamentais serão respondidas ao longo do texto, trazendo clareza e esperança sobre o que nos aguarda após esta vida.

A ressurreição de Jesus Cristo e suas experiências após a ressurreição servirão como a base para explicar essa vida imortal que teremos. Os relatos da ressurreição oferecem detalhes sobre como seremos e como viveremos em comunidade e com o Senhor após a nossa própria ressurreição.

¹ EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã, pg. 162. Josh McDowell. Editora Candeia.

- Capítulo 1 -

O Pressuposto da Imortalidade

Na introdução, observei que, quando se trata da verdade sobre a imortalidade, Deus não nos deixa perdidos entre milhares de possibilidades. Algo é verdadeiro ou falso; não há meio-termo. A crença na imortalidade fundamenta-se em Deus. Nossa origem ou ancestralidade está em Deus ou no Acaso como os ateus costumam falar. O pressuposto de que existe um Deus assegura a possibilidade da imortalidade. Por outro lado, o ateu parte do pressuposto de que Deus não existe. Se Deus não existe, então a imortalidade não é viável. O ateu aceita a origem do Universo e a evolução até a espécie humana, mas acaba negando a possibilidade de uma vida após a morte. A pressuposição é fundamental para a nossa compreensão. Assim, se o Universo tem sua origem em Deus, é razoável concluir que também deve encontrar seu fim Nele. Aqui entra a imortalidade humana. Por outro lado, se o Universo surgiu por acaso, é natural que seu desfecho ocorra de forma igualmente acidental e desvinculada de Deus. A resposta acerca desse assunto definirá o que pensamos sobre o futuro de toda a criação.

O cientista Dr. Wolfgang Smith colocou essa perspectiva adequadamente, quando escreveu:

“Onde não existe ancestralidade vertical, e, portanto, uma descendência vertical, não pode existir uma ascendência vertical, e isso precisa ficar claro. Algo que teve sua primeira origem no espaço e no tempo terá também seu fim no espaço e no tempo;

uma tal entidade está fadada a perecer, condenada a desaparecer como uma nuvem que se esfumaça. Mas tal não é o caso das coisas dotadas de ser, e que, portanto possuem essência e um ato de ser. Apenas uma cosmologia que preserve a dimensão da verticalidade pode dar suporte a um panorama religioso e permitir uma doutrina de imortalidade humana. Dentro dos confins impostos pela cosmologia horizontal, as promessas da religião se tornam um engodo, ou, no máximo, uma consoladora obra de ficção”.²

Para garantir que nossa ancestralidade é vertical, ou seja, vem de Deus, é fundamental primeiro verificar se Deus realmente existe. Ao longo da história, inúmeros filósofos, teólogos e cientistas ofereceram argumentos em favor da existência de Deus, desde a complexidade do Universo até o senso de moralidade humano. Entre os argumentos clássicos estão o argumento cosmológico, que defende que o Universo precisa de uma causa primeira; o argumento teleológico, que aponta para o design intrincado da natureza; e o argumento ontológico, que sustenta que a própria ideia de Deus implica Sua existência. No entanto, mesmo com esses argumentos racionais, a questão da existência de Deus sempre envolve, em alguma medida, a fé.

A fé, aqui, não deve ser vista como uma crença cega, mas como uma confiança em algo que transcende as evidências empíricas ou lógicas disponíveis. Para muitos, Deus não é apenas uma conclusão filosófica, mas uma experiência pessoal e espiritual. Por outro lado, mesmo o ateísmo, em sua negação da existência de Deus, exige uma forma de fé. O ateu precisa confiar na suposição de que todas as evidências possíveis contra a existência de uma divindade foram consideradas e de que nenhum ser transcendente se faz necessário para explicar a realidade.

² A sabedoria da antiga cosmologia, pg. 314. Wolfgang Smith. 1ª edição – Agosto de 2017 – CEDET. Editora Vide Editorial. Site: www.videeditorial.com.br

Assim, tanto o teísta quanto o ateu estão, em certo sentido, baseados em premissas que vão além do que pode ser provado ou refutado de forma absoluta. Isso nos leva a reconhecer que a discussão sobre a existência de Deus não é apenas uma questão de lógica ou de ciência, mas também de uma postura diante do desconhecido. É uma questão que envolve tanto a razão quanto o coração, tanto a reflexão filosófica quanto a experiência pessoal.

No entanto, com a Vinda de Jesus ao mundo, tudo se transformou, porque “havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hebreus 1:1).

Após a primeira Vinda de Cristo ao mundo, as coisas ficaram mais claras e não há mais espaço para dúvidas, porque o próprio Deus Criador habitou entre nós.

Afirmações de que Jesus é Deus

Uma das doutrinas bíblicas mais atacadas em toda a história da Igreja é a da Divindade de Jesus Cristo. Muitos afirmam que Jesus é “um deus” menor - como é o caso das Testemunhas de Jeová. Outros afirmam que Ele foi um simples homem apenas, assim como tantos outros famosos da história humana. A Divindade de Jesus Cristo é um dos pilares da Fé Cristã, e a Bíblia apresenta várias passagens que mostram claramente que Jesus é Deus. No Evangelho de João, vemos uma dessas afirmações em João 1:1, onde está escrito:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

Este versículo nos ensina que Jesus, o Verbo, existia desde o princípio e Ele é, de fato, Deus.

Outro ponto importante está em João 8:58, onde Jesus diz:

“Antes que Abraão existisse, Eu Sou”.

Essa declaração é poderosa, pois Jesus usa o mesmo nome que Deus usou para se revelar a Moisés no Antigo Testamento (Êxodo 3:14). Ao dizer “Eu Sou”, Jesus se identificou como o próprio Deus eterno. Os judeus daquela época compreenderam que, ao dizer “Eu Sou”, Jesus estava se identificando como “Jeová” ou “Javé”, conforme registrado em Êxodo 3:14. No texto original em grego, a expressão “Eu Sou” é dita como “ego eimi”. Esse fato é bastante claro. No tempo de Jesus a versão do Antigo Testamento que os judeus usavam era a Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento). E, nesta versão, em Êxodo 3:14 não aparece o nome Jeová, mas, sim, Εγώ ειμι (ego eimi).

Os judeus contemporâneos de Jesus não tiveram dúvidas e entenderam muito bem Suas reivindicações, ou seja, Jesus estava se fazendo igual a Deus.

Em 1ª João 5:20, temos uma afirmação ainda mais direta sobre a divindade de Cristo:

“Sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento para que conheçamos o Verdadeiro. E nós estamos naquele que é o Verdadeiro, isto é, em seu Filho Jesus Cristo. **Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna**”.

- o grifo é meu.

Aqui, o apóstolo João afirma claramente que Jesus é o verdadeiro Deus e a fonte da Vida Eterna.

No texto da carta de João mencionado anteriormente, observamos que as palavras “Jesus” e “Cristo” aparecem no final da frase. Logo após, João utiliza o pronome demonstrativo próximo “este”, indicando que o verdadeiro Deus e a vida eterna referem-se ao Filho de Deus, Jesus Cristo.

O próprio Deus Pai reconhece a Divindade do Filho:

“Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino”.

- Hebreus 1:7-8

O próprio fato de Jesus ser o Filho de Deus já é uma evidência de Sua Divindade, como podemos ver em João 5:18:

“Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não somente violava o sábado, **mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus**”.

- o grifo é meu.

É fato que todos os judeus se consideravam filhos de Deus, mas no caso de Jesus era diferente, pois os judeus daquela época entendiam que ser “o Filho de Deus” era o equivalente de “se fazer igual a Deus”. Outras passagens corroboram isto:

“Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que **nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.**

Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.

Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: **Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia!**

Que vos parece? Responderam eles: “É réu de morte”.

- Mateus 26:63-66 – o grifo é meu.

Em nenhum momento Jesus se defende para negar Sua Divindade, pelo contrário, Ele declara sua Onipotência, quando disse:

“Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; **porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz**”.

- João 5:19 – o grifo é meu.

O Filho de Deus, nosso Senhor Jesus Cristo, faz aquilo que o Pai faz porque é Todo-poderoso.

Cristo é o Criador do Universo:

“Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”.

- João 1:2-3

Em Cristo “habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade” (Colossenses 2:9). Toda a sabedoria infinita de Deus está em Cristo “em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos” (Colossenses 2:2-3). Quem pode ter em si mesmo “toda a plenitude da Divindade” e “todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”? Sabemos que é tão somente Deus. E o testemunho do apóstolo é claro: tudo isso está presente em Cristo.

Essas passagens, entre tantas outras, deixam claro que Jesus não é simplesmente um profeta ou mestre, mas o próprio Deus Criador do Universo feito homem, digno de adoração e a fonte da Vida Eterna.

No entanto, como o tema aqui é a imortalidade humana, e não diretamente a Divindade de Cristo, o ponto central é este: apenas Deus tem a autoridade para declarar ao ser humano que ele é imortal. Nenhuma outra pessoa no Universo possui essa autoridade, pois foi o próprio Deus quem colocou a eternidade no coração da humanidade:

“Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até ao fim”.

- Eclesiastes 3:11

Uma vez comprovado que Jesus é Deus, todas as Suas palavras tornam-se verdades incontestáveis, e com isso podemos ter plena certeza de nossa imortalidade, assim como temos a certeza da nossa própria morte. A Divindade de Jesus serve como nossa garantia, pois, sendo Ele Deus, afirmou que ressuscitaria. Assim, podemos confiar que também seremos ressuscitados para a imortalidade.

O Anúncio de que Jesus Voltaria da Morte

Um ditado popular diz que nunca ninguém voltou da morte para dizer como era. Mas o fato é que Jesus Cristo foi o único que voltou da morte, Ele é o único da raça humana que está vivo até hoje. É um ditado também que “falar até papagaio fala”, e o fato de Jesus falar que iria ressuscitar dos mortos não prova por si só que isto de fato é verdade, pois muitos no decorrer da história fizeram diversas afirmações e enganaram a muitos. Outros falsos profetas tiveram que recalcular as datas de suas previsões e ficaram desmoralizados.

No Antigo Testamento, Deus deu critérios claros para identificar um falso profeta. Um dos principais versículos que aborda isso está em Deuteronômio 18:20-22:

“Mas o profeta que presumir de falar alguma palavra em meu nome, que eu não lhe ordenei falar, ou que falar em nome de outros deuses, esse profeta morrerá. E, se você disser no seu coração: 'Como saberemos a palavra que o Senhor não falou?' Quando o profeta falar em nome do Senhor, e a palavra não se cumprir, nem acontecer, esta é a palavra que o Senhor não falou; com presunção falou o profeta; não tenhas temor dele”.

Esses versículos destacam que um verdadeiro profeta deve falar apenas o que Deus ordenou, e suas previsões devem se cumprir. Se um profeta falhar em uma dessas áreas, ele é considerado falso.

Jesus é visto no Novo Testamento como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Ele falou em nome de Deus e Suas palavras sempre se cumpriram. Por exemplo, em João 14:10, Jesus diz:

“Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras”.

Jesus não apenas falou com autoridade Divina, mas também Suas profecias, como a Sua própria morte e ressurreição, se cumpriram. Portanto, Ele é reconhecido como o Profeta verdadeiro, que não falhou em nenhum de seus ensinamentos ou previsões, contrastando assim com os falsos profetas identificados no Antigo Testamento.

Esses critérios nos ajudam a discernir a autenticidade da mensagem de Cristo, que se alinha perfeitamente com a Revelação de Deus ao longo da história bíblica.

A Verdade sobre a Imortalidade e o Trilema Proposto por C. S. Lewis

Diante de Jesus, as pessoas não podem escapar do trilema proposto pelo teólogo e escritor C. S. Lewis.

O trilema de C. S. Lewis é uma reflexão profunda sobre a identidade de Jesus Cristo, e ele nos provoca a tomar uma posição clara. Lewis argumenta que, ao considerarmos as afirmações de Jesus sobre Si mesmo, somos confrontados com três opções: Ele era um mentiroso, um lunático ou o Senhor.

1. Mentiroso: Se Jesus sabia que não era quem disse ser — o Filho de Deus — e mesmo assim afirmou isso, então Ele seria um mentiroso. Isso nos leva a questionar por que alguém mentiria sobre algo tão significativo e fundamental. Se fosse verdade, qual seria a motivação por trás de tal engano?

2. Lunático: A segunda possibilidade é que Ele realmente acreditasse ser o Filho de Deus, mas estivesse enganado. Nesse caso, Jesus seria um lunático, alguém que vive em um mundo de ilusões. Contudo, a sabedoria, a moralidade e a profundidade de Seus ensinamentos não se encaixam na imagem de um insanamente delirante.

3. Senhor: A terceira opção é que Ele realmente é quem disse Ser — o Senhor. Essa conclusão é fortalecida pelo impacto que suas palavras e ações tiveram ao longo da história, bem como pelas transformações que Ele provocou na vida de milhões de pessoas.

Esse trilema nos desafia a refletir: onde nos posicionamos em relação a Jesus? Se Ele é o Senhor, então tudo quanto Ele falou é Verdade e de fato Ele ressuscitou da morte como disse que iria acontecer. Ele não pode ser apenas um bom mestre ou um profeta

comum; Suas afirmações não nos permitem essa opção. Ao ponderar sobre isso, somos chamados a considerar a gravidade das implicações.

A questão é clara: aceitar Jesus como Senhor transforma nossa vida, nossa maneira de ver o mundo e a nós mesmos. Ele não quer que fiquemos em dúvida, mas sim que tenhamos certeza de quem Ele é e da profundidade de Seu Amor por nós. Essa reflexão nos levará a buscar uma compreensão mais profunda sobre Suas palavras acerca da Imortalidade humana e a plena certeza sobre o tema.

Versículos em que Jesus Anuncia Sua Morte e Ressurreição

Vários versículos no Novo Testamento mencionam a Ressurreição de Jesus no terceiro dia. Aqui estão alguns deles:

1. Mateus 16:21:

“Desde então, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse a Jerusalém, e padecesse muitas coisas, dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, e que fosse morto, e ao terceiro dia ressuscitasse”.

2. Mateus 17:22-23:

“E, estando eles em Galileia, Jesus disse-lhes: 'O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens; e eles o matarão, e, ao terceiro dia, ressuscitará.' E os discípulos se entristeceram muito”.

3. Mateus 20:18-19:

“Eis que subimos para Jerusalém; e o Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e escribas; e o condenarão à

morte, e o entregarão aos gentios, para escarnecerem, e flagelarem, e o crucificarem; e ao terceiro dia ressuscitará”.

4. Marcos 8:31:

“E começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem padecesse muitas coisas, e fosse rejeitado pelos anciãos, e pelos principais sacerdotes, e pelos escribas, e que fosse morto, e que, depois de três dias, ressuscitasse”.

5. Lucas 9:22:

“E dizia: 'É necessário que o Filho do Homem padeça muitas coisas, e seja rejeitado pelos anciãos, e pelos principais sacerdotes, e pelos escribas, e que seja morto, e ao terceiro dia ressuscite”’.

6. Lucas 18:32-33:

“Pois ele será entregue aos gentios, e será escarnecido, e ultrajado, e cuspido; e, depois de o açoitarem, o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará”.

Esses versículos enfatizam a predição de Jesus sobre Sua Ressurreição no terceiro dia, mostrando Sua consciência do que estava por vir e a importância desse evento Central na Fé Cristã. Se Ele de fato não era lunático e nem mentiroso, então como Deus e Senhor falou a Verdade sobre Sua Ressurreição.

Imortalidade da Alma ou Ressurreição dos Mortos?

A imortalidade da alma é a ideia de que a alma de uma pessoa continua a existir após a morte do corpo. Em outras palavras, mesmo

quando o corpo morre, a parte espiritual ou a essência da pessoa não acaba, mas vive para sempre. Essa crença é comum em várias religiões e filosofias, que veem a alma como algo eterno que pode ter um destino após a morte, como o Céu, o inferno ou a reencarnação para o Espiritismo. De maneira geral, a Cristandade católica ou protestante acredita na imortalidade da alma, fundamentando essa crença na Bíblia. Há uma interpretação diferente da Fé Cristã vinda, por exemplo, da igreja Adventista do Sétimo Dia e das Testemunhas de Jeová.

A Bíblia não aborda a imortalidade da alma de forma direta, mas muitos versículos sugerem a ideia de vida após a morte.

No Antigo Testamento, a ideia de vida após a morte não é tão explícita. A maioria dos textos fala sobre a existência no Sheol (“habitação dos mortos”, em hebraico), um lugar de sombras muitas vezes confundido com sepultura. Já no Novo Testamento, Jesus e os apóstolos falam mais claramente sobre a ressurreição e a vida eterna. Por exemplo, em João 3:16, Jesus diz que “todo aquele que nele crê terá a vida eterna”.

As diferentes tradições cristãs interpretam esses ensinamentos enfatizando a imortalidade da alma e a ressurreição corporal no final dos tempos. Em suma, a Bíblia ensina que de fato há uma vida eterna, mas as interpretações sobre como isso se dá podem variar bastante.

A Bíblia ensina tanto a imortalidade da alma quanto a ressurreição dos mortos, e essas crenças são importantes no Cristianismo.

A ressurreição dos mortos é outra crença central. Os cristãos acreditam que, no final dos tempos, Deus trará os mortos de volta à vida. Isso é baseado em passagens como 1ª Tessalonicenses 4:16, que fala sobre os mortos em Cristo ressuscitando primeiro. Embora

neguem a imortalidade da alma, os adventistas e as testemunhas de Jeová também ensinam uma ressurreição geral no fim dos tempos.

Portanto, tanto a imortalidade da alma quanto a ressurreição dos mortos são ensinamentos bíblicos que ajudam os cristãos a entenderem a vida após a morte e a esperança que têm em Deus.

O Problema do Significado de “Imortalidade” e “Mortalidade”

A “imortalidade” é um conceito que se refere à ideia de viver eternamente, sem a limitação da morte. Por outro lado, a “mortalidade” diz respeito à condição de ser suscetível à morte, destacando a finitude da vida humana e a inevitabilidade do falecimento. A mortalidade está intimamente ligada à experiência humana. Sob a perspectiva desta vida terrena, é evidente que aqueles que nunca morressem seriam considerados imortais. Do ponto de vista da experiência humana nesta vida terrena, os conceitos de “imortalidade” e “mortalidade” são bem definidos. Embora os significados de “imortalidade” e “mortalidade” sejam óbvios, o problema surge quando alguns grupos mortalistas interpretam esses conceitos em relação à vida eterna. Para esses grupos, a mortalidade na vida eterna é vista como aniquilação dos pecadores não arrependidos: os condenados ao inferno deixam de existir, enquanto os eleitos de Deus, salvos em Cristo, viverão para sempre na vida eterna.

Na experiência humana, as pessoas que morrem são frequentemente vistas como se tivessem deixado de existir, e essa perspectiva se torna especialmente tocante no caso das crianças de até dois anos mortas a mando do rei Herodes. A dor da perda é exemplificada no lamento de Raquel, que chora porque seus filhos “não existem mais” (Mateus 2:16-18). No entanto, é importante notar

que, na vida eterna, essa visão de um fim de existência não se aplica da mesma maneira aos condenados ao inferno.

Antes de finalizar este tópico, gostaria de acrescentar mais um dado: na verdade, o conceito de imortalidade na Fé Cristã está ligado à ressurreição dos mortos no último dia, e não à sobrevivência da alma após a morte. O correto seria dizer que a alma continua existindo após a morte e que a imortalidade se refere ao corpo físico na ocasião da ressurreição dos mortos.

O Significado da Palavra “Morte” nas Escrituras Sagradas

Do ponto de vista das Sagradas Escrituras, a palavra “morte” não significa necessariamente “deixar de existir”. Embora possamos usar a frase “deixar de existir” em referência aos que morreram, a palavra “morte” tem um significado diferente nas Escrituras Sagradas.

Na teologia cristã, a palavra “morte” é frequentemente entendida como uma “separação” em vários níveis. Essa interpretação é sustentada por diversos versículos bíblicos.

1. Separação Espiritual: Em Isaías 59:2, lemos: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus”. Esse versículo destaca como o pecado separa o ser humano de Deus, implicando que a morte espiritual é a alienação da presença divina. O filho pródigo da parábola é um exemplo de alguém que, durante sua vida de pecado, estava como que morto, mas reviveu depois de se reconciliar com o Pai. Na parábola, encontramos a afirmação:

“Este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado”.

- Lucas 15:24

Embora seja uma parábola, é importante lembrar que, enquanto estamos separados de Deus, estamos mortos em delitos e pecados, como afirma em Efésios 2:1:

“Ele vos deu vida, estando vós mortos em ofensas e pecados”.

O texto mais notório sobre o significado de “separação” para a palavra “morte” está registrado em Lucas 9:59-62:

“Jesus respondeu: “Deixe que os mortos sepulsem seus próprios mortos; o seu dever é vir e proclamar o Reino de Deus”.

- Nova Bíblia Viva Português (NBV-P)

A ideia é que aqueles que estão “mortos” em um sentido espiritual (desinteressados nas coisas de Deus) devem cuidar de seus próprios assuntos, enquanto aqueles que estão “vivos” em fé e propósito devem se dedicar plenamente à missão e ao Reino de Deus.

Portanto, somente um insensato não percebe que o significado da palavra “morte” se relaciona à separação, e não à aniquilação. Afirmar que a morte significa o fim da vida inteligente e consciente na Bíblia é uma afirmação incorreta.

2. Separação Física: Em Tiago 2:26, está escrito: “Assim como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta”. Aqui, a morte é vista como a separação entre o corpo e o espírito, indicando que a vida física e a espiritual estão interligadas.

3. Morte Eterna: Em Apocalipse 21:8, encontramos a descrição da morte eterna, onde se diz que os ímpios “terão a sua parte no lago que arde com fogo e enxofre”. Essa morte representa uma separação eterna de Deus, simbolizando o estado final de condenação.

Esses versículos refletem a ideia de que a morte, na perspectiva bíblica, não é apenas o fim da vida, mas uma separação em diferentes

níveis: espiritual, física e, em última instância, a separação eterna de Deus. Essa compreensão oferece uma visão mais profunda da condição humana e da necessidade de reconciliação com o Criador.

O que é Alma?

A palavra “alma” na Bíblia pode ser vista como uma figura de sinédoque, que é uma figura de linguagem onde uma parte é usada para representar o todo ou vice-versa. Um exemplo comum de sinédoque é o uso da expressão “cabeças de gado” para se referir a todo o rebanho. Nesse caso, “cabeças” representam não apenas a parte visível (as cabeças dos animais), mas o conjunto completo do gado.

Na teologia cristã, a doutrina da alma é complexa e pode ser compreendida a partir de diversos versículos bíblicos que mostram seus vários significados. Por exemplo, em Gênesis 2:7 “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego de vida; e o homem passou a ser alma vivente”. Neste versículo, a alma é entendida como a vida que Deus infunde no ser humano, unindo corpo e espírito.

O texto de Mateus 10:28 é bem explícito sobre a sobrevivência da alma após a morte, afirmando:

“E não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”.

Nesse contexto, a alma é entendida como uma parte imortal do ser humano, distinta do corpo físico. A alma é tão especial que não pode ser morta por outro ser humano. O máximo que o ser humano consegue fazer é matar o corpo, mas não consegue no momento do

assassinato atingir a alma. Eles simplesmente “não podem matar a alma”. Isto tem que ficar bem entendido.

No entanto, os mortalistas rebatem essa interpretação e afirmam:

“E quando Jesus falou essas palavras aí, no lugar que na sua Bíblia aparece a palavra alma, no texto original grego está a palavra psique. O quê que você entende que é o psique da gente? Captou? Os discípulos, eles não deveriam temer os que poderiam matar o corpo deles, mas que não tinham condições de matar o psique, ou seja, a consciência deles. Então, o temor seria de não estarem preparados para a morte, e daí ficarem eternamente sem a oportunidade da ressurreição pra vida eterna, sentido esse, que contraria a própria doutrina da imortalidade da alma, pois aqui tá dizendo que o psique, que a gente tem, pode morrer. Então, a melhor tradução pra Mateus 10:28, seria a seguinte: “Não tenham medo dos que matam o corpo mas não podem matar a consciência (ou a mentalidade, ou o psicológico, ou o modo de pensar).

Antes, tenham medo daqueles que podem destruir, eternamente, tanto o corpo como a consciência, no lugar devido para uma punição, de uma destruição, que não tenha retorno”.³

O problema da explicação acima é que a *psique* ou *alma* não pode ser morta pelo ser humano, o que mantém a imortalidade da mesma. O autor erroneamente buscou oferecer uma nova perspectiva ao afirmar que a *psique* representa “a mentalidade, ou o psicológico, ou o modo de pensar”. Essa definição altera significativamente o significado com o qual estamos habituados. Além disso, é importante ressaltar que a *psique* também é reconhecida como alma.

³ Mateus 10. Reavivados por Sua Palavra. Novo Tempo. Site: <https://www.novotempo.com/audio/reavivadosporsuapalavraradio/mateus-10/> Acessado dia 15/10/2024

Em oposição, os mortalistas sugerem que o fato de “perecer” no inferno deixa claro que a alma e o corpo podem ser consumidos ou destruídos. Isso reforçaria a ideia de que a alma não é eterna, mas pode ser sujeita à morte definitiva. Mas a palavra grega “apolumi” (ἀπόλλυμι) é frequentemente traduzida como “perecer” e tem significados variados dependendo do contexto. O termo pode ser interpretado de várias maneiras, incluindo "perder", "destruir" ou "fazer algo que não é mais útil". Em muitos casos, "apolumi" sugere a ideia de destruição ou ruína, mas não necessariamente implica aniquilação total.

A interpretação que “apolumi” pode significar “impróprio para uso”, como sucatas em decomposição — é uma maneira de entender a natureza do que significa “perecer”. Isso implica que algo pode perder sua utilidade ou valor, mas ainda pode existir de alguma forma.

Das muitas aplicações de “apolumi” é enfatizado que, em algumas passagens, a palavra pode indicar a condição de algo que foi perdido ou destruído em termos de sua utilidade ou função, sem necessariamente sugerir que não existe mais. Isso pode se aplicar a interpretações teológicas sobre a condição da alma ou do ser humano após a morte.⁴

Portanto, o ser humano que tem seu corpo e alma perecendo no inferno está se tornando impróprio para uso, assim como sucatas de veículos. Isso não significa que está sendo aniquilado para sempre.

Retornando a Mateus 10:28, surge uma questão importante: por que os seres humanos “não podem matar a alma”? Isso se deve apenas ao fato de que a alma sobrevive à morte do corpo? Não. O motivo é que a “alma sai do corpo” no momento da morte. O texto

⁴ Zodhiates, Spiros. The Complete Word Study Dictionary: New Testament. Chattanooga: AMG Publishers, 1992.

de Gênesis 35:18 mostra que a alma “sai” do corpo no momento da morte:

“Ao sair-lhe a alma (porque morreu), deu-lhe o nome de Benoni; mas seu pai lhe chamou Benjamim”.

- o grifo é meu.

A palavra hebraica para “ao sair-lhe” é *yátsá’* (אָץ). Significa “ir, vir para fora, sair, avançar”.⁵

Ao mesmo tempo em que a alma sai do corpo por ocasião da morte, ela também ‘entra’ por ocasião da ressurreição:

“Então se estendeu sobre o menino três vezes, e clamou ao Senhor, e disse: Ó Senhor meu Deus, rogo-te que **torne a alma deste menino a entrar nele.**

E o Senhor ouviu a voz de Elias; e **a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu”.**

- 1 Reis 17:21 – o grifo é meu.

A palavra hebraica *qereb* (קָרֵב), traduzida como “a entrar nele”, significa “meio, entre, entranha, centro”.⁶ E a palavra hebraica traduzida como “tornou” é *shûmb* (שׁוּב), significa “retornar, voltar [...] chegar ou ir de volta”.⁷

Pelo significado das palavras hebraicas, é simples entender que a alma “entra” ou “sai” do corpo por ocasião da morte e ressurreição.

⁵ Bíblia Interlinear. Site:

<https://search.nepebrasil.org/interlinear/?chapter=35&livro=1&verse=18#strongH3318> Acessado dia 16/10/2024

⁶ Idem nº 5. Bíblia Interlinear.

Site:<https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=11&chapter=17&verse=21#strongH7130> Acessado dia 16/10/2024

⁷ Idem nº 5. Bíblia Interlinear.

Site:<https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=11&chapter=17&verse=21#strongH7725> Acessado dia 16/10/2024

No entanto, os mortalistas parecem refutar esse entendimento, afirmando que “a alma é a pessoa como um indivíduo” ou “a pessoa viva integral”.⁸ Em outras palavras, a alma não seria uma substância distinta do corpo, mas a própria pessoa. Se isso for verdade, fica difícil explicar por que a alma “sai” ou “entra” no momento da morte e ressurreição.

É claro que os mortalistas argumentam que essas expressões não devem ser entendidas literalmente, sugerindo que “sair” e “entrar” são apenas figuras de linguagem, semelhantes à expressão “tirar a vida de uma pessoa”. Contudo, essa analogia não se sustenta, pois as Escrituras são claras ao afirmar que “corpo sem espírito está morto” (Tiago 2:26). O corpo permanece sem espírito porque este volta “a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7). O próprio Senhor Jesus, em Sua morte, entregou o espírito e morreu (Lucas 23:46). Portanto, o espírito vai para algum lugar, como questiona Salomão em Eclesiastes 3:21.

É possível que o leitor pense que estou confundindo alma com espírito. Portanto, abordarei o significado de espírito e farei um resumo sobre a alma e o espírito nos tópicos a seguir.

Retornando à questão de que “a alma é a pessoa como um indivíduo” ou “a pessoa viva integral”, os mortalistas citam Deuteronômio 10:22, que diz: “os teus pais desceram ao Egito com setenta pessoas **[ou almas]**, e agora o SENHOR fez com que sejas uma multidão, como as estrelas dos céus”.

O problema é que os mortalistas ignoram que a palavra "alma" é uma figura de sinédoque. O significado de "alma" é bastante variado, podendo referir-se ao "sangue", à "vida", à "pessoa" etc. A própria

⁸ O que a Bíblia ensina sobre a morte, alma e espírito? Por prof. Leandro S. Quadros. Site: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/o-que-a-biblia-ensina-sobre-a-morte-alma-e-espírito/> Acessado dia 16/10/2024

palavra "alma" já revela, em seu significado hebraico, essa diversidade de interpretações. A Bíblia Interlinear Nepe Brasil diz que o significado de *nephesh* ("alma" em hebraico) é variado dependendo do contexto:⁹

נֶפֶשׁ nephesh (neh'-fesh)

1. alma, ser, vida, criatura, pessoa, apetite, mente, ser vivo, desejo, emoção, paixão
 1. aquele que respira, a substância ou ser que respira, alma, o ser interior do homem
 2. ser vivo
 3. ser vivo (com vida no sangue)
 4. o próprio homem, ser, pessoa ou indivíduo
 5. lugar dos apetites
 6. lugar das emoções e paixões
 7. atividade da mente
 1. duvidoso
 8. atividade da vontade
 1. ambíguo
 9. atividade do caráter
 1. duvidoso

Fica claro que os mortalistas escolhem o significado que lhes convém para apoiar a doutrina da mortalidade da alma, em vez de reconhecer que essa palavra tem uma variedade de significados. O que eles não entendem é que a Bíblia vê o ser humano como um ser integral, composto por várias dimensões: corpo, alma, espírito, coração e mente.

De acordo com a visão bíblica, se uma parte do ser humano estiver ausente — como a dimensão espiritual no momento da morte —, a

⁹ Idem nº 5. Bíblia Interlinear.

Site:https://search.nepebrasil.org/interlinear/?livro=5&chapter=10&verse=22#strong_H5315 Acessado dia 16/10/2024

pessoa ficará incompleta. A morte não é apenas uma separação do corpo, mas também envolve uma desconexão das dimensões espirituais e emocionais que formam a totalidade do ser. Assim, a ideia de que o ser humano é integral destaca a importância de cada uma dessas partes e sugere que a vida após a morte na ressurreição deve incluir a restauração ou a continuidade de todas elas.

Essa perspectiva é encontrada em diversas tradições cristãs, que enfatizam a necessidade de um corpo glorificado e a promessa de vida eterna, onde todas as partes do ser humano se reúnem em perfeita comunhão com Deus.

Se a palavra "alma" não fosse uma figura de sinédoque, haveria várias contradições no texto bíblico. Já vimos que sinédoque é uma figura de linguagem em que uma parte representa o todo. Por exemplo, quando "alma" se refere ao sangue, o sangue é uma parte que simboliza o ser humano como um todo. Da mesma forma, quando "alma" alude à dimensão espiritual, está se referindo à pessoa inteira. Ao falar de "alma" como "vida", é a pessoa integral que está sendo representada.

Um exemplo clássico de sinédoque que vimos anteriormente é o uso das cabeças de gado para representar todo o rebanho. Não existem cabeças de gado flutuando sem seus corpos; a palavra é utilizada para representar o gado inteiro. Essa figura de linguagem é essencial para entender como o conceito de "alma" pode abarcar diferentes aspectos do ser humano.

O que é Espírito?

O Got Questions Ministries assim define a palavra "espírito":

“O espírito humano é a parte imaterial do homem. A Bíblia diz que o espírito humano é o próprio sopro do Deus Todo-Poderoso que foi soprado no homem no início da criação de Deus: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente” (Gênesis 2:7). É o espírito humano que nos dá a consciência de nós mesmos e de outras notáveis, embora limitadas, qualidades que se “espelham em Deus”. O espírito humano inclui o nosso intelecto, emoções, medos, paixões e criatividade. É esse espírito que nos dá a capacidade única de compreender e entender (Jó 32:8, 18).

As palavras espírito e sopro são traduções da palavra hebraica *neshamah* e da palavra grega *pneuma*. As palavras significam “forte rajada de vento ou inspiração”. *Neshamah* é a fonte da vida que vitaliza a humanidade (Jó 33:4). É o intangível, invisível espírito humano que governa a existência mental e emocional do homem. O apóstolo Paulo disse: “Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está? assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus” (1 Coríntios 2:11). Com a morte, o "espírito volta a Deus que o deu" (Eclesiastes 12:7; ver também Jó 34:14-15 e Salmo 104:29-30)”.¹⁰

Seguindo o mesmo raciocínio, o *Wycliffe Bible Dictionary* (Dicionário Bíblico Wycliffe) define “espírito” como:

“Espírito Humano: No contexto bíblico, o espírito humano (hebraico: *ruach*; grego: *pneuma*) é a parte imaterial do ser humano que é capaz de ter comunhão com Deus. É a fonte de vida e vitalidade, e é considerado imortal, retornando a Deus após a morte. O espírito é a faceta da personalidade que busca a verdade, discernimento espiritual e a adoração. Em várias passagens, o

¹⁰ O que é o espírito humano? *GotQuestions*. Your Questions. Biblical Answers. Site: <https://www.gotquestions.org/Portugues/espírito-humano.html> Acessado dia 16/10/2024

espírito é associado ao entendimento, à consciência e à capacidade de refletir sobre questões morais e espirituais”.¹¹

O significado da palavra “espírito” como substância incorpórea, distinto do corpo, é claramente visto nas seguintes passagens do Antigo Testamento:

“Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o Senhor: Com quê? Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o Senhor: Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim”.

- 1º Reis 22:21-22

“Porque os egípcios são homens, e não Deus; e os seus cavalos, carne, e não espírito; e quando o Senhor estender a sua mão, tanto tropeçará o auxiliador, como cairá o ajudado, e todos juntamente serão consumidos”.

- Isaías 31:3

No Novo Testamento, Jesus confirma a existência do espírito humano como uma entidade incorpórea, consciente de si mesma e independente do corpo. Essa perspectiva ressalta a natureza imortal do espírito, que permanece consciente e ativo além da vida física. O texto que deixa isto claro está no Evangelho de Lucas 24:36-39:

“E falando eles destas coisas, o mesmo Jesus se apresentou no meio deles, e disse-lhes: Paz seja convosco.

E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito.

E ele lhes disse: Por que estais perturbados, e por que sobem tais pensamentos aos vossos corações?

Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”.

¹¹ Wycliffe Bible Dictionary. Ver Espírito Humano neste dicionário.

Esta passagem ilustra a compreensão de Jesus sobre a natureza do espírito e Sua ressurreição, enfatizando que Ele possui um corpo físico, mesmo após a morte. O fato de os discípulos ficarem “espantados e atemorizados”, porque “pensavam que viam algum espírito”, demonstra a crença deles de que os espíritos dos mortos sobrevivem após a morte. Eles acreditavam que os espíritos malignos, servos de Satanás ou demônios, se manifestavam e falavam por meio das pessoas possuídas ou endemoninhadas (Mateus 12:24; Marcos 1:23-26; Lucas 8:27-33; Atos 16:16-18; Efésios 6:12; Tiago 2:19).

Não se pode afirmar que os discípulos de Jesus acreditavam em espíritos dos mortos que poderiam retornar, conforme os ensinamentos espíritas. Sendo judeus, eles conheciam as leis de Moisés, que proíbem a comunicação com os mortos e alertam sobre os enganos de Satanás. No entanto, estavam cientes da existência do mundo espiritual e do significado de que “espírito” se refere a uma entidade consciente de si mesma e incorpórea.

Na Bíblia, os anjos são frequentemente descritos como espíritos. Eles possuem natureza espiritual. Em Hebreus 1:14, é dito que os anjos são “espíritos ministradores” enviados para servir aqueles que herdarão a salvação. Isso indica que sua essência é espiritual. Também são invisíveis aos olhos humanos, pois os anjos não têm um corpo físico como os humanos e muitas vezes aparecem de forma invisível, manifestando-se apenas quando Deus decide revelá-los.

As Testemunhas de Jeová negam o espírito humano conforme aprendemos acima. Elas afirmam que “espírito” se refere a uma força invisível (a centelha de vida) que mantém a vida de todas as criaturas viventes”.¹²

¹² “Alma” e “espírito” — o que esses termos realmente significam? Site: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/biblia-ensina/o-que-e-alma-espírito-significado/> Acessado dia 16/10/2024

E continuam:

“Alma e espírito não são a mesma coisa. O corpo precisa do espírito assim como um rádio, para funcionar, precisa da eletricidade. Pense num rádio a pilha, por exemplo. Ao colocarmos pilhas nele e ligá-lo, a eletricidade armazenada nas pilhas dá vida ao rádio, por assim dizer. Sem as pilhas o rádio não funciona. O mesmo se dá com um rádio elétrico, quando desligado da tomada. De modo similar, o espírito é a força que dá vida ao nosso corpo. **E, assim como a eletricidade, o espírito não tem a capacidade de sentir ou de pensar. É uma força impessoal.** Mas sem esse espírito, ou força de vida, o nosso corpo ‘morre e volta ao pó’, como disse o salmista”.¹³

- o grifo é meu.

Em outro texto, as Testemunhas de Jeová afirmam:

“A palavra hebraica *ruábh* e a grega *pneúma*, muitas vezes traduzidas “espírito”, têm muitos significados. Todos os significados se referem ao que é invisível aos olhos humanos, e indicam uma força em ação. A palavra hebraica e a grega se referem (1) ao vento, (2) à força ativa de vida em criaturas terrestres, (3) à força que vem do coração figurativo de uma pessoa e que a impele a falar e fazer coisas de certo modo, (4) às expressões inspiradas vindas de uma fonte invisível, (5) aos seres espirituais e (6) à força ativa de Deus, ou espírito santo. — Êx 35:21; Sal 104:29; Mt 12:43; Lu 11:13”.¹⁴

Pois bem, se um “espírito não tem a capacidade de sentir ou de pensar” e “é uma força impessoal”, experimente o leitor trocar a palavra “espírito” por “fôlego” ou “sopro” nas seguintes passagens

¹³ Idem nº 12.

¹⁴ Espírito. Site: <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/glossario-da-biblia/espírito/>
Acessado dia 16/10/2024

bíblicas e veja incoerência do ensinamento das Testemunhas de Jeová e também dos Adventistas do Sétimo Dia:

“Quando o meu espírito **[fôlego/sopro]** estava angustiado em mim, então conheceste a minha vereda; no caminho em que eu andava, esconderam-me um laço”.

- Salmo 142:3

“Ele me devolve a paz de espírito **[fôlego/sopro]** quando me sinto aflito. Ele me faz andar pelo caminho da justiça por amor do seu nome”.

- Salmo 23:3

Uma vez definido o significado de "alma" e "espírito", no próximo tópico, vou abordar a relação entre essas duas palavras, que frequentemente geram confusão. Afinal, o espírito e a alma são inseparáveis? Seriam eles a mesma coisa ou apenas duas expressões diferentes para descrever a dimensão espiritual do ser humano?

Alma e Espírito são Inseparáveis? Desfazendo Confusões

A distinção entre “espírito” e “alma” nas tradições cristãs é um tema complexo, com várias interpretações. No final das contas pode gerar muita confusão. Mas um estudo minucioso ajudará a dissipar todas as dúvidas. Vamos recapitular o significado de “alma” e “espírito” para desfazer dúvidas e possíveis confusões.

Vimos nos dois tópicos anteriores que a palavra “alma” possui vários significados: pode referir-se ao sangue, à pessoa em sua totalidade e à parte interior do ser humano, que abrange aspectos psicológicos como consciência e pensamentos. A alma representa a essência da individualidade, englobando a vida, emoções e

personalidade de uma pessoa. É frequentemente associada ao que define a identidade de alguém. Além disso, a alma é entendida como uma entidade que sobrevive à morte do corpo, conforme discutido anteriormente. Essa compreensão multifacetada da alma nos ajuda a apreciar sua importância na experiência humana e na relação com Deus.

O “espírito”, por sua vez, é entendido como uma entidade consciente e inteligente, geralmente vista como a parte imortal do ser humano que se conecta com Deus e o mundo espiritual. Ele é a fonte da vida e do vigor espiritual, representando a dimensão do ser que busca a união com a Divindade.

Podemos afirmar que, na Bíblia, “alma” e “espírito” são conceitos inter-relacionados. Em algumas passagens, eles podem ser considerados quase sinônimos ou utilizados de maneira intercambiável, refletindo a complexidade da natureza humana (Eclesiastes 12:7; Mateus 22:37; 1 Pedro 2:11; Hebreus 12:23). Essa relação destaca a importância de ambos na compreensão da experiência humana e espiritual.

Portanto, a compreensão de alma e espírito na Bíblia sugere que ambos são componentes essenciais e inseparáveis do ser humano, formando uma unidade integral. Embora haja nuances em seus significados, a interdependência entre esses dois aspectos é evidente nas Escrituras.

Alguns para facilitar a compreensão desse tema sugerem uma simplificação: a Dicotomia.

No âmbito da teologia, os dicotomistas defendem a visão de que o ser humano é composto por duas partes principais: corpo e alma. Para eles, a alma e o espírito são considerados sinônimos, refletindo uma unidade espiritual que abrange a essência do ser humano. Essa perspectiva enfatiza a dualidade da natureza humana, onde o corpo é

visto como a parte material e a alma como a dimensão imaterial que envolve emoções, consciência e a relação com o divino.

Em outras palavras, as palavras “alma” e “espírito” representam a parte espiritual e invisível do ser humano, distinta do corpo físico.

Entretanto, há teólogos que defendem a visão da Tricotomia. Os tricotomistas consideram o ser humano composto por três partes distintas: corpo, alma e espírito. Nessa perspectiva, embora “alma” e “espírito” sejam distintos entre si, ambos fazem parte do mesmo ser e são inseparáveis em sua essência. O corpo, por sua vez, é visto como uma entidade separável da parte espiritual do ser humano no momento da morte.

Por ser o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, os tricotomistas sustentam essa perspectiva, pois assim como Deus é uma Trindade — Pai, Filho e Espírito Santo em Um só Deus — o ser humano é visto como composto por três partes distintas: corpo, alma e espírito em uma só pessoa. Essa conexão reflete a ideia de que a estrutura do ser humano espelha a complexidade da natureza divina.

Os textos bíblicos defendidos pelos tricotomistas são:

1ª Tessalonicenses 5:23:

“E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam plenamente conservados e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Este versículo menciona claramente as três partes do ser humano: espírito, alma e corpo.

Hebreus 4:12:

“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito”.

Aqui, a capacidade da palavra de Deus de discernir entre alma e espírito sugere que eles são distintos.

Gênesis 2:7:

“E formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente”.

Este versículo indica a formação do corpo e a infusão do espírito, resultando na alma.

Por crer que Deus criou o ser humano à Sua imagem e semelhança e que o conceito trinitário está presente em toda a natureza, juntamente com os versículos que sustentam essa visão, acredito que a Tricotomia reflete a realidade de maneira mais precisa. No entanto, se o leitor optar por defender a Dicotomia, isso também é válido, desde que reconheça que a “alma” e o “espírito” são inseparáveis e constituem a parte espiritual do ser humano, distinta do corpo físico.

Não Seria a Imortalidade uma Invenção da Mente Humana por não Suportar a Realidade da Morte?

“Porque os vivos sabem que hão de morrer...”.

— Eclesiastes 9:5

Dizem que o ser humano é o único animal que sabe que vai morrer. Embora todos os animais tenham o instinto de preservar a vida, eles

não têm a consciência clara de sua finitude. Por exemplo, elefantes podem perceber que sua morte se aproxima, mas não possuem a mesma compreensão que os seres humanos.

Enquanto isso, o ser humano é singular em sua crença na vida eterna ou na vida após a morte. Não seria essa crença uma resposta da mente à sua própria finitude? Poderia a ideia de vida eterna ser uma tentativa de explicar o mistério da morte? E não poderia essa noção de vida após a morte ser usada como uma forma de manipulação por alguns? Afinal, a ideia de vida eterna não teria surgido da evolução do cérebro humano?

Essas perguntas parecem lógicas e fazem sentido sob uma perspectiva racional. No entanto, será que estão corretas? Apesar de suas aparências, tais explicações carecem de um fundamento mais sólido. Vamos começar pela ciência.

Primeiro, a ciência não pode provar a inexistência de vida após a morte, assim como não pode afirmar que existe vida eterna. A ciência baseia-se em experimentos e observações concretas, enquanto a questão da vida eterna se insere no domínio da metafísica, que não é palpável materialmente. Mas a prova da vida eterna ou imortalidade vinda da Ressurreição de Jesus Cristo é palpável materialmente. É o que veremos nos próximos Capítulos.

Algumas descobertas intrigantes na física quântica apoiam essa discussão. Hoje, muitos cientistas consideram a possibilidade de universos paralelos — mundos invisíveis aos nossos sentidos que podem coexistir ao nosso redor. Essas ideias, antes restritas ao misticismo e à religião, agora encontram espaço na ciência.

Alguém pode argumentar que universos paralelos não provam a existência de um mundo espiritual. Mas vale ressaltar que a ideia de universos paralelos não foi inicialmente concebida por cientistas. De qualquer forma, a física quântica tem nos revelado um universo além

das limitações materialistas, quase transcendental, que desafia a imaginação humana.

Agora, vamos para a Bíblia. A ideia de imortalidade apresentada nas Escrituras refuta a noção de que a vida eterna seja uma mera invenção. Quando a Bíblia fala em imortalidade, não se refere apenas a viver para sempre, mas à qualidade da vida e à restauração de todas as coisas no Universo. O termo “vida” em grego pode ser *bíos*, que significa vida física e biológica, ou *ζοή*, que se refere à qualidade espiritual da vida eterna que somente Jesus pode oferecer.

Um dos maiores desafios para aqueles que argumentam que a vida eterna é uma invenção da mente humana é a ressurreição de Jesus Cristo. As Escrituras não tentam “provar” que Jesus ressuscitou, mas apresentam evidências convincentes de que Ele realmente o fez.

O teólogo Josh McDowell destaca um depoimento interessante de George Hanson sobre a Ressurreição de Jesus Cristo:

“A fé simples do cristão que crê na Ressurreição não é nada em comparação com a credulidade do cético, que aceita as fantasias mais absurdas para não reconhecer o testemunho claro de fatos históricos confirmados. As dificuldades da fé podem ser grandes; os absurdos da incredulidade são maiores”.¹⁵

Por fim, McDowell menciona o testemunho do ex-cético Frank Morison, que se propôs a provar que a história da ressurreição de Cristo não passava de um mito. No entanto, suas investigações o levaram a crer no Cristo ressurreto, resultando em seu livro *“Quem Moveu a Pedra?”* Ele diz:

¹⁵ Livro: EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO. Evidências históricas da fé Cristã, pg. 214. Versão digital. Autor: Josh McDowell. EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA.

“Eu desejava estudar a vida de Jesus, desvinculando-a de crenças primitivas e dogmáticas, para enxergar essa pessoa suprema tal como era. Depois de mais de dez anos de investigação, minha convicção cresceu: o drama das últimas semanas da vida de Jesus era mais extraordinário e profundo do que eu jamais imaginei”.¹⁶

Em resumo, embora a ideia de vida eterna possa parecer uma invenção de uma mente que não suporta a finitude, uma análise mais profunda dos fatos, tanto a favor quanto contra, revela um panorama mais complexo. Por último, é crucial conhecer os fatos sobre a Ressurreição de Jesus Cristo.

¹⁶ Idem nº 15, pg. 309.

- Capítulo 2 –

Dúvidas Comuns sobre a Imortalidade

A Imortalidade é um tema que suscita muitas perguntas e reflexões, especialmente entre aqueles que buscam compreender a natureza da vida eterna e o destino da alma. Neste capítulo, explorarei algumas das dúvidas mais comuns relacionadas à imortalidade, começando pela compreensão de que Deus é o único que possui imortalidade. Essa verdade fundamental levanta questionamentos sobre a razão pela qual os crentes ainda enfrentam a morte e o significado disso em suas vidas.

Além disso, discutirei figuras bíblicas notáveis, como Enoque e Elias, que, segundo o ensino tradicional, não passaram pela morte, e o que isso implica para a compreensão do processo de transição entre a vida terrena e a eternidade. Outro aspecto crucial que abordarei é a relação entre Hades e Sheol, conceitos que têm suas raízes em diferentes tradições e que geram debates sobre a condição das almas após a morte.

Por fim, buscarei concluir este Capítulo refletindo sobre a consciência da Imortalidade e como essa crença influencia a vida dos fiéis. Ao longo deste Capítulo, espero esclarecer algumas das incertezas que cercam a questão da Imortalidade e proporcionar uma compreensão mais profunda sobre o que significa viver à luz da eternidade.

Porque Deus é o Único que Possui Imortalidade?

“...a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada pelo bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!”

- 1ª Timóteo 6:15-16

Esse texto é frequentemente citado no debate sobre a natureza da imortalidade e a consciência após a morte. Para compreender o que Paulo quis transmitir sobre Deus ser o Único que possui imortalidade, é crucial explorar a essência da vida e da morte à luz da revelação bíblica.

Já vimos que os mortalistas acreditam que “morrer” é o mesmo que deixar de existir (ou aniquilação). A aniquilação é uma descrição. É o oposto da criação. Segunda essa teoria mortalista, se Deus morresse Ele teria que ser descrito para deixar de existir, mas o problema é que Deus não foi criado. Ele é incriado. No estudo das Escrituras aprendemos que “Deus não existe, Deus “É”. Em outras palavras: Deus não existe como a criação existe.

A ideia de que “Deus não existe como a criação existe” enfatiza que Deus não é uma entidade finita ou limitada como as coisas do mundo.

Assim, se Deus é a própria essência do ser, a pergunta sobre como poderia Ele deixar de existir para se tornar mortal levanta a questão da transcendência divina. Na Fé Cristã, Deus é visto como eterno e imutável, enquanto a criação é temporária e sujeita a mudanças.

Por outro lado, ao deixarmos de lado a questão da existência e aniquilação de Deus, podemos analisar a imortalidade de Deus sob a perspectiva da palavra “morte”. Já discutimos que a “morte” é o oposto da “vida”, no sentido de separação. O Senhor não poderia morrer, pois estaria “separado” de quem ou de quê? Deus é Espírito e, portanto, não possui corpo. Assim, Ele não poderia experimentar a morte no sentido de separação, como acontece com um ser humano, cuja alma se separa do corpo.

Mas e Jesus? Sendo Deus e, portanto, imortal, como Ele pôde morrer na cruz? Ao considerarmos a natureza de Jesus, que é tanto Deus quanto homem, enfrentamos a complexidade de sua morte na cruz. Embora Deus seja imortal e não possa morrer no sentido tradicional, a Encarnação de Deus em Jesus introduz uma nova dinâmica.

Quando Jesus morreu, Ele experimentou a morte como um ser humano, enfrentando a separação física de Seu corpo e a dor emocional da perda. Contudo, essa morte não representa a aniquilação de Sua divindade, pois, como o Filho de Deus, Ele continua a ser eterno e imutável.

A morte de Jesus na cruz pode ser vista como um ato de amor e sacrifício, onde Ele se identificou com a condição humana e assumiu o peso do pecado. Assim, mesmo enfrentando a morte, Ele não se separou de sua essência divina. A ressurreição, então, reafirma sua natureza imortal, demonstrando que a morte não tem poder sobre Ele. Em Cristo, a vida eterna é manifestada, mostrando que, mesmo na morte, a divindade prevalece.

A Condição da Imortalidade

Com base em Romanos 5:12, que afirma que “por meio de um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte”,

podemos entender que a imortalidade de Deus também está relacionada à sua natureza livre de pecado.

Como Deus é perfeitamente santo e não comete pecado, Ele está além das consequências que a transgressão traz, incluindo a morte. O pecado introduz a separação e a mortalidade no mundo, mas Deus, em sua essência, permanece imutável e eterno. Portanto, Sua imortalidade é um reflexo de Sua pureza e santidade, afirmando que, enquanto a criação pode cair e experimentar a morte, Deus permanece sempre vivo e pleno em Sua divindade.

Conclusão deste Tópico

Em suma, Deus é o Único que possui imortalidade porque Ele é a essência da vida, perfeito em Sua natureza, e não sujeito às limitações do pecado e da morte. A imortalidade de Deus destaca Sua soberania e a dependência da criação em relação a Ele. Essa compreensão não apenas fortalece a fé na vida eterna prometida, mas também enfatiza a importância de permanecer em comunhão com o Autor da vida, que é a verdadeira fonte da imortalidade.

Por que os Crentes Ainda têm de Morrer?

“...porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

- Romanos 6:23

“Por isso, **quem crê no Filho tem a vida eterna**; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.

Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou **tem a vida eterna**, não entra em juízo, **mas passou da morte para a vida**.

Em verdade, em verdade vos digo: **quem crê em mim tem a vida eterna**”.

- João 3:36; 5:24; 6:47 – o grifo é meu.

Uma vez que nós - os que cremos - já fomos perdoados de nossos pecados, e já somos possuidores da vida eterna, porque ainda temos que passar pela morte física?

Por que os crentes enfrentam a morte? A resposta reside na natureza do pecado. Como o pecado entrou no mundo através de um homem, a morte também se seguiu. No entanto, Cristo já assumiu sobre si a totalidade da penalidade por nossos pecados. Diante disso, por que os crentes ainda precisam passar pela morte?

A resposta é direta: na verdade, eles não precisam.

Os crentes não são obrigados a morrer, pois Cristo morreu em seu lugar. Não há nenhuma penalidade restante a ser paga. Assim, Deus poderia levar os crentes diretamente ao Céu.

Portanto, os crentes não são obrigados a enfrentar a morte, pois Cristo conquistou a libertação da morte física e a redenção de nossos corpos. No entanto, Deus optou por adiar esses benefícios até a ressurreição final. Isso levanta a pergunta: por que isso acontece?

A resposta está na sabedoria divina, que permite que muitos crentes passem pela morte devido aos significativos benefícios espirituais dessa experiência.

A morte nos conecta aos sofrimentos de Cristo. A morte de Jesus, que foi uma penalidade pelo pecado, difere da morte “sem penalidade” do crente. Ao enfrentarmos a morte, somos lembrados

do sacrifício de Cristo, o que nos aproxima dEle e intensifica nosso amor por Ele.

Embora a morte física seja um momento doloroso, pode também ser um tempo em que os crentes experimentam a ajuda abundante de Cristo. Em momentos de dor e ansiedade, Sua graça se revela mais que suficiente.

Um dos frutos da morte é o amadurecimento rápido do caráter do crente. Embora o corpo exterior se enfraqueça, a alma se fortalece e se embeleza, refletindo a glória de Deus.

A morte representa o teste supremo da fé, oferecendo uma chance única de compartilhar como a confiança em Cristo nos ajuda a enfrentar o fim da vida, impactando muitos ao nosso redor.

Além disso, um dos motivos pelos quais os crentes passam pela morte é a forma como Deus opera. Jesus deixou claro que, embora tenhamos vida eterna, a transformação final ocorrerá no último dia.

Para não morrer, precisaríamos ser instantaneamente transformados e glorificados no momento do Novo Nascimento, o que não seria compatível com a convivência entre santos e pecadores. A ideia de que santos glorificados e com corpos imortais não poderiam habitar a Terra e evangelizar levanta questões teológicas importantes sobre a natureza da adoração e a relação entre os crentes e os que ainda estão em pecado.

Se, em um cenário hipotético, os crentes fossem instantaneamente transformados e glorificados, suas novas naturezas incorruptíveis e divinas poderiam gerar uma percepção errônea entre os pecadores não ressuscitados. Esses pecadores, ao verem os glorificados, poderiam facilmente interpretá-los como seres divinos ou deuses, distorcendo a essência do evangelho e a mensagem de salvação.

A revelação de Cristo como o único mediador entre Deus e a humanidade reforça essa ideia. Se os santos glorificados fossem vistos como deuses, isso não apenas desvirtuaria a adoração, mas também comprometeria o testemunho cristão. A função dos crentes é ser luz e sal, apontando para Deus, e não recebendo adoração por si mesmos.

Além disso, a coexistência de corpos glorificados com aqueles ainda sob o domínio do pecado criaria uma tensão moral e espiritual. A glorificação implica uma libertação do pecado e da mortalidade, enquanto os pecadores ainda estariam sujeitos às suas fraquezas e limitações. Essa discrepância poderia levar a confusões e desentendimentos sobre a natureza da salvação e o papel de Cristo como único Salvador.

Assim, a ideia de que os santos glorificados habitariam a Terra em meio a pecadores não se alinha com o propósito de Deus. Em vez de serem adorados, esses santos deveriam ser instrumentos de evangelização, mostrando a graça e a misericórdia de Deus, sempre dirigindo a adoração a Ele.

Este é mais um motivo pelo qual os crentes enfrentam a morte, mesmo não sendo necessário que a experimentem.

Dessa forma, a glorificação final dos crentes não apenas reafirma a vitória sobre a morte, mas também preserva a integridade da mensagem cristã, evitando a adoração de seres criados e apontando sempre para o Criador.

Muitas vezes, a ideia de que os crentes não deveriam morrer reflete uma busca por escapismo, como Enoque, Elias e a ideia de um Arrebatamento Secreto. Contudo, Deus nos ensina que devemos estar presentes para testemunhar às nações. O Senhor foi muito claro a esse respeito:

“Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo”.

- João 17:15-21

Outro aspecto a considerar é que, ao morrer, não encontramos a morte, mas despertamos para uma vida verdadeira. Conforme está escrito, há um juízo que ocorrerá após a morte. A morte não é um estado intermediário; é uma transição direta para o futuro. Para aqueles que já partiram, a ressurreição e o juízo são realidades imediatas.

Enoque e Elias não passaram pela morte?

A tradição diz que Enoque e Elias não enfrentaram a morte, sendo levados diretamente ao Céu por Deus. Contudo, essa interpretação não está presente nas Escrituras. Vamos direto ao que importa: **ninguém, exceto Jesus Cristo, obteve a imortalidade. Jesus é o PRIMEIRO e o ÚNICO em todas as coisas!**

Vejamos alguns versículos:

“...o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios”.

- Atos 26:23

É verdade que algumas pessoas, como Lázaro em João 11, foram ressuscitadas antes de Cristo, mas essas ressurreições foram temporárias, pois elas acabaram morrendo novamente. O único que ressuscitou de forma definitiva é Jesus Cristo. Sua ressurreição não foi apenas o retorno à vida, mas uma transformação que converteu

seu corpo físico em um corpo glorioso e imortal. Embora seu corpo ainda seja físico, ele foi glorificado, superando as limitações do corpo mortal. Por isso, Jesus vive hoje com o mesmo corpo que tinha na Terra.

Se Enoque e Elias realmente não morreram e foram ao Céu com corpo e alma, isso implicaria que eles já teriam alcançado a transformação e a imortalidade antes de Jesus. No entanto, Jesus é o verdadeiro Vencedor da morte e do pecado, sendo o Único que tem primazia sobre tudo. Caso contrário, Ele não seria o Senhor e Deus.

Veja o que Paulo diz sobre este tema:

“Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, **o primogênito de entre os mortos**, para **EM TODAS AS COISAS TER A PRIMAZIA...**”.

- Colossenses 1:17-18 – o grifo é meu.

O fundamento sobre a imortalidade de Cristo está estabelecido. Agora vamos analisar as passagens onde supostamente se diz que Enoque e Elias não experimentaram a morte.

O alegado “arrebatamento” de Enoque

“Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com **Deus e já não era, porque Deus o tomou para si**”.

- Gênesis 5:21-24 – o grifo é meu.

Esses versículos, por si só, não comprovam que Enoque foi levado ao Céu. A palavra “tomou” no hebraico, que pode ser interpretada como “receber” ou “aceitar”, sugere uma linguagem que pode indicar a sua própria “morte”. Um exemplo semelhante pode ser encontrado

em outro texto que poderia facilmente criar uma interpretação equivocada sobre arrebatamento:

“Por que não perdoas a minha transgressão e não tiras a minha iniquidade? Pois agora me deitarei no pó; e, se me buscas, já não serei”.

- Jó 7:21

Segundo alguns estudiosos, o texto de Gênesis 5:24 pode ser lido da seguinte maneira:

“E Enoque andou com Deus, e ele morreu, porque Deus o aceitou”.

Se o texto de Gênesis 5:24 for tratado isoladamente, não dá para estabelecer que Enoque não conheceu a morte. O texto que é mais claro sobre esse assunto e que poderia ser usado é o de Hebreus 11:5, que diz:

“Pela fé, **Enoque foi trasladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o trasladara.** Pois, **antes da sua trasladação,** obteve testemunho de haver agradado a Deus”.

- o grifo é meu.

A palavra grega “trasladado” é μετατεθη, que, conforme o Grego do Novo Testamento, significa “transportar, colocar em outro lugar”. No contexto específico de um determinado versículo, essa palavra refere-se a “transportar, transferir, trasladar”. A ideia sugerida é a de “mudar de endereço” ou “ser arrebatado” de forma a não experimentar a morte. É notável que em nenhum momento se afirma que Enoque foi levado ao Paraíso, a não ser que interpretemos a expressão “Deus o tomou para si” dessa forma. Um comentarista sugere que essa frase implica uma transferência para um lugar celestial, com a mudança de endereço sendo vista como uma não experiência da morte. Contudo,

o dilema se mantém, pois antes da vinda de Cristo, ninguém teve a possibilidade de uma ressurreição gloriosa.

O fato de Enoque ter desaparecido nos dá a certeza de que foi levado de corpo e alma ao Reino dos céus? Claro que não. Ele poderia muito bem ter sido transportado para um local (na terra) onde ficou escondido e protegido por Deus, e nesse lugar ele morreu naturalmente, sem que ninguém soubesse dos seus últimos dias de vida.

Algo parecido é citado pelo historiador judeu Flávio Josefo:

“Enoque viveu trezentos e sessenta e cinco anos e tinha cento e sessenta e cinco quando nasceu o seu filho Metusalém. Na idade de trezentos e sessenta e cinco anos, foi tirado do mundo, e ninguém escreveu sobre a sua morte”.¹⁷

É interessante notar que Josefo não menciona que Enoque foi arrebatado, mas apenas que “ninguém escreveu sobre a sua morte”. Ele foi “retirado do mundo”, mas sua morte não foi documentada. Isso, por si só, não prova mais a favor de um possível arrebatamento do que contra ele.

Sobre a informação que Hebreus 11:5 nos traz, um comentarista escreveu:

“De onde o autor de Hebreus retirou tal informação? A resposta é simples, o autor retirou essa informação do mesmo lugar que Judas Tadeu retirou para escrever as profecias de Henoc em sua carta canônica, existia um livro na biblioteca Judaica chamado “Contos de Henoc”, não sei se existe ainda esse livro e se alguém tem o conhecimento do conteúdo dele, porém esse livro foi escrito

¹⁷ História dos Hebreus – De Abraão à queda de Jerusalém – Obra Completa, pág. 81. Flávio Josefo. Casa Publicadora das Assembléias de Deus. 28ª Impressão: 2016.

séculos depois de Henoc através das tradições orais sobre esse personagem, por isso que se chama (CONTOS).

A grande questão é; como alguém pode saber que Henoc não conheceu a morte se no livro de Gêneses diz apenas que ele “desapareceu” e ninguém mais soube nada a respeito dele?

Bem a resposta para essa questão está na carta canônica de Judas Tadeu onde ele cita algumas profecias desse livro chamado contos de Henoc.

Judas 1

14. **Também Henoc, que foi o oitavo patriarca depois de Adão**, profetizou a respeito deles, dizendo: **Eis que veio o Senhor entre milhares de seus santos.**

15. **para julgar a todos e confundir a todos os ímpios por causa das obras de impiedade que praticaram**, e por causa de todas as palavras injuriosas que eles, ímpios, têm proferido contra Deus.

16. Estes são murmuradores descontentes, homens que vivem segundo as suas paixões, cuja boca profere palavras soberbas e que admiram os demais por interesse.

Observem os textos em grifos aonde segundo a profecia de Henoc **“o senhor viria para julgar a todos os ímpios por causa de suas obras de impiedade”**; muitos teólogos chegaram a total conclusão que esse texto corresponde a um período de perseguição que Henoc sofreu por “Andar com Deus” e que nesse período ele estava sendo ameaçado de morte e Deus com sua total misericórdia o retirou daquele lugar o levando para outros lugar (na terra) onde ele viveu em paz “sem ter visto a morte” naquele instante de perseguição, porém nesse local para onde ele foi transportado

Henoc viveu até a sua morte natural”¹⁸.

O livro de Sabedoria, que está fora do Canon da Escritura, dá informações relevantes que nos ajuda a esclarecer o caso de Enoque:

“Ele agradou a Deus e foi por ele amado, assim (Deus) o transferiu do meio dos pecadores onde vivia.

Foi arrebatado para que a malícia lhe não corrompesse o sentimento, nem a astúcia lhe pervertesse a alma...”.

- Sabedoria 4:10-11

Embora não seja um texto inspirado — e não estou me baseando nele —, ele ajuda a esclarecer como se interpretava o traslado de Enoque na antiguidade. O que podemos compreender é que Enoque foi retirado do mundo (aquele mundo perverso em que vivia) e levado para outro lugar, onde continuou a viver após esse evento. Assim, ele desapareceu de vista, o que explica por que ninguém registrou sua morte. Quando Enoque foi perseguido pelos ímpios, Deus o levou para um local onde pôde viver e morrer em paz.

A situação de Enoque é semelhante à de Filipe. Quando Filipe pregou e batizou “um etíope, eunuco, alto oficial de Candace, rainha dos etíopes” (Atos 8:27), após o batismo, “o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco” (Atos 8:39). A diferença entre o arrebatamento de Filipe e o de Enoque é que sabemos onde Filipe foi parar, pois ele “veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesaréia” (Atos 8:40).

¹⁸ Henoc, Elias e Moises não passaram pela morte? Cris Macabeus. Site: <http://macabeus.no.comunidades.net/henoc-elias-e-moises-naopassaram-pela-morte>

O suposto “arrebatamento” de Elias

O caso de Elias é menos complicado. Temos mais detalhes a respeito de seu “arrebatamento”. Por ser menos complicado, não deveria existir mais especulações de que ele foi levado ao Céu de corpo e alma.

Sobre o arrebatamento de Elias, a Escritura diz:

“Indo eles andando e falando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Elias subiu ao céu num redemoinho.

O que vendo Eliseu, clamou: Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros! E nunca mais o viu; e, tomando as suas vestes, rasgou-as em duas partes”.

- 2º Reis 2:11-12

Para qual “céu” Elias subiu? A resposta é que Elias não ascendeu ao Céu, ao Paraíso, mas sim à atmosfera. Portanto, ele não saiu da atmosfera terrestre. A palavra hebraica traduzida como “céu” neste contexto refere-se ao SHAMAYIM, conforme indicado pelo Léxico Hebraico e Inglês de Brown-Driver-Briggs, que define como “céu, céu” [no sentido de atmosfera] (p.1029, col.2). Essa mesma palavra é utilizada em Gênesis 1:7-8, onde Deus afirma ter colocado as águas acima e abaixo do firmamento, e então “Deus chamou o firmamento de CÉU”.

De fato, a Escritura indica que Elias não foi levado ao Céu de Deus, mas transportado para outro local. Os próprios contemporâneos de Elias não acreditavam que ele havia sido levado ao Céu da Glória, pois os discípulos dos profetas vieram a Eliseu e sugeriram fazer uma busca na região para encontrá-lo. Veja o que o texto bíblico relata sobre isso:

“Vendo-o, pois, os discípulos dos profetas que estavam defronte, em Jericó, disseram: O espírito de Elias repousa sobre Eliseu.

Vieram-lhe ao encontro e se prostraram diante dele em terra.

E lhe disseram: Eis que entre os teus servos há cinquenta homens valentes; ora, deixa-os ir em procura do teu senhor; pode ser que o Espírito do SENHOR o tenha levado e lançado nalgum dos montes ou nalgum dos vales. Porém ele respondeu: Não os envieis.

Mas eles apertaram com ele, até que, constrangido, lhes disse: Enviai. E enviaram cinquenta homens, que o procuraram três dias, porém não o acharam”.

- 2º Reis 2:15-17

Se já não bastasse essa procura, o relato bíblico informa que Elias aparece alguns vinte anos mais tarde durante o reinado do rei Jorão:

“Então, lhe chegou às mãos uma carta do profeta Elias, em que estava escrito: Assim diz o SENHOR, Deus de Davi, teu pai: Porquanto não andaste nos caminhos de Josafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá...”.

- 2º Crônicas 21:12

Essa carta enviada por Elias prova que ele estava em algum lugar da terra depois de ser trasladado, e também que ele estava ciente dos eventos contemporâneos e, portanto, deveria estar vivendo em algum lugar por perto, ou Israel e Judá. Sobre o traslado de Elias, Ephrem, um primeiro cristão síriaco, escreveu:

“De repente surgiu de uma tempestade de fogo, e no meio da chama a forma de uma carruagem e de cavalos, e os separou um do outro, um dos dois deixados na terra, o outro, a saber, Elias, carregado no alto... mas onde o vento... o levou, ou em que lugar o deixou, as Escrituras não nos disseram. Dizem, no entanto, que

alguns anos depois, uma carta alarmante dele, cheia de ameaças, foi entregue ao rei Jorão de Judá”.¹⁹

Ao comentar sobre o traslado de Elias, assim como faz com Enoque, Josefo não diz que Elias foi levado ao Céu de Glória, mas apenas diz que:

“Foi sob o seu reinado que Elias desapareceu, sem que jamais se tenha podido saber o que aconteceu a ele. Ele deixou, como já disse, Eliseu, seu discípulo. E bem podemos ver nas Sagradas Escrituras que Elias e Enoque, o qual viveu antes do dilúvio, **desapareceram do meio dos homens, mas nunca se soube que tenham morrido**”.²⁰

- o grifo é meu.

Outra prova usada para dizer que Elias não morreu é por ter aparecido a Jesus no Monte da Transfiguração. Isto seria uma prova de que Elias fez de fato ascendeu ao Céu? O registro bíblico da transfiguração de Jesus mostra outra realidade. Em Mateus 17:1-9 lemos:

“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte.

E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz.

E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias.

Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.

¹⁹ Ephrem, um primeiro cristão síriaco foi citado em Commentary On the OT, Keil & Delitzsch, Vol.3, p.209, nota 1)

²⁰ Idem nº 17, pg. 431.

Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo.

Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais!

Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus.

E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a **VISÃO**, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos”.

- O grifo é meu.

Destaquei no texto anterior a palavra “visão”, que em grego é *οραμα*. Essa palavra refere-se a uma “aparição sobrenatural, uma visão”. Apesar do texto deixar claro que eles tiveram uma “visão”, é surpreendente que alguém considere que essa passagem comprove que Elias foi levado para o Céu e continua vivo no corpo. Como essa visão ocorreu, sobre o que Jesus conversava com Moisés e Elias, e as implicações sobrenaturais do evento são aspectos que não me aprofundarei, pois ninguém sabe exatamente como uma visão se manifesta.

Para concluir este tópico, reafirmando, a principal base da interpretação de que Enoque e Elias realmente morreram é a Ressurreição de Jesus Cristo. Ninguém antes de Cristo pôde experimentar uma Ressurreição Gloriosa! Ninguém venceu a morte antes de Cristo! Somente Ele tem a “primazia” em tudo! Além do que é mencionado em Colossenses 1:17-18, que afirma que Cristo é “o primogênito de entre os mortos, para EM TODAS AS COISAS TER A PRIMAZIA”, temos também 1ª Coríntios 15:20, 22-23, que nos revela a sequência da ressurreição:

“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem”.

“Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.

Cada um, porém, por **sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo**, na sua vinda”.

- O grifo é meu.

É importante notar que a ressurreição segue uma ordem específica. Cristo foi o primeiro a ressuscitar de forma gloriosa, e depois, aqueles que pertencem a Ele receberão a mesma ressurreição. Ninguém antes teve acesso a essa experiência, seja por meio do arrebatamento ou da ressurreição. Para finalizar este tópico de maneira clara, o texto de Hebreus 11, que menciona o traslado de Enoque, também faz referência a todos os fiéis do Antigo Testamento, incluindo Elias. Ele afirma que **“todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas as viram de longe**, saudando-as e confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13 – o grifo é meu). Assim, a promessa da ressurreição não foi cumprida para nenhum deles, mas se concretizará apenas no último dia!

E como fica a questão do Hades e do Sheol?

A palavra Hades vem da língua grega Ἅιδης ou Ἄδης; transliterada Haides ou Hades, significa “o mundo dos mortos”, “o lugar que não pode ser visto”. Corretamente podemos traduzir como “Além”. Embora o Hades também possa significar a sepultura, a morada dos mortos, o túmulo escavado na terra, essa palavra tem mais a ver com os mortos no além-túmulo, porque para “sepultura” tanto o hebraico como o grego já têm as palavras corretas. Hades é algumas vezes traduzido como inferno, como local de tormento (Lucas 16:23).

Então podemos dizer que na morte tanto justos como injustos vão para o Hades, ou vão para o Além - como se diz atualmente.

Sobre os justos do Antigo Testamento, não existe nenhuma base bíblica que sustente a ideia de que, devido à ausência do sacrifício perfeito de Cristo, suas almas estivessem em um lugar chamado Hades ou Sheol antes de irem para o Céu.

Na mitologia grega Hades é o deus do mundo subterrâneo (ou Plutão, na mitologia romana), filho de Cronos e Réia, irmão de Zeus, Héstiá, Demeter, Hera e Poseidon. Ainda na mitologia grega, Hades dominava o mundo dos mortos (lugar onde só imperava a tristeza e a dor). Hades conseguiu tal domínio através de uma luta contra os titãs, que ele, Zeus e Poseidon venceram. Por isto, Poseidon ficou com o domínio dos mares, Zeus ficou com o céu e a Terra e Hades com o domínio das profundezas.

Por outro lado, a palavra hebraica Sheol no Antigo Testamento designava o local para onde iam as almas dos mortos (Números 16:30; Salmo 9:17). O equivalente de Sheol é a palavra grega Hades.

Portanto, tanto Hades como Sheol referem-se ao mesmo conceito, representando o lugar dos mortos. Segundo a perspectiva bíblica, todos nós, ao falecermos, iremos para o Sheol ou Hades. Como diz Salomão em Eclesiastes: “Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque **no além, para onde tu vais**, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma” (Eclesiastes 9:10 – o grifo é meu). Neste versículo de Eclesiastes a palavra hebraica é Sheol. Esse mesmo versículo na Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, a palavra é Hades.

Em resumo, no Dia do Juízo Final, após a ressurreição dos mortos, a morte e o próprio Hades serão lançados no lago de fogo, conforme mencionado em Apocalipse 20:14-15. Naquele dia, a morte não terá mais domínio e nem existirá mais, incluindo o Hades ou Sheol que passam ser desnecessários. A existência do Hades ou Sheol não dá suporte à doutrina do Estado Intermediário entre a morte e a

ressurreição, pois esse “lugar” é apenas o Além, o lugar não visto para onde os mortos vão.

Conclusão deste Capítulo: A Consciência da Imortalidade

A filosofia nos apresenta a intrigante questão: "Por que existe algo em vez de nada?" Parece que a existência do "nada" seria mais fácil, já que o nada é, por definição, a ausência de qualquer coisa, um vazio. O nada não requer energia, enquanto o que existe precisa de um "ser" para se manifestar. Assim, as coisas existem, e a vida — com a consciência dos seres humanos e dos animais — emergiu, permitindo-nos perceber e apreciar este mundo maravilhoso. E tudo isso surgiu do nada. Mas, se assim for, o que pode haver nesse nada? Seria a presença de Deus?

No contexto da criação, a tradição judaico-cristã afirma que Deus cria todas as coisas do nada, conforme expressa o verbo hebraico "bara" em Gênesis 1:1. Entretanto, essa criação não implica o uso de um material pré-existente. Deus não retira as coisas do nada, mas as manifesta a partir de Si mesmo. Tudo já existia Nele e se revelou no ato da criação. Nesse sentido, o maior milagre é a própria existência de todas as coisas. “Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem” (Hebreus 11:3).

Assim, quando afirmamos que a imortalidade humana não é um acidente, mas parte da essência do ser humano, estamos dizendo que a imortalidade é uma característica fundamental e inerente à natureza humana. Isso implica que, ao contrário das propriedades acidentais, que podem mudar — como a aparência física ou o estado emocional — a imortalidade é vista como um atributo essencial que define a

humanidade. Essa compreensão sugere que a vida humana transcende o mero aspecto físico e temporal, apontando para uma dimensão espiritual que sustenta a continuidade da existência após a morte, pois sabemos que “tudo quanto Deus faz durará eternamente” (Eclesiastes 3:14).

Uma vez que tudo parte do pressuposto da existência de Deus, todas as demais realidades são medidas por essa pressuposição. Os ateus, por sua vez, partem da premissa de que Deus não existe, o que molda suas visões e culmina na ideia de que os vivos retornam a um estado de inexistência após a morte.

A existência do Universo e as questões filosóficas e metafísicas sugerem que, além do físico, há também uma dimensão espiritual. Em Sua misericórdia, Deus, consciente da fraqueza humana, materializou o que é invisível ao enviar Seu Filho, Jesus Cristo, ao mundo. A ressurreição de Cristo representa a maior prova da vida após a morte e da imortalidade, oferecendo um testemunho que se alinha com as expectativas da ciência humana. Essas evidências serão exploradas em mais detalhes nos próximos tópicos.

- Capítulo 3 -

O que Acontece Após a Morte? Sono da Alma ou Consciência Além Túmulo?

Diversos grupos religiosos mortalistas ensinam que, após a morte, o ser humano entra em um estado de inconsciência e deixa de existir. Entre esses grupos, destaco os mais conhecidos: as Testemunhas de Jeová e os Adventistas do Sétimo Dia.

As Testemunhas de Jeová afirmam:

“A respeito da condição dos mortos, a Palavra de Deus diz: “Os viventes estão cômnicos de que morrerão; os mortos, porém, não estão cômnicos de absolutamente nada, nem têm mais salário, porque a recordação deles foi esquecida. Também seu amor, e seu ódio, e seu ciúme já pereceram, e por tempo indefinido eles não têm mais parte em nada do que se tem de fazer debaixo do sol.” — Eclesiastes 9:5, 6”²¹

Os Adventistas do Sétimo Dia afirmam:

“A Bíblia descreve a morte como um estado inconsciente, um sono profundo do qual a pessoa aguarda a ressurreição. Salomão, o homem mais sábio que já viveu, escreveu: “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma”

²¹ Qual é a condição dos mortos? Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1994761>
Acessado dia 15/10/2024

(Eclesiastes. 9:5). E o salmista declara claramente: “Os mortos não louvam o Senhor, nem os que descem à região do silêncio” (Salmos 115:17)”.²²

Embora todos os grupos mortalistas utilizem Eclesiastes 9:5 para afirmar que os mortos entram em um estado de inconsciência na sepultura, surpreendentemente, esse mesmo texto prova o contrário. O versículo afirma que os mortos não terão mais “recompensa” ou “salário”. Se considerarmos isso, poderíamos argumentar que a Bíblia apresenta uma contradição ao afirmar que justos e injustos serão recompensados. Vários versículos falam sobre recompensas e juízo com base nas ações das pessoas (Apocalipse 20:12; Romanos 2:6-8; 2ª Coríntios 5:10; Gálatas 6:7-8).

Se o “salário” ou “recompensa” mencionado em Eclesiastes 9:5 não se refere a uma condição após a morte, então todas as outras afirmações do versículo — como o fato de os mortos não estarem cientes de nada, de suas recordações estarem esquecidas, e que o amor, o ódio e o ciúme pereceram — também se referem ao que deixaram para trás na Terra. Não há, portanto, nada deste mundo que os mortos estejam vivenciando após a morte por que eles estão vivendo em outra realidade. O versículo é claro ao afirmar que o que se encerra para eles é o que acontece “debaixo do sol”.

Os que morreram antes de nós simplesmente não sabem nada sobre o que ocorre neste mundo. Eles têm consciência apenas de outra realidade: a presença de Cristo. O apóstolo Paulo escreveu que, imediatamente após a morte, estamos presentes diante do Senhor (2ª Coríntios 5:8). Além disso, o autor de Hebreus afirma que, após a morte, segue-se o Juízo (Hebreus 9:27). Portanto, embora os mortos possam estar inconscientes do que acontece neste mundo, não estão

²² Crenças fundamentais dos adventistas: Morte e Ressurreição. Por Ted Wilson. Site: <https://noticias.adventistas.org/pt/crencas-fundamentais-dos-adventistas-morte-e-ressurreicao/#:~:text=A%20B%C3%ADblia%20descreve%20a%20morte,9%3A5>). Acessado dia 15/10/2024

inconscientes do que se passa no Além-túmulo. Sob essa perspectiva, fica evidente por que não podemos nos comunicar com nossos entes queridos falecidos: existe uma barreira entre nós e eles. Essa separação enfatiza a natureza distinta da vida após a morte, onde os que partiram não têm mais conexão com o mundo terreno.

Essa perspectiva nos leva a compreender que, embora os falecidos não percebam a vida terrena, eles têm uma consciência plena na presença de Deus, enfrentando o juízo e as consequências de suas escolhas. Assim, a transição da vida para a morte não implica uma ausência de consciência, mas sim uma mudança para uma nova realidade espiritual.

Por outro lado, também devemos considerar que morrer é estar com Cristo. Como está escrito em Filipenses 1:23:

“Mas de um e outro lado estou constringido, tendo desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomensuravelmente melhor”.

Estar com o Senhor, que possui todo o tesouro da sabedoria e do conhecimento, implica que os mortos não precisam necessariamente estar ausentes de entendimento. Essa presença com Cristo sugere que, embora eles não tenham consciência do que acontece neste mundo, podem experimentar uma nova forma de conhecimento e compreensão na dimensão espiritual em que se encontram.

Embora o falecido não esteja ciente dos acontecimentos da perspectiva “debaixo do Sol”, há uma perspectiva filosófica e teológica que sugere que, em um plano mais elevado, ele pode ter uma compreensão do que se passa na Terra. Essa ideia é frequentemente explorada nas tradições que acreditam na continuidade da consciência após a morte. Acredita-se que, de alguma forma, o conhecimento do falecido e sua comunhão direta com Cristo se entrelaça com o cosmos e as experiências dos vivos das

quais ele não tem acesso direto e nem interfere como ensina doutrina espírita.

Platão, por exemplo, abordou a questão do conhecimento como uma forma de recordar verdades eternas que a alma já conheceu. Nesse sentido, o falecido poderia estar em uma posição de contemplação, onde sua alma, livre das limitações físicas, experimenta uma compreensão mais profunda da realidade, embora não tenha acesso direto aos eventos cotidianos.

No capítulo 9 de Eclesiastes, não é apenas o versículo 5 que é citado para afirmar que os mortos estão inconscientes no “sono da alma”. O versículo 10 também é utilizado para reforçar essa ideia:

“Tudo o que a tua mão encontrar para fazer, faze-o conforme as tuas forças; pois no além, para onde tu vais, não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma”.

Essa passagem para os mortalistas também sugere que, após a morte, não há mais atividade ou consciência, alinhando-se à interpretação de que os mortos permanecem em estado de inatividade. A palavra traduzida como “além” é Sheol no hebraico bíblico e Hades na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento). Ambas as palavras significam “habitação dos mortos”.

A interpretação que defende que Eclesiastes 9:10 não se refere à inconsciência após a morte se baseia em alguns pontos:

1. Contexto do texto: O livro de Eclesiastes é cheio de reflexões sobre a vida sob a perspectiva humana e enfatiza a importância de viver plenamente enquanto se tem vida. O versículo destaca a urgência de aproveitar o presente.
2. Sheol como estado de existência: Em algumas interpretações, o Sheol é visto mais como um lugar ou estado que representa a

morte, mas não necessariamente implica inconsciência. A ideia é que as oportunidades e ações que temos na vida são limitadas e que, uma vez mortos, não podemos mais agir ou contribuir no mundo.

3. Ênfase na vida: A mensagem central do versículo está na valorização da vida e da ação enquanto estamos vivos. Isso sugere que a motivação é mais sobre fazer o melhor no presente, já que a morte encerra as oportunidades de realizar obras ou ter conhecimento.

Essas interpretações buscam destacar que Eclesiastes incentiva uma vivência ativa e consciente, mesmo diante da incerteza da vida e da morte. E deve ser lembrado que o livro de Eclesiastes tem um estilo literário reflexivo e filosófico, caracterizado por uma busca por sentido na vida e uma análise da futilidade das coisas. A expressão “debaixo do sol” aparece 29 vezes, simbolizando a perspectiva humana e a limitação da experiência terrena.

•••

O Salmo 146:4 diz:

“Sai o espírito dele, e ele volta para a sua terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos”.

No hebraico, a palavra usada para “pensamentos” neste versículo pode se referir a “planos”, “intenções” ou “reflexões”.

A ideia de que “os pensamentos perecem” pode ser interpretada como uma ênfase na futilidade das preocupações e planos humanos, que não têm continuidade após a morte. Esse Salmo em questão sugere que, ao morrer, a pessoa não é mais capaz de realizar suas intenções ou planos no mundo físico – sejam elas boas ou más. Isso não implica necessariamente em um estado de inconsciência, mas sim na cessação da capacidade de ação com pensamentos bons ou maus.

No final das contas, longe de falar sobre estado de inconsciência após a morte, a mensagem do Salmo é sobre aproveitar o tempo e as oportunidades enquanto estamos vivos, pois, uma vez que o espírito deixa o corpo, não há mais atividade ou pensamento. O foco do salmista não está na consciência ou inconsciência após a morte, mas na importância de viver plenamente e agir no presente.

•••

Os textos de Isaías 38:18-19; Jó 14:21 e Salmo 30:9 também são usados para defender que os mortos estão inconscientes na sepultura. Mas esses versículos são reflexões sobre a vida e a adoração enquanto estamos vivos, sem necessariamente negar a existência da consciência após a morte, pois as Escrituras Sagradas podem ser lidas em um contexto mais amplo, que inclui a esperança de vida eterna ou a continuidade da alma.

É importante ter cautela ao interpretar textos proféticos, simbólicos e poéticos, para não formular doutrinas que neguem a existência do ser humano em um estado consciente após a morte. O fato de que os mortos não louvam ao Senhor indica que eles estão na sepultura, sem seus corpos, e não estão louvando a Deus em vida.

Levando em consideração que até a ira humana e toda a criação louvam ao Senhor (por exemplo, Salmo 148:1-13), podemos imaginar que os mortos no Além-túmulo também estão louvando a Deus. Na passagem em que Jesus discute com os saduceus, Ele afirma que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele (Lucas 20:38). Isso sugere uma continuidade da vida e da adoração, mesmo após a morte, algo que não é visto nos cemitérios com os corpos mortos das pessoas. Nos cemitérios os mortos não louvam a Deus!



Agora, vou analisar a questão do “sono da alma”. Se considerarmos essa ideia de forma literal, isso implicaria que os mortos estão em um estado de inconsciência. No entanto, essa interpretação é problemática. Mesmo entre os vivos, não existe um estado completo de inconsciência durante o sono. Estudos científicos mostram que, enquanto dormimos, nosso cérebro continua ativo, processando informações e gerando sonhos, o que demonstra que não estamos totalmente apagados.

Portanto, se levamos a analogia do sono da alma de forma literal, devemos admitir que a alma do falecido experimenta consciência após a morte.

Para fins de informação, uma boa referência bibliográfica que aborda a atividade do cérebro durante o sono é *Why We Sleep: Unlocking the Power of Sleep and Dreams* (Scribner, 2017), do escritor Matthew Walker.²³ Neste livro, Walker explora os diferentes estágios do sono e discute como o cérebro permanece ativo durante o sono REM, onde ocorrem a maioria dos sonhos, desafiando a ideia de que estamos em um estado de inconsciência total.

Os mortalistas, ao defenderem a ideia do “sono da alma” após a morte, que sugere um estado de inconsciência, podem deixar passar importantes nuances teológicas. Mais do que simplesmente considerar o sono como um estado de inatividade, essa concepção

²³ Matthew Walker é um neurocientista e professor de psicologia e neurociência na Universidade da Califórnia, Berkeley. Ele é Ph.D. em neurociência e tem um amplo histórico de pesquisa sobre o sono e seus efeitos na saúde e no desempenho humano. Walker também é um especialista reconhecido internacionalmente e tem contribuído significativamente para a compreensão científica do sono, abordando temas como a importância do sono para a memória, aprendizado e saúde geral.

pode estar intimamente ligada à rapidez da transição entre a morte e a ressurreição.

Na teologia cristã, por exemplo, a metáfora do sono é utilizada para expressar a esperança na ressurreição, enfatizando que, assim como o sono é um breve intervalo antes de um novo despertar, a morte não é um fim absoluto, mas um momento de espera até o retorno de Cristo.

O Sono da Alma e a Passagem do Tempo no Mundo Espiritual

A ideia bíblica de “dormir” na morte está ligada a passagem do tempo no mundo espiritual. É inegável que a percepção do tempo no mundo espiritual não se alinha com a experiência temporal do mundo físico. Mesmo dentro do nosso Universo físico, o tempo se comporta de maneiras distintas; um exemplo clássico é o dos irmãos gêmeos. Quando um dos gêmeos viaja em alta velocidade pelo espaço (velocidade da luz), ele experimenta o tempo de forma diferente do que seu irmão que permanece na Terra, ilustrando como a relatividade do tempo é uma realidade científica.

O paradoxo dos gêmeos ilustra como a relatividade do tempo pode afetar a percepção da idade. Quando um gêmeo viaja em alta velocidade no espaço e depois retorna, ele encontra seu irmão, que permaneceu na Terra, mais envelhecido ou mesmo morto. Isso demonstra que o tempo não é uma constante universal, mas é influenciado pela velocidade e pela gravidade, revelando a complexidade da experiência temporal.

Antes de aprofundarmos a questão do tempo no plano espiritual, é importante ressaltar que nós, assim como os anjos, os animais e todos

os seres, somos, de certa forma, “filhos do tempo”. Nossa existência é marcada por ciclos temporais, enquanto a eternidade — um conceito que transcende a temporalidade — pertence unicamente a Deus.

Teologicamente, a eternidade de Deus é compreendida como um estado além da limitação temporal, onde passado, presente e futuro coexistem em um único momento divino. Essa ideia é sustentada pela noção de que Deus, sendo o Criador, não é sujeito a suas próprias criações. Filosoficamente, isso implica que a eternidade não é apenas uma duração infinita, mas uma qualidade essencial de Deus que reflete Sua natureza imutável e atemporal. Assim, enquanto nós experimentamos o tempo como uma sequência linear e fragmentada, Deus habita um “ETERNO AGORA”, onde toda a realidade é plenamente conhecida e realizada.

Sendo eterno, Deus não teve princípio e nem terá fim de existência. Deus é espírito, e acerca de Si mesmo Ele diz: Eu Sou! (Êxodo 3:14).

Sobre a eternidade de Deus, o teólogo Paulo de Aragão Lins escreveu que “a eternidade não tem ontem, nem hoje, nem amanhã. Sempre foi, sem passado, sem presente, nem futuro. Não tem duração, nem tempo, nem passagem, nem decorrer. É sempre. Não começou, nem terminará”.²⁴

É muito difícil para a mente humana entender o mistério da eternidade. Sobre isto, o teólogo W. E. West nos diz que “o tempo é uma presença transitória em contraste com a eternidade que é uma presença permanente. Visto que o tempo presentemente coexiste

²⁴ Artigo: A Eternidade e o Infinito: Reflexões sobre a Eternidade e o Infinito. Autor: Paulo de Aragão Lins. Site: www.webartigos.com Data: Publicado em 19 de março de 2009.

com a eternidade, o homem, que é uma criatura do tempo, tem dificuldade em diferenciá-los”.²⁵

Retornando à questão do tempo no mundo espiritual, tanto para as criaturas humanas quanto para as celestiais, vou agora explorar o conceito de 'evo', também conhecido como 'eviternidade'.

A concepção do “evo” ou “eviternidade”, do ponto de vista das criaturas espirituais, refere-se a como elas vivenciam o tempo. Ao contrário da eternidade de Deus que vimos acima, que é atemporal e imutável, as criaturas celestiais experimentam o “evo” como um fluxo de eventos que não é linear como o que conhecemos aqui na Terra.

Nesse contexto, o “evo” representa uma forma de tempo em que as experiências e os eventos estão interligados de maneira diferente. As criaturas podem ter acesso a momentos passados e futuros de forma simultânea, permitindo uma compreensão mais rica e abrangente da realidade. Isso significa que, para elas, memórias e previsões não são separadas por uma linha do tempo rígida, mas coexistem em uma espécie de presente contínuo.

Esse entendimento pode influenciar como as criaturas celestiais percebem suas ações e decisões, já que o “evo” permite uma visão mais holística de suas experiências e relacionamentos. É uma forma de tempo que valoriza a conexão e a integração das experiências espirituais, ao invés de uma sequência rígida.

Abordarei no próximo tópico a relação entre o evo e o Estado Intermediário.

²⁵ Artigo: Eternidade e Tempo - Distinção entre Eternidade e Tempo Ilustrada. Autor: W. E. West. Traduzido por: Felipe Sabino de Araújo Neto. Cuiabá-MT, 21 de Julho de 2004. Site: www.monergismo.com Data: 08/09/2012

A Doutrina do Estado Intermediário

A doutrina do Estado Intermediário refere-se ao período entre a morte e a ressurreição, onde as almas aguardam o Juízo Final, com experiências de recompensa ou punição, dependendo da tradição das denominações cristãs.

A Confissão de Fé Batista Capítulo 31: Do Estado do Homem depois da Morte e da Ressurreição dos Mortos:

“Os corpos dos homens após a morte retornam ao pó para ver a corrupção, mas suas almas, que nem morrem nem dormem, têm uma existência imortal, retornam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas em santidade, são recebidas no paraíso, onde eles estão com Cristo e contemplam a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção de seus corpos e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde permanecem em tormentos e completa escuridão, reservadas para o juízo do grande dia, além desses dois lugares, para as almas separadas de seus corpos, a Escritura não mostra nenhum outro. (Gênesis 3:19, Atos 13:36; Eclesiastes 12:7, Lucas 23:43, 2 Coríntios 5:1, 6,8, Filipenses 1:23, Hebreus 12:23; Judas 6, 7, 1 Pedro 3: 19, Lucas 16:23, 24)”²⁶

Tradicionalmente, ensina-se que, durante esse período, as almas dos justos estão no Céu, enquanto as almas dos perdidos aguardam julgamento no Inferno. Para fundamentar a ideia do Estado Intermediário, utiliza-se a parábola do rico e Lázaro em Lucas 16:19-31, além do relato das almas sob o altar em Apocalipse 6:9-11. Nem todos os teólogos concordam com a existência do Estado Intermediário, uma vez que o que o Novo Testamento menciona

²⁶ Confissão de Fé Batista Capítulo 31: Do Estado do Homem depois da Morte e da Ressurreição dos Mortos . Site www.historicism.com

sobre esse Estado é, segundo o teólogo G. C. Berkouwer, apenas “um sussurro”.²⁷

O Novo Testamento não oferece uma descrição antropológica detalhada ou uma exposição teórica sobre o Estado Intermediário.

Alguns teólogos afirmam que a doutrina do Estado Intermediário gerou um terreno fértil para o surgimento de conceitos como o purgatório e a intercessão dos santos, que carecem de respaldo bíblico consistente.

A ideia de um Estado Intermediário surge da dificuldade dos vivos em perceber além do tempo físico, pois na morte o tempo físico termina e dá início à “eviternidade” ou “evo”, que é o “tempo psicológico” ou “tempo da alma”, em contraste com o tempo físico – conforme vimos no tópico anterior. O evo representa o tempo que ocupa o Estado Intermediário. Ao falecer, o ser humano deixa o tempo físico, mas não alcança a eternidade, que é exclusiva de Deus, como também foi discutido anteriormente. Assim, o que permanece é o “evo” como passagem do tempo.

O conceito de “evo” não se restringe ao tempo como o entendemos, marcado pelo incessante movimento dos ponteiros do relógio ou pelo ciclo do dia e da noite. O “evo” é medido pelo período que um Anjo leva para realizar uma ação, seja ela um pensamento ou uma obra concreta. O Anjo leva o tempo de um evo para concretizar suas intenções.

Mas quanto tempo um Anjo realmente precisa para executar uma ação, seja intelectual ou material? Essa questão é extremamente complexa para a mente humana. A ação de um Anjo pode ocorrer

²⁷ O Estado Intermediário dos Mortos. Escrito por Marco Panaggio. Site: <http://www.e-cristianismo.com.br/teologia/o-estado-intermediario-dos-mortos.html?tmpl=component&print=1> Acessado dia 18/10/2024

com a rapidez de um relâmpago, mas também pode se estender por milênios. Assim, o “evo” transcende nosso tempo cotidiano, tornando-se quase incomparável a ele.

A noção de “evo” oferece uma explicação para a aparente omissão do Estado Intermediário na Bíblia. Pode parecer curioso que as Escrituras omitam detalhes sobre o Estado Intermediário, já que muitas pessoas acreditam que o assunto é bastante claro nelas. No entanto, o fato é que falamos excessivamente sobre um tema que, na verdade, é apenas um "susurro" nas Escrituras. Damos muita ênfase ao Estado Intermediário porque, como filhos do tempo físico, percebemos que, após dois mil anos, Cristo ainda não retornou. Observamos que aqueles que morreram desde Adão até hoje estão em um período intermediário. No entanto, o que para nós parece demorar tanto, talvez para eles seja apenas um instante, como um abrir e fechar de olhos.

Uma vez que o tempo no mundo espiritual difere do tempo no mundo físico, é natural supor que, de alguma forma, os mortos vivenciam o período intermediário entre a morte e a ressurreição de maneira diferente de nós. Muitos eruditos bíblicos perceberam essa questão da passagem do tempo no mundo espiritual. Um deles é Frederick Fyvie Bruce. Ele explica fazendo um contraste entre a nossa “perspectiva histórica terrena” e a “consciência” de quem morre.

Observe suas palavras:

“A tensão criada pelo intervalo proposto entre a morte e a ressurreição pode ser avaliada hoje em dia, se for sugerido que, na consciência do crente que faleceu, não há intervalo entre a dissolução e revestimento, por mais longo que seja o intervalo medido pelo calendário da história humana terrena.

Com tal observação Bruce pressupõe outra medida de tempo para os mortos. Ele foge da concepção do sono da alma quando afirma que, na consciência do falecido, não há intervalo de tempo. Ao mesmo tempo propõe uma “ressurreição imediata” fugindo da concepção de uma existência sem corpo ou de um corpo intermediário. Assim, para Bruce, em 2ª Coríntios, temos uma grande novidade quanto ao Estado Intermediário: receberemos o corpo ressurreto e espiritual de 1ª Coríntios 15”.²⁸

Em suas reflexões sobre o estado intermediário, o pastor presbiteriano Carlos R. Caldas oferece uma perspectiva profunda e instigante:

“...temos que lembrar do conceito de tempo”. [Este] “é um conceito extremamente difícil de entender. O tempo é um mistério, tanto em termos físicos, filosóficos e teológicos”.

Ainda segundo Caldas, “nós estamos no tempo, mas quem já se foi está fora do tempo. Portanto, o intervalo entre a morte e a ressurreição é mais para nós do que para eles que se foram. Quem está fora do tempo, um segundo ou menos, é como se fosse um tapa”.²⁹

O teólogo José Luiz Martins Carvalho, em seu artigo *“Imortalidade da Alma ou Ressurreição da Vida?”* fala da mudança temporal para quem morre:

“E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo” (Hb 9.27). O juízo segue-se à

²⁸ 2 CORÍNTIOS 4.16-5.10 COMO FUNDAMENTAÇÃO EXEGÉTICA DO ESTADO INTERMEDIÁRIO EM JOÃO CALVINO. Autor: PR. Rômulo A. T. Monteiro. Blog: www.romulomonteiro.blogspot.com Acessado em 22 de Abril de 2013.

²⁹ Vídeo: A Morte. Debate do pastor presbiteriano Dr. Carlos R. Caldas com Leandro. Quadros da igreja Adventista. Site: www.rittv.com.br/vejamos Acessado em 10 de Abril de 2013.

morte, pois passa-se do chrónos ao kairós, muda-se o parâmetro temporal. Do tempo linear para a eternidade. Logo, para o cristianismo bíblico não há imortalidade nem sono da alma, mas apenas a mudança de estado do tempo para a eternidade. Na Parousia, tempo e eternidade se encontrarão. É isto que, hoje, ansiosamente aguardamos!”³⁰

Seria melhor se Carvalho tivesse usado o termo “eviternidade” em vez de “eternidade”, porque esta última pertence somente a Deus. Mas vamos entender “eternidade” apenas como uma força de expressão para a vida eterna fora do tempo físico.

O reformador Martinho Lutero também parecia compreender o estado pós-morte de maneira semelhante. Em seus ensinamentos, havia uma tensão entre o tempo e a eternidade, e ele não conseguia explicar como um falecido poderia estar na vida eterna, já ressuscitado no último dia, que para nós aqui na Terra ainda está no futuro.

O teólogo Charles Grimm, citando o teólogo Paul Althaus, diz que “Lutero via na palavra proferida por Deus, seja em graça ou em juízo, a eternidade do ser humano. Não seria uma alma, mas o ser integral, como um todo que está vivo para Deus, apesar de morto. No entanto, Lutero não explica como isso seria possível ao comentar sobre Jesus e a ressurreição (Mt 22) - “Deus não é o Deus de mortos, mas de vivos”. A imortalidade, para Lutero, não está na alma humana, mas na palavra dita por Deus. Lutero fazia o seguinte silogismo: “Se Deus se apresenta a você como seu Deus, então você está vivo para Deus, mesmo quando você está morto”.³¹

³⁰ Imortalidade da Alma ou Ressurreição da Vida? Por José Luiz Martins Carvalho. Site: www.teologiahoje.blog.com Acessado em 07 de Abril de 2013.

³¹ Lutero, a Morte e o Post Mortem: Ars moriendi protestante - uma breve introdução Por GRIMM, Charles. Texto originalmente publicado na revista iProdigo em que o tema da publicação foi “Morte e Vida”. GRIMM, Charles. “Lutero, a Morte e o Post

Althaus continua:

“...de acordo com Lutero, isso se aplica como verdade para todo o homem – mesmo que Deus não fale com ele em graça, mas "em ira". Não há base alguma para um homem afastar-se, ou fugir da sua relação com Deus pela morte do seu corpo. O fato de que Deus falou com ele continua a ser o seu destino inevitável”.³²

O pensamento do Reformador Protestante Martinho Lutero sobre a vida após a morte às vezes parece se aproximar de uma espécie de sono da alma:

“Deveríamos exercitar-nos na fé e acostumar-nos a desdenhar da morte e encará-la como um sono profundo [...] ver o esquife como o colo ou o paraíso do Senhor Cristo, contemplar a sepultura como nada mais do que uma cama macia, pois assim verdadeiramente é tudo diante de Deus”.³³

Mas por outro lado, o Reformador dá a entender que há vida após a morte. Mas não entra em detalhes:

“Como as almas descansam nós não sabemos; no entanto, é certo que elas vivem”.³⁴

E, nas “Tischreden” (conversas à mesa), em resposta à sua esposa, ele diz:

“Sim, você, também já está no céu [...] Abraão vive também. Deus é Deus dos vivos [...] Agora, se alguém disser que a alma de

Mortem: ars moriendi protestante - uma breve introdução”. Revista iPródigo, No 2 (2012), p. 50-57.

³² Idem nº 31.

³³ Idem nº 31.

³⁴ Idem nº 31.

Abraão vive com Deus, mas seu corpo está morto; esta distinção é uma bobagem [...] Esta é a maneira de vocês filósofos falarem: “Depois que alma partir do seu domicílio, etc”. Seria uma alma estúpida se ela estivesse no céu e desejasse o seu corpo!”³⁵

Grimm conclui que, “talvez, é melhor chamar o pensamento de Lutero sobre o estado após esta vida de “sono da morte” e não de “sono da alma” inconsciente. O cristão teria uma alma que descansa alegremente em Deus – o que implica algum estado de consciência, mas que Lutero não sabe como elucidar a exemplo do caso de Abraão. Por outro lado, para Lutero, o estado anterior à ressurreição parece que cairá no esquecimento. [Lutero escreveu que] “Repentinamente ressuscitaremos no último dia, sem conseguir compreender como morremos e como passamos pela morte”.³⁶

Grimm mostra que Lutero fala algo muito interessante sobre a partida da alma deste mundo e a passagem do tempo:

“Um exemplo do que define a certeza, a esperança cristã, para Lutero, são as palavras de Cristo em Jo 11.26: “Aquele que crê em mim, nunca morrerá”. Para Lutero, o “lugar” de descanso está na palavra de Deus e na promessa de Cristo. **E, no último dia, todos, crentes ou não, ressuscitarão para o juízo, uns para vida eterna com Cristo e outros para a condenação eterna.** A esperança e a alegria do porvir são aguardadas no dia da ressurreição. “**Cairemos no sono até que ele [isto é, Cristo]** venha e bata à porta do tumultozinho e diga: ‘Doutor Martim, levanta!’ Então me levantarei no mesmo instante e serei eternamente feliz com ele”.

Interessante é também a explicação do reformador sobre as palavras de Cristo ao ladrão da cruz: “hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. No inverno de 1542 ou 1543, nas “Tischreden”

³⁵ Idem nº 31.

³⁶ Idem nº 31.

(conversas à mesa), alguém pensando em Lc 23.43 perguntou a Lutero se **a alma escapa imediatamente do corpo mortal entrando no paraíso. E o reformador responde: Sim, o que significa esta palavra “hoje”? É verdade que a alma ouve, sente, e vê depois da morte, mas como isso ocorre nós não entendemos [...] Se nós tentássemos imaginar isso de acordo [nossa concepção de tempo] nesta vida, nós seríamos bobos.** Cristo respondeu aos seus discípulos que eram, sem dúvidas, curiosos. [Ele disse] “Aquele que crer em mim, ainda que morra, viverá.” [Jo 11:25]. De forma similar [Paulo escreveu], “quer vivamos, quer morramos, somos do Senhor [Rm 14.8]”.³⁷

- o grifo é meu.

Em resumo, os teólogos mencionados anteriormente sustentam que a morte é, comparativamente, como uma noite de sono, representando uma rápida transição para o falecido. O que chamamos de Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição é, na verdade, uma perspectiva que se baseia em nosso tempo terreno. Para os mortos, a passagem desta vida até o dia da ressurreição seria como um abrir e fechar de olhos, enquanto, para os vivos, esse período pode se estender por centenas de anos.

A analogia do sono da alma funciona assim: em uma casa, as pessoas que dormem em suas camas (túmulos) são comparáveis aos mortos, enquanto os que permanecem acordados representam os vivos. Os que estão acordados veem a noite passar, hora após hora, enquanto os que dormem, para eles, essa passagem de tempo ocorre em um piscar de olhos. Embora pareça que estejam inconscientes, seu cérebro permanece ativo durante o sono, e até mesmo sonham. Assim é a representação da transição da morte para a vida eterna. Como isso acontece? Somente no dia em que vivenciarmos essa experiência, com um corpo glorificado e livre do pecado, poderemos compreender e vivenciar todas essas verdades que hoje nos parecem difíceis de entender.

³⁷ Idem nº 31.

Mas, o que a Bíblia diz? Até agora, utilizei inferências do texto bíblico, filosóficas sobre o tema, e citei teólogos e suas conclusões. No entanto, é nas Escrituras Sagradas que encontramos o verdadeiro suporte para a ideia de vida após a morte e a passagem no Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição. É a Bíblia que nos fornece tudo quanto foi falado anteriormente. O primeiro texto que gostaria de analisar está em Hebreus 9:27, que afirma claramente:

“E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo...”.

Sobre qual “juízo” o autor de Hebreus está falando? É óbvio que trata-se do Juízo Final no Dia da ressurreição, no último dia. No momento imediato da morte, o falecido entra no Juízo Final. Se o texto de Hebreus 9:27 for levado ao pé da letra (e deve ser), não encontramos nele uma sala de espera em um Estado Intermediário, seja no Céu ou no Inferno (Hades, Sheol), nem mesmo nada que envolva uma passagem do tempo. O que o autor deixa transparecer é que na morte, o falecido é levado ao último dia – como uma viagem no tempo. De fato, a morte é uma viagem no tempo. As pessoas encontram nela o seu futuro. Isto é óbvio! Não é apenas uma interpretação!

O teólogo batista Joe Haynes diz exatamente a mesma coisa:

“Nosso parecer sobre o estado do homem após a morte difere significativamente da Confissão, capítulo 31, que afirma: “Os corpos dos homens após a morte retornam ao pó, para ver a corrupção, mas suas almas, que nem morrem nem dormem, têm uma existência imortal, retornam imediatamente a Deus, que lhes deu”.

No entanto, a Escritura não é explícita sobre se há um estado intermediário entre a morte e a ressurreição do corpo. Ou crença

no transporte da alma desencarnada para o Paraíso, ou a crença no chamado “sono da alma”, para tais conclusões requer acreditar, imaginar e fornecer o que a Bíblia não define explicitamente.

Em João 14:1-3, Jesus ao abordar à angústia dos discípulos porque estava prestes a deixá-los, os tranquiliza dizendo que Ele voltará para recebê-los para que eles possam estar com Ele novamente. Jesus não diz aqui que se reunirá com o crente quando este morrer, mas só no dia de Sua Volta.

O retorno do Senhor é explicitamente descrito como o encontro do crente com o Senhor. No entanto, Paulo diz explicitamente em 2ª Coríntios 5:1-10, que:

- a) estar fora deste corpo terreno é estar presente com o Senhor (verso 8),
- b) quando morremos nós não seremos desencarnados, mas revestidos com um corpo celeste (em oposição a este corpo terrestre), que é descrito como “eterno” e, portanto, permanente, não temporário (versos 1-3).

Além disso, Paulo explicitamente coloca o momento da nossa ressurreição para receber nossos imortais ou corpos celestes com a segunda vinda de Cristo em 1ª Coríntios 15:20-23: “...então na sua vinda, os que pertencem a Cristo”.

O testemunho da Escritura é simples e claro:

- 1) Os cristãos serão reunidos com Cristo em sua Segunda Vinda;
- 2) Quando os cristãos morrem, e são separados deste corpo terrestre, eles são imediatamente reunidos com Cristo;
- 3) Os cristãos não serão desencarnados com a morte, mas ressuscitados em permanentes corpos sobrenaturais;

4) a ressurreição dos cristãos ocorre na segunda vinda de Cristo. Exatamente como isso funciona e quais as implicações deste ensinamento bíblico são, não é tornado claro nas Escrituras. Os apóstolos não parecem ter se interessado em satisfazer a nossa curiosidade, mas sim em nossa edificação com a esperança de nossa vida eterna e ressurreição no retorno de Cristo. No entanto, uma vez que Jesus foi capaz de dizer em João 8:58: “...antes que Abraão existisse, Eu Sou”, então certamente Ele é capaz de fazer com que a alma do falecido transcenda o próprio tempo e seja criada em um corpo de ressurreição simultaneamente:

a) imediatamente após a morte do corpo físico;

b) no retorno de Cristo à Terra. Certamente, não é impossível para Cristo preencher o intervalo de tempo entre a morte dos cristãos e seu retorno à Terra?”³⁸

³⁸ Joe Haynes. E-mail recebido em 25/03/2013 às 15:29 h. O Texto original em inglês segue abaixo:

Greetings Caesar. Sorry for the slow response. I have been very busy.

Regarding your questions:

Luke 16:19-31 - the story of Lazarus and the rich man

Revelation 6:9 - the souls under the altar

First, a parable usually has a main point, and the details are not supposed to teach us anything important except to support the main point. For example, in verses 1-9 of Luke 16, there is another parable: of the rich man's manager. This parable is not meant to teach us that we can go and reduce what other people owe to God. The main point is that wealth is not the most important thing in life, but rather it should be used toward eternal purposes which are most important. Likewise, in the second parable, the main point is that in spite of all the good things people might enjoy in this life, they will still end up in Hell if they do not repent. The details merely set the stage for the story and are not meant to teach us anything important other than to support the main point. This does not teach us that in Heaven we will be able to see Hell (verse 23) or that we can talk back and forth with people in Hell (verse 24 etc.). To be consistent, those who think we can learn something about the Intermediate State from this parable should also concede that the first parable teaches us to go around

Para resumir este tópico, na verdade, no dia da ressurreição recepcionaremos uns aos outros, pois chegaremos todos juntos. Há ordem de partida na morte (uns vão mais cedo, outros no meio do caminho e outros no fim em idade avançada), mas não há ordem de chegada no dia da ressurreição. Pelo fato de vivermos confinados ao tempo e ao espaço físicos, vemos cedo ou tarde a morte ou à partida de cada pessoa que deixa esta vida. Mas no Dia da ressurreição, na eternidade, não haverá ordem de chegada. Todos compareceremos diante do Trono de Deus de maneira simultânea; ao mesmo tempo.

Ficou claro neste tópico que junto a outros teólogos eu não creio em Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição. O que creio é que os mortos viajam no tempo para irem de encontro ao seu futuro eterno. Saindo do tempo físico para o tempo chamado “evo” (ou “eviternidade”), não resta para os falecidos uma sala de espera até o dia da ressurreição. Se ao morrermos, quando partirmos desta vida, é “estar com Cristo, o que é muito melhor” (Filipenses 1:23), então não pode haver Estado Intermediário, pois sendo Jesus a própria Verdade (João 14:6), estar diante dEle depois da morte significa ter toda a esperança plenamente realizada. Não pode haver esperança no Céu ou no Paraíso. Só os vivos permanecem com esperança: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1ª Coríntios 13:13). No entanto, aqueles que acreditam no Estado Intermediário sustentam que ainda existe esperança no Céu. Vemos isto nas palavras do teólogo Anthony A. Hoekema em seu livro *“A Bíblia e o Futuro”*. Ao comentar sobre 2ª Coríntios 5:1, escreveu:

and reduce the debt that other people owe to God. That kind of approach is a misunderstanding of how to interpret the literary genre of parables.

Historicism.com
Keruxai.com
Beaconcommunities.ca

“...tão logo nós, que estamos em Cristo, morreremos, entraremos numa existência celestial gloriosa, que não é temporária como a nossa existência atual, mas sim permanente e eterna. **Embora a primeira fase dessa existência venha a ser incompleta, esperando pela ressurreição do corpo na parúsia**, todo esse modo de eternidade, será glorioso, muito mais desejável do que a nossa existência presente”.³⁹

Observe que, para o teólogo Hoekema, o Estado Intermediário é 'a primeira fase dessa existência' e é 'incompleta', porque os mortos salvos em Cristo estão 'esperando pela ressurreição do corpo na parúsia'. Note que para ele os mortos estão “esperando”. Mas de acordo com as Escrituras, essa espera ansiosa se dá na criação corrompida pelo pecado (Romanos 8:22-27). Hoekema também cita Calvino sobre o período intermediário:

“[Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus”.

- 2ª Coríntios 5:1]

Calvino diz em seu comentário de 2Coríntios: “Eu prefiro entendê-lo [v. 1] como indicando que a condição de bênção da alma após a morte é o início desse edifício, e a glória da ressurreição final é a sua consumação”.⁴⁰

Hoekema complementa o comentário de Calvino dizendo que “essa interpretação da passagem, assim me parece, faz mais jus às palavras de Paulo e nos ajuda a compreender o futuro do crente como uma experiência unitária, embora dividida pela ressurreição em duas etapas. Ambas as etapas, porém, envolvem uma experiência de glória celestial”.⁴¹

³⁹ A bíblia e o futuro, pg. 114. Versão digital disponível na internet. Auto: Anthony A. Hoekema. Traduzido por Karl H. Kepler. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

⁴⁰ Idem nº 39, pg. 113.

⁴¹ Idem nº 39 pg. 114.

Se “a condição de bênção da alma após a morte é o início desse edifício”, então os mortos em Cristo ainda estão incompletos e mesmo no Céu têm de “esperar” ou ter “esperança” pelo dia da ressurreição final. Tudo se resolveria se a questão da passagem do tempo no mundo espiritual fosse entendida como um mistério e fosse levado em consideração que a Bíblia sussurra sobre esse assunto. Devemos também levar em consideração o fato de que estar com Cristo é estar com a esperança realizada e, portanto, isto significa ressurreição. Mas o resultado de não interpretar assim acaba criando ideias de que o crente terá “uma experiência unitária, embora dividida pela ressurreição em duas etapas”. A ideia de “duas etapas” me faz lembrar do Dispensacionalismo que ensina que a Segunda Vinda de Cristo acontece em duas etapas. A primeira etapa seria o Arrebatamento Secreto da Igreja. A segunda etapa é a Vinda final e gloriosa de Cristo visível para todo o mundo. Chamo essas interpretações de inferências, que consistem em tirar conclusões ou formar ideias com base em evidências disponíveis, mesmo que não sejam explicitamente declaradas.

Embora Hoekema recorra à ideia de uma existência desencarnada no Estado Intermediário, ele também demonstra que uma análise cuidadosa do texto de 2ª Coríntios 5:1 refuta claramente a noção de um Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição. Ele comenta:

“O versículo 1, portanto, nos relata o que acontece imediatamente após a morte: No momento em que a tenda terrestre, na qual vivemos agora, **estiver destruída ou dissolvida** (o tempo aoristo de *katalythō* alude **ao momento em que a morte acontece**), **nós temos imediatamente, não em algum tempo futuro, um edifício de Deus**”.⁴²

⁴² Idem nº 39 pg. 114.

Creio que por causa dessas interpretações os cristãos acabaram por dar mais ênfase à vida pós-morte como sendo uma existência desencarnada do que uma ressurreição dos mortos. Viver por um tempo no Céu sem o corpo físico não é a esperança cristã. Como poderia um crente depois da morte estar sem seu corpo diante do Senhor? Muitos para resolver esse problema acabaram por criar a ideia de que o crente terá um “corpo temporário” para estar diante do Senhor após a morte.

Mas devemos considerar que, no passado, Cristo “era o Verbo” (João 1:1) e, posteriormente, se tornou o homem Jesus (João 1:14). Se o homem Jesus Cristo “é o mesmo, ontem, hoje e para sempre”, isso implica que Ele permanece sendo homem, ao mesmo tempo em que continua sendo Deus. A igreja cristã sempre ensinou que Jesus Cristo é, simultaneamente, Deus e homem, possuindo duas naturezas em uma única Pessoa.

Um dos textos mais esclarecedores sobre esse tema é o de Apocalipse 1:17-18:

“Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: “Não tenha medo. Eu sou o primeiro e o último.

Sou aquele que vive. Estive morto mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves da morte e do Hades”.

A frase “estive morto” refere-se aos três dias em que Ele permaneceu na sepultura. Já a frase “mas agora estou vivo para todo o sempre” sugere fortemente que Ele não morre mais, ou seja, não se separa de Seu corpo físico jamais. Ele é alguém que está vivo atualmente, e Seu corpo é a prova incontestável de Sua ressurreição.

Portanto, não posso crer que os que dormem em Cristo estarão sem seus corpos diante do Senhor. Eles verão o Senhor cheio de glória com seus um metro e alguma coisa de altura, com cabelos,

dentos e unhas de carne e osso. Por isto, não creio que no Paraíso teremos essa visão do Senhor com seu corpo físico e nós despídos. Para que essas questões sejam resolvidas e não ajam conflitos com a interpretação dos textos bíblicos é hora de reavaliarmos o conceito de tempo no mundo físico e na esfera espiritual como coisas bem diferentes. Muitos já estão fazendo isso. Como bem disse o reverendo Caio Fábio:

“Um grupo considerável de pessoas neste fim de milênio já não pensa em “tempo” do mesmo modo que a maioria dos seres humanos ainda concebem essa dimensão”.⁴³

O teólogo José Luiz Martins Carvalho afirma que “a teoria platônica da imortalidade da alma deixa certas marcas mais profundas na obra de Orígenes (c. 185-253). A partir de então, através do contato com a filosofia platônica em Orígenes e, mais tarde, em Agostinho (c. 354-430), doutrinas como esta foram sendo plasmadas na mente dos crentes em geral, de modo que diz Oscar Cullmann: “Se hoje perguntarmos a um cristão, seja protestante ou católico, intelectual ou não, o que diz o Novo Testamento sobre a sorte individual do homem depois da morte, com poucas exceções a resposta será: ‘a imortalidade da alma’. Nessa forma esta opinião representa um dos maiores equívocos do Cristianismo” (CULMANN, Imortalidade da alma ou ressurreição dos mortos, p. 17)”.⁴⁴

Já demonstrei que a sobrevivência da alma fora do corpo não se trata especificamente de uma imortalidade. A palavra imortalidade está mais ligada ao corpo ressurreto. Mas essa ideia platônica de uma

⁴³ Artigo: Deus é Eterno. Autor: Anderson Fernandes Pereira. Site: www.ittanoticias.arautos.org/2011/02/deus-e-eterno/ Acessado em 14 de março de 2013.

⁴⁴ Idem nº 30.

vida eterna desencarnado contraria Romanos 8:22, em que o apóstolo Paulo mostra que sua esperança após a morte não era estar sem corpo com Jesus no Céu, mas ele disse: “gememos interiormente, esperando ansiosamente para a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”. Isso só pode significar a ressurreição no último dia.

“Hoje estarás comigo no Paraíso”

“Nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o castigo que os nossos atos merecem; mas este nenhum mal fez.

E acrescentou: Jesus, lembra-te de mim quando vieres no teu reino.

Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”.

– Lucas 23:41-43

A questão da vírgula em Lucas 23:43 é um tema de debate entre grupos mortalistas e imortalistas. A frase segundo os mortalistas deveria ficar assim:

“Em verdade te digo hoje, estarás comigo no Paraíso”.

A controvérsia gira em torno da colocação da vírgula. Se a vírgula é colocada antes de “hoje”, a frase seria entendida como Jesus afirmando que o ladrão estaria no Paraíso naquele mesmo dia. Porém, se a vírgula for colocada após a palavra “hoje” (como fiz acima), a interpretação muda, indicando que a promessa de estar no Paraíso se cumpriria em algum momento futuro.

A versão tradicional (com a vírgula antes de “hoje”) é frequentemente usada para apoiar a ideia de que a salvação é imediata. Em contrapartida, a versão com a vírgula depois de “hoje” é utilizada para sustentar a visão de que o Paraíso é um estado futuro, relacionado à ressurreição.

Isso pode ser solucionado se evitarmos um equívoco cometido por ambos os grupos de mortalistas e imortalistas. É que ambos os grupos – os que defendem a ideia de que os mortos estariam em um estágio de “hibernação” ou “inconscientes”, e aqueles que defendem que os mortos estão conscientes no Céu ou no Inferno – caem no mesmo equívoco de continuarem a interpretar a questão dentro da mesma perspectiva temporal terrena, ou seja, equivocadamente continuam a admitir algum tipo de “existência” entre o tempo chamado de Estado Intermediário. Seja essa existência em estado inconsciência ou não.

O que devemos entender é que quando Jesus fez a promessa ao ladrão ao Seu lado na cruz, Ele demonstrou claramente que não há um estado intermediário entre a morte e a ressurreição. Aqueles que defendem a ideia de que a alma permanece num estado de inconsciência na sepultura não percebem que, mesmo que sua doutrina fosse verdadeira, o Estado Intermediário seria imperceptível, pois, para a mente de quem partiu, a passagem de tempo seria como um piscar de olhos.

Por outro lado, aqueles que defendem a sobrevivência da alma fora do corpo (imortalistas) não também perceberam que Jesus ignora a passagem de tempo no Estado Intermediário ao prometer ao ladrão na cruz que, naquele mesmo dia, ele estaria com Ele no Paraíso. No entanto, o Paraíso é algo que acontecerá no futuro, no Éden restaurado nos Novos Céus e Nova Terra consumada. Quando o apóstolo Paulo viu o Terceiro Céu e o Paraíso, ele estava vendo o futuro. Assim, quando Jesus diz “hoje mesmo estarás comigo no paraíso”, Ele está se referindo ao futuro, sendo que, para a mente do falecido, esse “hoje” é, de fato, imediato. Mesmo que o conceito de sono da alma ou estado de inconsciência após a morte fosse verdadeiro, esse “hoje” ainda seria hoje mesmo; pois para o falecido seria num abrir e fechar de olhos a passagem do tempo.

Uma vez que provavelmente não há um Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição — sendo esse conceito mais significativo para os vivos no plano físico (porque são eles que veem a aparente demora da Segunda Vinda de Cristo e os mortos vivem em outro tempo fora do plano físico) — como podemos explicar conceitos como 'Céu', 'Terceiro Céu' e 'Paraíso'?

É isso que abordaremos no próximo tópico.

Redefinindo “Céu”, “ Terceiro Céu” e “Paraíso”

“Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor.

Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”.

- 2ª Coríntios 12:1-4

O que é o “Céu”? Onde fica? E o “terceiro céu” e o “paraíso”? Tenho percebido que muitas pessoas, especialmente religiosas, têm uma visão antiga sobre isso. Elas tratam essas realidades espirituais como se fossem apenas “lugares” geográficos, sem olhar além disso.

Devido à cultura e ao tempo em que vivem, as pessoas costumam imaginar o “além-túmulo” com base no que conhecem da Terra. É natural que alguém pense no Céu como um lugar onde o tempo passa da mesma forma que aqui na Terra.

Como essas são realidades que vão além da nossa imaginação, é compreensível que as pessoas falem do Céu usando referências da

Terra. Por isso, está escrito que “quem vem do alto está acima de todos; quem vem da terra é terreno e fala da terra...” (João 3.31). A mente humana tem dificuldade para compreender as realidades espirituais. Jesus mesmo disse a Nicodemos que “se, tratando de coisas terrenas, não me credes, como creereis, se vos falar das celestiais?” (João 3:12).

Redefinindo o “Céu” e sua Localização

A ideia de Céu é mal compreendida por muitas pessoas. Esse conceito foi reduzido a ideias muito simples. Quando falo sobre isso, gosto de citar o que o Rev. Dr. Ernest C. Lucas disse:

“Onde é o céu?”

Eu quero começar com uma pergunta que todos os pais cristãos que tem crianças novas já ouviu, “papai/mamãe, onde é o céu?”.

Quando eu estava na escola dominical, ainda costumávamos cantar aquele hino que continha as frases “há uma casa para pequenas crianças, sobre o céu azul”. Nunca foi uma imagem útil porque, como ainda mostrarei, ela não é bíblica, mas se tornou obsoleta com o início dos voos espaciais.

Foi esse tipo de imagem horrível que permitiu que o presidente Nikita Krushev da URSS alegasse que os astronautas russos haviam ido ao espaço procurar por Deus e não o acharam, então, provando que Ele não existe.

Como C. S. Lewis disse uma vez, que alguns de nós ficaríamos bem preocupados se achassem Deus, ou o céu, no espaço sideral. Minha resposta à pergunta da criança foi “céu é onde Deus está”.

Estou feliz por dizer que anos depois descobri que o eminente teólogo, Tom Wright, diz o mesmo, apesar de dizer isso na

linguagem mais sofisticada da teologia. Ele diz que “o céu é a dimensão de Deus da realidade em que vivemos”. Ele explica o que ele quer dizer usando como referência o texto de 2º Reis 6:15-19, no qual Eliseu e seu servo estão cercados pelo exército sírio. O servo diz: “Oh, mestre, o que faremos?” Eliseu então fala para ele não ter medo e ora “Deus, abra os olhos deste jovem”. Deus então abre seus olhos e ele vê a montanha cheia de carruagens e cavalos de fogo ao redor de Eliseu.

O que aconteceu foi uma súbita revelação de uma dimensão de nossa realidade que esteve sempre lá, mas normalmente invisível. Deus não existe em uma realidade totalmente separada da nossa. Ao invés disso, sua presença imediata, distinta de sua presença mediada, que é a que normalmente percebemos, existe normalmente em uma realidade invisível a nós. Por muito tempo pensei que era importante o fato de na história de Jesus sua ascensão não ser simplesmente desaparecendo no “brilhante céu azul” como um foguete deixando o Cabo Canaveral e sumindo na distância. Não, ele ascende um pouco e então uma nuvem o “recebe”.

Isso parece uma boa descrição para se mover de uma dimensão a outra. Essa ideia de céu como “a dimensão de Deus de nossa realidade”, que é uma parte invisível de nossa realidade, não deve nos parecer estranha, já que pelos últimos 20 anos os cosmologistas tem falado disso na Teoria das Cordas, na qual há pelo menos 10 dimensões da realidade, das quais seis existe de tal forma que não as percebemos – não que eu esteja sugerindo que o céu está em uma dessas dimensões; é só um exemplo”.⁴⁵

Seguindo a mesma linha da explicação acima, outro teólogo escreveu:

⁴⁵ E-book: A Escatologia Pode Ser Verde ? Autor: Rev. Dr. Ernest C. Lucas. Revista Cristã Última Chamada. Edição Especial Nº 013. Site: www.revistacrista.org Acessado dia 19/10/2024

“Em termos espaciais, podemos dizer que o termo “céus” refere-se ao avesso da realidade, isto é, àquilo que não é perceptível aos sentidos, à esfera espiritual, também chamada de “regiões celestiais”. Não se trata, portanto, de uma localização geográfica, algum ponto para além das galáxias. Quando se fala de céu como estando acima de nós, trata-se de uma metáfora que indica a sua superioridade em relação à esfera terrena.

Lembrando a teoria dos conjuntos que aprendemos ainda no ensino fundamental, o céu contém a terra. Estamos rodeados pelos céus, tanto o sideral, quanto o espiritual. Por isso, Paulo cita os filósofos gregos no areópago de Atenas: “Nele vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração” (Atos 17:28).

No sentido temporal, o termo “céus” refere-se ao futuro, ao porvir. O que hoje é latente, no futuro será patente. O que hoje se oculta, no futuro será revelado. Coisas que nossos olhos ainda não viram e nossos ouvidos jamais ouviram, todavia, já estão preparadas para aqueles que amam a Deus. Embora reais hoje, são imperceptíveis aos sentidos humanos, mesmo estando imersos nesta realidade.

Já o termo “terra” é uma referência ao presente, ao que nos é contemporâneo e patente aos olhos, ao momento histórico em que estamos vivendo”.⁴⁶

Redefinindo o “Terceiro Céu”

O Terceiro Céu descrito em 2ª Coríntios 12:2-4 pode ser definido assim:

⁴⁶ Artigo: Há Esperança para os que Partiram sem Conhecer a Cristo? Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.hermesfernandes.com Acessado dia 21 de Agosto de 2014.

“Conheço um homem em Cristo que há catorze anos (se no corpo, não sei, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao terceiro céu. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso; e ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar”.

Alguns teólogos acreditam que o homem de quem Paulo fala seria ele mesmo. Segundo o relato, este homem teria sido arrebatado catorze anos antes. Portanto, foi uma experiência histórica, passível de ser datada. O que Paulo não soube dizer era se teria sido uma experiência corpórea ou extracorpórea. Possivelmente, a sensação era de que todo o seu ser teria sido transportado e não apenas o seu espírito. Para onde ele teria sido transportado? Paulo fala de terceiro céu e o identifica com o paraíso. Logo, a primeira impressão que temos é que foi um transporte espacial, isto é, de um lugar (terra) para outro (céu).

O que seria o terceiro céu? Muitos intérpretes afirmam que o primeiro céu seria a atmosfera terrestre, o segundo céu seria o espaço sideral, e o terceiro céu seria o lugar do trono de Deus.

Sugiro uma leitura alternativa. Em vez de designações espaciais, designações temporais. Em vez de lugares, tempos.

Portanto, o terceiro céu não seria um céu acima dos dois primeiros céus, mas um tempo à frente desses. Tomo por base da minha interpretação um texto muito conhecido da segunda epístola de Pedro, segundo o qual o primeiro céu teria existido desde a criação até o dilúvio (2 Pe.3:5-6). Mais adiante, Pedro se refere aos céus atuais, que identificamos como o segundo céu: “Mas os céus e a terra de agora, pela mesma palavra, têm sido guardados para o fogo...” (2 Pe.3:7-8). Por fim, ele fala do terceiro céu ao referir-se aos “novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça” (2 Pe.3:13). É digno de nota que Pedro conjuga o verbo “habitar” no presente, como se o que nos aguarda no futuro já fosse real hoje. O futuro está presente entre nós. Portanto, o primeiro céu representa a era passada. O segundo céu, a era presente. E o terceiro céu, a era

futura. Logo, concluímos que Paulo fora arrebatado ao futuro. O único mistério que persiste é se foi uma experiência corpórea ou extracorpórea”.⁴⁷

Só para acrescentar o que foi dito no texto acima, a experiência que Paulo teve no Terceiro Céu, ele mesmo a chamou de “visões e revelações do Senhor” (2ª Coríntios 12:1). Quando os profetas bíblicos recebiam “visões” e “revelações”, eles estavam vendo o futuro. As visões do profeta Daniel e a de João no livro do Apocalipse são exemplos disso.

Portanto, posso acreditar que, quando Paulo foi levado ao Terceiro Céu, ele foi ao futuro, já que ainda estava vivo no presente. Assim, o primeiro Céu representa o passado, o segundo Céu corresponde ao tempo presente dos apóstolos, pois eles viviam sob a Antiga Aliança. Somente no ano 70 d.C., com a destruição de Jerusalém e de seu templo, a Antiga Aliança da Lei de Moisés, também conhecida como “céus e terra”, desapareceu para sempre. O Terceiro Céu é o futuro, é a realidade que a humanidade começou a viver após a primeira Vinda de Cristo, também conhecida como Novo Céu e Nova Terra. Embora já estejamos experimentando essa nova criação por sermos novas criaturas em Cristo, esperamos a sua plenitude no dia da ressurreição final e na restauração de todas as coisas.

Se alguém discorda, deve considerar que, de qualquer forma, o Terceiro Céu em estado de glória ainda está em nosso futuro, pois ainda não morremos para estar lá. Para Paulo e os apóstolos, enquanto estavam vivos, o Terceiro Céu em sua plenitude em uma Terra restaurada também era futuro. Agora, para eles, já é uma realidade presente!

⁴⁷ Artigo: Viagens no Tempo e a Bíblia - Para Além das Suposições. Autor: Hermes C. Fernandes. Fonte: www.hermesfernandes.com Acessado dia 8 de Setembro de 2013.

Redefinindo o “Paraíso”

O Paraíso é o Terceiro Céu conforme as palavras de Paulo: “Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu [...] foi arrebatado ao paraíso [...]”. Sobre a questão do Paraíso, um teólogo explicou adequadamente:

“Quanto ao “paraíso”, creio tratar-se do mesmo fenômeno. O paraíso não é um lugar, mas um tempo. Não podemos apontá-lo num mapa. Ele é encontrado nas páginas das Escrituras no início da criação, e reaparece no fim, não mais como o lugar bucólico original, mas como uma cidade. Para ser arrebatado ao paraíso, teríamos que viajar no tempo, fosse para o passado, no início de tudo, ou para o futuro, quando na consumação da história.

Foi para este mesmo paraíso que Jesus prometeu levar o ladrão penitente. “Hoje mesmo”, garantiu o Salvador, “estarás comigo no paraíso”. A exemplo do que aconteceu com ele, todos quantos deixamos esta dimensão temporal, somos remetidos imediatamente ao paraíso, isto é, ao tempo em que todas as coisas são cumpridas”.⁴⁸

Conclusão deste Tópico

A compreensão de Céu e Paraíso por outra perspectiva desafia nossa percepção de tempo e espaço. O Senhor Jesus fez isso ao falar sobre a ressurreição dos mortos. Ele afirmou:

“E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o indicou no trecho referente à sarça, quando chama ao Senhor o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.

⁴⁸ Idem nº 47.

Ora, Deus não é Deus de mortos, e sim de vivos; porque para ele todos vivem”.

- Lucas 20:37-38

Embora Abraão, Isaque e Jacó tivessem morrido há muito tempo, para Deus eles estão vivos. Isso é o que chamamos de eternidade. Para Deus, não existe passado ou futuro, apenas um ETERNO AGORA conforme já falei. A eternidade e a eviternidade desafia nossas ideias de tempo e espaço. Enquanto a ressurreição ainda não ocorreu no mundo físico, sob uma perspectiva eterna, ela já é uma realidade. Já é uma realidade para os que partiram deste mundo e que vivenciam o evo ou eviternidade

Abraão, Isaque e Jacó estão vivos, nós estamos vivos e todos os que ainda não nasceram também existem diante de Deus. Após as grandes descobertas da física quântica e a relatividade do tempo, temos hoje uma base melhor para compreender um pouco mais sobre essas realidades. O que para nós ainda é futuro, para muitos do outro lado já é um fato.

O Terceiro Céu, a vida eterna e o futuro são tão concretos agora, e estão tão próximos de nós (ao nosso redor) que nem sequer imaginamos. Acredito que o que a Bíblia designa como mundo espiritual, é semelhante ao que a Ciência moderna se refere como “universos paralelos”.

O que é o Inferno? E se os meus Entes Queridos Estiverem Lá?

O termo “inferno” é de origem latina e significa “local inferior”. Tanto a palavra Inferno como a palavra “Lúcifer” não existem nas línguas originais da Bíblia. O termo “inferno” deveria ser substituído pelos termos bíblicos Sheol, Hades, Geena, Tártaro, Lago de Fogo,

Segunda Morte, Perdição etc. O nome da doutrina da perdição eterna foi trocado pelo nome (equivocado) da prisão onde o castigo é aplicado. A correta compreensão da doutrina evita não só a manutenção de conceitos equivocados como também elimina muitas dúvidas.

Acredito que a perdição eterna não é um “lugar”, mas sim uma condição que começa no espírito humano e tem consequências no corpo ressurreto, pois os pecadores também ressuscitarão. Muitos pastores têm uma ideia antiga sobre o inferno, pensando nele como um lugar subterrâneo no centro da Terra. Já ouvi alguém dizer que o Inferno estaria a seis mil quilômetros abaixo da superfície, ligado ao fogo do núcleo do Planeta Terra.

A realidade do Inferno é mais do que um local geográfico; é uma condição que começa no espírito mesmo em vida. O Inferno é a ausência de Deus. Você sabe o que isso significa? Deus é a fonte de todo o bem. Ele é o próprio Bem, e é por meio dEle que experimentamos todas as coisas boas. Somente Deus é Bom. Até mesmo um ateu ou uma pessoa ruim deseja o bem. Mesmo muitos homens maus na história buscavam o que achava ser o bem, mesmo que fosse para eles mesmos. O Bem que todos procuram vem de Deus. Quando alguém rejeita a Deus, está rejeitando tudo quanto é Bom. Está negando a própria realidade das coisas e como elas deveriam ser. Essa pessoa está dizendo que não quer o que é bom, mas sim o que é mau.

Já dizia o profeta Isaías:

“Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal; que fazem da escuridade luz e da luz, escuridade; põem o amargo por doce e o doce, por amargo!”

No mau caminho há ausência de Deus com consequências eternas e horríveis. Várias denominações religiosas – destaco aqui os

Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová – suavizam a doutrina do Inferno. Há muitos pastores que tentam suavizar o que as Escrituras dizem ser horrível. Veja o que dizem as Testemunhas de Jeová:

“O inferno é um lugar de tormento eterno?”

Não. Muitas Bíblias mais antigas traduzem como “inferno” as palavras originais “Seol” (do hebraico) e “Hades” (do grego). Essas palavras se referem basicamente à “Sepultura”, que é um lugar simbólico onde estão os mortos em geral. A Bíblia mostra que as pessoas que estão na “Sepultura” deixaram de existir.

Deus determinou que a punição pelo pecado é a morte, não o tormento num inferno de fogo. Deus disse ao primeiro homem, Adão, que a punição que ele receberia por desobedecer à lei de Deus seria a morte. (Gênesis 2:17) Ele não falou nada sobre Adão ser atormentado para sempre num inferno. Depois que Adão pecou, Deus disse qual seria o castigo dele: “Você é pó e ao pó voltará.” (Gênesis 3:19) Adão deixaria de existir. Se Deus na verdade fosse mandar Adão para um inferno de fogo, ele com certeza teria falado isso. Deus não mudou a punição para os que desobedecem às suas leis. Muito depois de Adão pecar, Deus inspirou um escritor da Bíblia para dizer que “o salário pago pelo pecado é a morte”. (Romanos 6:23) Não seria justo dar uma punição além dessa, porque “quem morreu foi absolvido do seu pecado”. — Romanos 6:7”⁴⁹.

Os Adventistas ensinam que:

“O fato, porém, de alguém ensinar algo errado sobre um tópico não nos deve fazer rejeitar a verdade sobre o assunto. O fato é que Deus é amor, e todos quantos vão finalmente se encontrar no Seu

⁴⁹ Será que o inferno de fogo existe? O que a Bíblia diz sobre o inferno? Site: <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/sera-que-o-inferno-existe/> Acessado dia 20/10/2024.

reino eterno viverão de acordo com esse princípio. Entretanto, Ele não força ninguém a ser amoroso.

Em consequência disso, Deus é forçado a tomar uma decisão. Ou Ele permite que os pecadores continuem a existir indefinidamente na infelicidade, ou retira-os misericordicamente de seu voluntário estado de miséria. Não existem outras escolhas. Deus opta pela última.

Mas o salário do pecado é a morte, e não a imortalidade no inferno (Rm 6:23). Sendo assim, Apocalipse 20:9 deixa explícito que o fogo do inferno “consome” os ímpios. Os resultados são eternos. Os consumidos serão queimados no fogo; e serão como se nunca houvessem sido (Ml 4:1). Portanto, estranho como possa parecer a princípio, Deus demonstra Sua misericórdia até mesmo na destruição final dos ímpios”.⁵⁰

“Os adventistas não acreditam no inferno. Diferentemente de outros cristãos, os adventistas não acreditam no inferno como um lugar com lagos de fogo e tormento eterno. Isto porque a Igreja não encontra um local como este literalmente descrito na Bíblia, explica Douglas Morgan, professor de História da Igreja na Universidade Adventista de Washington”.⁵¹

Esses religiosos sempre me passaram a impressão de que, de certa forma, ir para o Inferno pode ser um bom negócio. Não é por acaso que muitas pessoas se sentem atraídas por doutrinas aniquilacionistas. Embora alguns religiosos argumentem que a ideia de um Inferno eterno tenha raízes no paganismo, esquecem-se de que, ao suavizar

⁵⁰ Vamos falar sobre o inferno? Por Rádio Novo Tempo. Site:

<https://www.novotempo.com/audio/tempoderefletir/vamos-falar-sobre-o-inferno/>
Acessado dia 20/10/2024

⁵¹ CNN destaca princípios da Igreja Adventista. Reportagem publicada pela CNN detalha, entre outras, doutrinas exclusivamente adventistas. Por Por Marcia Ebinger. Site: [https://noticias.adventistas.org/pt/cnn-destaca-principios-da-igreja-adventista/#:~:text=2\)%20Os%20adventistas%20n%C3%A3o%20acreditam,de%20fogo%20e%20tormento%20eterno.](https://noticias.adventistas.org/pt/cnn-destaca-principios-da-igreja-adventista/#:~:text=2)%20Os%20adventistas%20n%C3%A3o%20acreditam,de%20fogo%20e%20tormento%20eterno.) Acessado dia 20/10/2024.

essa doutrina, acabam ecoando os pensamentos de ateus e espíritas. No final das contas, o 'coral' se unifica em uma única melodia: o Inferno não é tão terrível assim.

Argumentar que a ideia do Inferno eterno tem origem no paganismo para desmerecer a doutrina revela uma falta de autocrítica por parte dessas denominações religiosas. Ao se alinharem com ateus e espíritas nesse debate, tanto os Adventistas do Sétimo Dia quanto as Testemunhas de Jeová acabam, na verdade, praticando uma forma de paganismo.

Veja como os Adventistas do Sétimo Dia e as Testemunhas de Jeová fazem parte do mesmo coral:

<p>Adventistas do Sétimo Dia</p> <p>“Os adventistas não acreditam no inferno. Diferentemente de outros cristãos, os adventistas não acreditam no inferno como um lugar com lagos de fogo e tormento eterno”.</p>	<p>Ateus</p> <p>“Provavelmente Deus não existe. Agora pare de se preocupar e aproveite a vida.” “Sorria! O Inferno não existe” ou “Você é quase tão ateu quanto nós”.⁵²</p>
<p>Testemunhas de Jeová</p> <p>“O inferno é um lugar de tormento eterno? Não”.</p>	<p>Espíritas</p> <p>“Parece justo que uma única experiência na carne, uma única chance de acertar, defina toda a eternidade do Espírito? Se, nessa única oportunidade, tivesse um pequeno desvio de conduta, o homem iria para o inferno. Não é possível que tenhamos apenas dois futuros extremos possíveis, duas moradas, a dos eleitos e a dos reprovados”.⁵³</p>

⁵² Sorria! O Inferno não existe. A má notícia é que o Céu também não. Autor: Fábio Fujita | Edição 35, Agosto 2009. Site: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/sorria-o-inferno-nao-existe/> Acessado dia 20/10/2024.

⁵³ O inferno na visão espírita. Site: <https://www.aefc.org.br/o-inferno-na-visao-espirita/#:~:text=O%20inferno%20est%C3%A1%20portanto%20em,dos%20Esp%C3%ADritos%20que%20ali%20est%C3%A3o.> Acessado dia 20/10/2024.

Os Adventistas do Sétimo Dia, as Testemunhas de Jeová, os Ateus e os Espíritas compartilham uma visão comum: a ideia de um Inferno eterno lhes é repugnante. Apesar de tentarem minimizar essa rejeição, sua resistência revela uma aversão à doutrina tradicional. A maneira como interpretam o conceito de Inferno demonstra que, na verdade, compreendem essa questão de forma simplista.

É um fato incontestável que muitos pecadores se atraem por ideias aniquilacionistas ou reencarnacionistas, em oposição à doutrina do Inferno eterno. Essa tendência é evidente em nosso cotidiano, onde podemos observar essa busca por alternativas à noção tradicional de punição eterna. Essa postura humana em relação a uma doutrina tão importante deve nos levar a desconfiar das interpretações alternativas sobre o Inferno. Afinal, o Senhor Jesus e todas as Escrituras Sagradas nunca suavizaram essa doutrina. Continua me parecendo que a visão do Inferno interpretada de forma diferente da Ortodoxia Cristã é considerada uma opção atraente ou é um bom negócio ir para a perdição eterna, pois os pecadores querem mesmo dormir eternamente ao invés de sofrer por toda a eternidade.

Além disso, é importante ressaltar que esses grupos hereges citados acima não se preocupam em agradecer a Deus nesse contexto. O foco está mais em garantir um destino pós-morte favorável para os pecadores do que em buscar a sabedoria infinita de um Deus eterno. Essa postura reflete uma arrogância e uma rebeldia humanas que remontam ao Jardim do Éden, com Adão e Eva.

Independentemente se os grupos mortalistas interpretam a perdição eterna de outra maneira, as Escrituras afirmam que o Inferno não é coisa boa, é um terrível e horripilante mal se perder eternamente. Não adianta suavizar o tema. Seja a destruição total dos pecadores ou um Inferno eterno, é horrível do mesmo jeito. Mas a doutrina desses grupos mortalistas é um engano porque - querendo ou não - as pessoas se sentem suavizadas em seu íntimo se descobrem que o Inferno não é de duração eterna. Mas a Escritura diz que “Horrível

coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10:31). As advertências de Jesus sempre dizem que “é **melhor** entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível...” (Marcos 9.43-48 – o grifo é meu).

Sem apresentar argumentos sólidos contra a doutrina bíblica do Inferno, o grupo mortalista adventista acusa a Igreja Católica de ser a propagadora de uma falsa crença:

“Naturalmente, quando alguém pensa na história do inferno, não é difícil descobrir por que a doutrina caiu em desfavor. Basta apenas lembrar o ensino da igreja medieval sobre a tortura sem-fim num fogo inextinguível, para rapidamente desenvolvermos aversão pelo tema. Essas torturas desumanas fazem Hitler e Stalin parecerem “fichinhas.

Com esse quadro em mente, não é de admirar que Ellen White tenha escrito que “está além do poder do espírito humano avaliar o mal que tem sido feito pela heresia do tormento eterno. ...As opiniões aterrorizadoras acerca de Deus, que pelos ensinos do púlpito são espalhadas pelo mundo, têm feito milhares, e mesmo milhões de cépticos e incrédulos” (O Grande Conflito, p. 536).⁵⁴

A grande questão é que a chamada “heresia do tormento eterno” citada pela senhora Ellen White (profetiza do adventismo), encontra-se na Bíblia: “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos (Mateus 25:41). É realmente audacioso que esses intérpretes neguem o que a Bíblia diz claramente e, ainda por cima, afirmem que isso seria um erro doutrinário da Igreja Católica.

Os Adventistas do Sétimo Dia afirmam:

⁵⁴ Idem nº 50.

“Mas o salário do pecado é a morte, e não a imortalidade no inferno (Rm 6:23). Sendo assim, Apocalipse 20:9 deixa explícito que o fogo do inferno “consome” os ímpios. Os resultados são eternos. Os consumidos serão queimados no fogo; e serão como se nunca houvessem sido (Ml 4:1). Portanto, estranho como possa parecer a princípio, Deus demonstra Sua misericórdia até mesmo na destruição final dos ímpios”.⁵⁵

Em primeiro lugar, já vimos que a palavra “morte” significa “separação”, não aniquilação”. A “morte eterna” ou “segunda morte” é estar eternamente separado de Deus. A existência do pecador é preservada porque todas as obras de Deus são para durar eternamente:

“Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar e nada se lhe deve tirar. E isso faz Deus para que haja temor diante dele”.

- Eclesiastes 3:14

O filósofo Peter Kreeft esclarece esse ponto sobre a aniquilação, mostrando a oposição entre criação/aniquilação, morte/vida:

“Na filosofia grega, as almas não podem morrer. No cristianismo, elas podem – somente no inferno. Isso é aniquilação? Não, é a morte. A aniquilação é o oposto da criação; a morte é o oposto da vida”.⁵⁶

Em segundo lugar, o fogo que “consome” os ímpios em Apocalipse 20:9 não é o do Inferno. É o da última batalha das forças de Satanás contra Cristo:

⁵⁵ Idem nº 50.

⁵⁶ 35 perguntas frequentes sobre a Eternidade. Autor: Peter Kreeft. Site: <https://www.peterkreeft.com/index.htm> Acessado dia 25 de Julho de 2019

“Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu”.

A sequência do fogo do céu que os consumiu é que “o diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos” (Apocalipse 20:10). Em seguida, é estabelecido o Juízo Final:

“Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.

Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.

Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.

Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo.

E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo”.

- Apocalipse 20:11-15

Se o fogo de Apocalipse 20:9 aniquila os integrantes da batalha final, como pode mais tarde eles estarem no Juízo Final. Por aí vemos a incoerência dos Adventistas do Sétimo Dia em seus ensinamentos.

Em terceiro lugar, a declaração adventista acima termina:

“Portanto, estranho como possa parecer a princípio, Deus demonstra Sua misericórdia até mesmo na destruição final dos ímpios”.

Que misericórdia está em aniquilar pessoas? Onde está a misericórdia na destruição final dos ímpios? Essa declaração mostra que no final das contas, o Inferno acaba sendo um bom negócio, pois acaba o sofrimento e cessa todos os males para o pecador. Não é em vão que os pecadores se sentem atraídos por esse tipo de doutrina. Misericórdia é mantê-los conscientes em meio ao tormento, pois eles mesmos são um testemunho vivo da justiça de Deus e de como, na verdade, não desejam a Sua presença.

Esse tormento consciente gerou, nos universalistas da Salvação, a ideia da possibilidade de redenção no Inferno. Acredita-se que, em sofrimentos horripilantes, a recusa a Deus possa ser revertida em um pedido de misericórdia. Por isso, os universalistas acreditam que, no fim das contas, os pecadores serão libertos do Inferno. No entanto, não compactuo com essa doutrina, pois estou convencido de que os inimigos de Deus permanecerão assim eternamente, por escolha e vontade própria. As Escrituras revelam que a vontade humana pode alcançar um ponto sem retorno, onde, mesmo no Inferno, diante de sofrimentos horripilantes, não há mais arrependimento. Esse processo começa durante a vida, conforme se vê no Evangelho de Marcos 4:11-12:

“Ele lhes respondeu: A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles”.

No próximo tópico, demonstrarei como a parábola do Rico e do Lázaro deixa claro que, mesmo em meio aos horripilantes sofrimentos infernais, não há arrependimento.

Ausência de Deus

Agora convido o leitor a refletir sobre a ideia de Inferno como a ausência de Deus.

Mesmo neste mundo repleto de violência, sofrimento, tragédias e angústias, até mesmo a pessoa mais aflita do Planeta consegue encontrar um consolo e um fio de esperança. O verdadeiro Inferno, por sua vez, é a ausência do próprio Deus.

Você consegue imaginar o que é sentir isso? Ninguém é capaz de compreender plenamente! Foi exatamente isso que Jesus sentiu na cruz do Calvário. Quando Ele clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”, experimentou a ausência de Deus, sofrendo o castigo eterno do Inferno. Em Hebreus 2:9, lemos que Jesus “por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem”. Assim, na cruz, Ele enfrentou a morte por toda a humanidade, mergulhando em angústias infernais inimagináveis.

A forma como Jesus morreu — pendurado numa cruz — o tornava, automaticamente, um maldito diante de Deus. De fato, um versículo do livro de Deuteronômio afirma: “aquele que está pendurado no madeiro é um maldito de Deus” (21:23). Vale ressaltar que Ele não foi a um lugar específico; ali mesmo, em vida, suspenso na cruz, sentiu as terríveis angústias da ausência de Deus — algo que nenhum homem jamais experimentou nesta Terra. Nem mesmo aqueles que sofreram os horrores do Holocausto sob Hitler ou os milhões de torturados em regimes comunistas chegaram perto de conhecer a ausência de Deus no inferno.

Eu disse acima que Jesus não foi a um lugar específico para sentir a ausência de Deus, mas Ele já estava em um lugar pagando pelos nossos pecados: a cruz. Os que vão para o castigo eterno não

sofrerão desencarnados, mas serão ressuscitados pelo poder de Cristo para receber em seus próprios corpos a punição. Aqui estão alguns versículos do Novo Testamento que abordam a ressurreição dos mortos, tanto dos justos quanto dos injustos:

João 5:28-29:

“Não vos maravilheis disso, pois vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação”.

Atos 24:15:

“E tenho esperança em Deus, que também estes homens têm, de que haverá ressurreição tanto de justos como de injustos”.

Romanos 14:10-12:

“Mas tu, por que julgas a teu irmão? Ou tu, por que desprezas a teu irmão? Pois todos haveremos de comparecer perante o tribunal de Cristo. Porque está escrito: 'Por mim mesmo tenho jurado, diz o Senhor, que todo joelho se dobrará diante de mim e toda língua confessará a Deus.' Assim, pois, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”.

1ª Coríntios 15:22:

“Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo”.

Apocalipse 20:12-13:

“E vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono; e abriram-se livros, e abriu-se outro livro, que é o

livro da vida; e os mortos foram julgados pelas suas obras, segundo o que estava escrito nos livros. E o mar entregou os mortos que nele havia; e a morte e o inferno entregaram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras”.

Assim como Cristo, em espírito, sentia a ausência de Deus e, em seu corpo, experimentava as dores dessa falta, os pecadores não arrependidos também sofrerão de maneira semelhante. Só que por todo o sempre.

Porque existe o Inferno?

O Inferno existe por causa do pecado. Sem pecado não há Inferno. Deus não é um carrasco que tem prazer em torturar as pessoas para todo o sempre. Observe o desprazer que Deus tem na morte espiritual de uma pessoa perversa:

“Acaso, tenho eu prazer na morte do perverso? — diz o SENHOR Deus; não desejo eu, antes, que ele se converta dos seus caminhos e viva?”

“Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o SENHOR Deus. Portanto, convertei-vos e vivei”.

“Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel?”

-

Ezequiel 18:23, 32; 33:11

O Inferno é o salário que se recebe por causa do pecado conforme diz em Romanos 6.23: “...porque o salário do pecado é a morte, mas

o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”.

Por último, o Inferno (a princípio) não foi preparado para o ser humano conforme Mateus 25:41:

“Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”.

- o grifo é meu.

Quanto tempo durará o Inferno?

A Fé Cristã ensina que o castigo dos ímpios será para sempre. Essa verdade gera angústia em muitas pessoas. Algumas argumentam que uma pena eterna não condiz com uma vida terrena que, muitas vezes, não ultrapassa os oitenta anos. A lógica é a seguinte: nas leis humanas, aqueles que cometem crimes são punidos com penas proporcionais à gravidade de seus atos. Portanto, por que os pecados cometidos durante uma vida relativamente curta teriam como consequência um sofrimento eterno? A infinita misericórdia de Deus não contraria a ideia de um castigo eterno?

Estou convencido de que as respostas a essas perguntas o ajudarão a entender a questão do castigo eterno de uma maneira que, surpreendentemente, pode proporcionar alívio ao leitor em relação a esse tema. O leitor ficará surpreso!

Antes de responder a essas perguntas, apresento a seguir os textos que abordam a duração do castigo eterno, acompanhados de comentários adicionais sobre cada um deles:

“E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno,

para o fogo inextinguível [onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga].

[...onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”.
- Marcos 9:43-48

“Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno”.

- Mateus 18:8

A palavra grega traduzida como Inferno nos dois texto acima é γέεννα (geenna). Sobre esta palavra, o teólogo e bispo N. T. Wright esclarece:

“A palavra mais comum do Novo Testamento, às vezes traduzida como inferno, é Geena. Gehenna era um lugar, não apenas uma ideia: era o monte de lixo do lado de fora do canto sudoeste da cidade velha de Jerusalém. Existe até hoje um vale naquele ponto que leva o nome de Ge-Hinnom. Quando estive em Jerusalém há alguns anos, fui levado a um restaurante elegante na encosta oeste deste famoso vale, e testemunhamos uma espetacular exibição de fogos de artifício, organizado sem dúvida sem ironia deliberada, no local ao qual Jesus estava se referindo quando falou sobre os fogos latentes da Geena. Mas, assim como com sua linguagem sobre o céu, assim com sua conversa sobre Gehenna: uma vez que os leitores cristãos se distanciaram o suficiente do significado original das palavras, imagens alternativas viriam à mente, geradas não por Jesus ou pelo Novo Testamento, mas pelo estoque de imagens, algumas de tema extremamente escabroso, fornecidas pelo folclore e imaginação antigas e medievais.

O ponto é que quando Jesus estava alertando seus ouvintes sobre a Geena, ele não estava, como regra geral, dizendo a eles que, a menos que se arrependessem nesta vida, eles queimariam na próxima. Assim como com o reino de Deus, assim com seu oposto: é na terra que as coisas importam, não em outro lugar. Sua mensagem para seus contemporâneos era dura e (como diríamos

hoje) política. A menos que eles recuassem de seus sonhos desesperados e rebeldes de estabelecer o reino de Deus em seus próprios termos, não menos importante por meio de revolta armada contra Roma, então o rolo compressor romano faria o que grandes, gananciosos e implacáveis impérios sempre fizeram com países menores (não menos importantes no Oriente Médio) cujos recursos eles cobiçaram ou cuja localização estratégica eles estão ansiosos para proteger. Roma transformou Jerusalém em uma extensão hedionda e fedorenta de seu próprio monte de lixo fumegante. Quando Jesus disse “A menos que vocês se arrependam, todos vocês também perecerão”, esse é o significado principal que ele tinha em mente”.⁵⁷

O bispo N. T. Wright corretamente aponta que a destruição no Geena de fogo se refere à guerra de Roma contra Jerusalém no ano 70 d.C., quando a cidade foi incendiada. Essa é, de fato, a intenção que Jesus tinha em mente em um primeiro momento.

Na *Bíblia de Estudo do Preterismo Parcial* é comentado:

“42 – “E qualquer que ofender a um destes pequenos que creem em mim...” – “Jesus deixou claro que Sua ira viria sobre aqueles que fariam com que as crianças tropeçassem no pecado. Em outras palavras, Jesus não iria perdoar ninguém que coagisse os jovens para rejeitá-Lo como o Messias de Israel fazendo-os ficar à deriva, de volta ao judaísmo dos principais sacerdotes e escribas.

Isaías 66:24 diz: “E sairão, e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror a toda a carne”. Jeremias

⁵⁷ Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church. N. T. Wright. HarperOne, 2008. p. 175-178. Citado por Creation Concept Studies in prophecy. Site: https://creationconcept-wordpress.com.translate.goog/2011/05/05/n-t-wright-is-wrong-on-gehenna/?_x_tr_sl=auto&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=wapp Acessado dia 21/10/2024

19:6 também diz: “Por isso eis que dias vêm, diz o Senhor, em que este lugar não se chamará mais Tofete, nem o Vale do Filho de Hinom, mas o Vale da Matança”.

A destruição dos judeus veio no ano 70 d.C. quando Tito e o exército romano destruíram Jerusalém, o templo e morreram mais de um milhão de judeus. O exército romano usou o vale de Hinnom para erradicar os corpos mortos.

O dicionário da Bíblia de Easton descreve da seguinte forma a função dessa localização: “Há cadáveres de animais e de criminosos, e de todos os tipos de sujeira, que foram lançados e consumidos pelo fogo, sempre queimando”.

Assim, o destino final dos judeus rebeldes era o inferno, conhecido pelos judeus como o "Vale do Filho de Hinnom", que era um lixo fora de Jerusalém. Os corpos dos judeus abatidos foram jogados nesse lixo e despejados onde o fogo queima continuamente e o verme nunca morre” [...]. Embora tenha acontecido com os corpos dos judeus mortos na guerra do ano 70 d.C., é óbvio que espiritualmente o destino eterno deles estava confinado além do Geena visível, mas a segunda morte na eternidade”.⁵⁸

Jesus, em seus ensinamentos, frequentemente abordava questões terrenas, como a destruição de Jerusalém em 70 d.C., utilizando-as para ilustrar verdades espirituais mais profundas. O Geena, por exemplo, representa não apenas a destruição física do povo judeu, mas também uma advertência sobre a condição espiritual da humanidade. A destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. pelos romanos é um marco histórico que também carrega um peso espiritual significativo. Jesus previu essa destruição como uma consequência do afastamento do povo de Deus. Ele alertou sobre o

⁵⁸ Bíblia de Estudo do Preterismo - Novo Testamento - Volume 6, pg. 111. Revista Cristã Última Chamada. Site: https://www.revistacrista.org/Literaturas/B%C3%ADblia_de_Estudo_do_Preterismo.pdf Acessado dia 21/10/2024.

juízo que viria devido à rejeição do Messias e à insistência em práticas que não glorificavam a Deus.

A ideia de que a destruição de Jerusalém é um castigo, ou uma manifestação do “inferno”, está ligada à realidade de que a cidade, simbolizando o povo de Deus, havia se afastado de Seus princípios. O Geena, nesse contexto, representa não apenas a destruição física da cidade, mas também a separação espiritual que resulta da desobediência.

Fora os textos sobre o Geena, há outros que falam de “fogo eterno” no Dia do Juízo Final (Mateus 25:41), “fumaça do seu tormento” que “sobe pelos séculos dos séculos”, sem “descanso algum, nem de dia nem de noite” contra “os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome” (Apocalipse 14:11; 15:7; 19:3; 20:10).

•••

“E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna”.

- Mateus 25:46

Esse versículo encerra a questão de maneira contundente. Justos e injustos são apresentados no mesmo contexto, revelando uma realidade dual. Enquanto os justos herdarão a vida eterna, os injustos enfrentarão um castigo igualmente eterno. Por que, então, o “eterno” seria diferente para os injustos? Por que haveria a preferência por um tempo abreviado, se a passagem se refere a uma consequência definitiva? A mensagem é clara: a eternidade é uma realidade que se aplica igualmente a ambos os grupos.

Sobre a realidade do Inferno, o filósofo Olavo de Carvalho fez uma citação do Monsenhor Segur:

“Os condenados ao inferno se condenam a si próprios e aceitam a justiça da condenação com uma opção livre, escolheram realmente o inferno”.⁵⁹

Portanto, não podemos afirmar que Deus age com injustiça ou crueldade. Mas por que uma pena eterna? Jesus deixou isso claro em uma parábola, onde explica que a dívida humana devido ao pecado é impagável (Mateus 18:24-35). Na parábola dos talentos, quando o rei foi acertar contas com seus servos, encontrou um que lhe devia uma quantia exorbitante: dez mil talentos, algo que ele não poderia quitar. Um talento equivalia a seis mil dias de trabalho, o que significa que a dívida desse homem chegava a cerca de 164.383 anos de trabalho. A quantia era tão alta que, para saldá-la, seria necessário vender como escravos o devedor, sua esposa, seus filhos e tudo o que possuía.

Essa situação ilustra a condição de todos nós como pecadores diante de Deus. O preço da nossa dívida espiritual era imenso, e não tínhamos como pagá-la, pois já nascemos com essa carga e a carregamos ao longo da vida. Nenhuma boa ação ou a adesão a uma religião seria suficiente para saldá-la. Contudo, assim como o rei, que, movido pela compaixão, perdoou seu servo de uma dívida tão alta, o Pai Celestial fez o mesmo por nós. Fomos perdoados e declarados livres de toda culpa, sem termos que pagar nada.

Mas quem não quer aceitar o perdão de Deus, acabará tendo que pagar no Inferno, pois Jesus disse que “não sairás de lá enquanto não pagares o último centavo” (Mateus 5:26). Este versículo é frequentemente interpretado como uma referência à necessidade de justiça e reparação. No contexto, Jesus fala sobre a importância de reconciliar-se antes de ser levado ao juízo. Alguns interpretam essa passagem como uma alusão ao Julgamento Final e à penalidade que pode ser enfrentada, incluindo a ideia de uma pena eterna, mas essa

⁵⁹ Vídeo: O Cristianismo, a Salvação e a Justiça Divina. Autor: Olavo de Carvalho. Site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPW2SPaazfc>

interpretação não é universal. Mas se não é uma referência ao Inferno, também não é em relação ao Purgatório ou à necessidade de purificação antes de entrar no Céu.

A passagem de Mateus 5:26, ao dizer que a pessoa não sairá “até pagar o último centavo”, pode ser vista como uma metáfora para as consequências permanentes do pecado. A ideia de que a dívida se torna impagável pode refletir a seriedade da separação de Deus e a dificuldade de reconciliação após a morte, um tema que está presente nas Escrituras. Embora a passagem não mencione explicitamente o Inferno, algumas interpretações a conectam à ideia de um estado de condenação ou separação eterna. Assim, a visão de que a dívida não pode ser quitada pode reforçar a urgência de se reconciliar enquanto ainda se está vivo, enfatizando a importância da misericórdia e do perdão. Essa abordagem destaca a gravidade das escolhas que fazemos e as suas repercussões.

A frase “não sairás de lá enquanto não pagares o último centavo” nos faz refletir sobre a dificuldade de saldar dívidas enquanto se está preso. Aqueles que se encontram em um estado de perdição apenas acumulam mais débitos por não conseguirem pagá-los, pois a salvação é Jesus Quem realizou, algo impossível para nós. Assim, esse pecador se mantém em rebeldia eterna contra o Filho e, conforme João 3:36, “não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus”.

A expressão “se mantém rebelde” revela que, no inferno, não há arrependimento. Os pecadores, em sua rebeldia, alimentam continuamente o fogo da condenação. Essa resistência à mudança perpetua seu sofrimento e a separação de Deus, demonstrando que, em vez de buscar a redenção, permanecem presos em suas escolhas, intensificando sua própria dor.



No entanto, não seria possível que Deus, em Seu amor, encurtasse o sofrimento no inferno? De acordo com a justiça divina, o inferno deve existir dessa forma por causa da falta de arrependimento do pecador. Você acredita que há arrependimento no Inferno, mesmo diante de todo o sofrimento que lá se encontra? De forma alguma!

Isso fica claro na parábola do rico e Lázaro:

“Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente.

Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambê-lo as úlceras.

Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado.

No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio.

Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos.

E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento.

Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos.

Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepende-se-ão.

Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

- Lucas 16:19-31

Embora seja uma parábola, ela retrata de maneira precisa a condição do ser humano no inferno.

Vamos analisar alguns pontos:

1º - O rico, em nenhum momento, pede pela misericórdia divina; em vez disso, ele clama por Abraão. Nos evangelhos, há diversas críticas direcionadas aos judeus que se apoiavam em Abraão como sua esperança e certeza de salvação (Mateus 3:7-9; João 8:33, 37, 39, 40, 52, 53, 56-58). O rico da parábola mostra que, mesmo no Inferno, a pessoa continua a se apegar à sua falsa religiosidade e aos seus pecados.

2º - O rico no inferno se dedica apenas a pedir alívio, como um pouco de água para refrescar a língua ardente e a salvação de seus irmãos. No entanto, em nenhum momento a palavra 'arrepentimento' é mencionada. Assim, conclui-se que no inferno não há espaço para o arrependimento. Isto é o que alimenta a condenação eterna.

Sobre esse tema, creio ser muito interessante a citação que o filósofo Olavo de Carvalho faz do mestre Eckhart:

'Uma vez perguntaram para o Mestre Eckhart: “Mestre, o que arde no fundo do inferno”?’

Ele respondeu: “O que arde no fundo do inferno é o NÃO”.⁶⁰

Quando se compreende que a resistência ao Espírito Santo é o que leva ao Inferno, e que o combustível que mantém as chamas acesas é

⁶⁰ Idem nº 59.

a rejeição eterna a Deus, tudo começa a fazer sentido. As penas eternas parecem desproporcionais a uma vida breve de pecado, mas a obstinada rejeição do pecador ajuda a esclarecer que o Inferno não é repugnante como os Ateus, Espíritas, Testemunhas de Jeová, Adventistas do Sétimo Dia e outros grupos alegam. O que suaviza a ideia do Inferno não é a possibilidade de destruição total dos pecadores, mas a realidade de que são os próprios pecadores que alimentam o fogo para sempre. Se houvesse arrependimento no Inferno, o fogo se apagaria e os pecadores poderiam sair em direção ao Paraíso. Mais uma vez toco na tecla de que a doutrina proposta pelos Adventistas e Testemunhas de Jeová transforma o Inferno em uma alternativa atraente e, assim, leva os pecadores à perdição.

O NÃO é uma recusa total e profunda a Deus e ao Seu amor. A pessoa em sua recusa a Deus torna-se um diabo ainda em vida. O apóstolo Paulo mostrou isso em Romanos 1:18-32.

Sendo o eterno NÃO contra Deus o que mantém o Inferno aceso, creio que se houvesse arrependimento Deus salvaria quem estivesse lá. No entanto, isto não existe. O que mantém as chamas do inferno acesas é o eterno NÃO, NÃO e NÃO proferido contra Deus.

Muitos negarão a Deus para sempre. Há pessoas que para sempre dirão NÃO ao Cristo de Deus. A Bíblia e a história mostram isto.

Veja alguns exemplos da própria Escritura:

“O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más”.

- João 3:19

“Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem

expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus”.

- João 12:42-43

“Porque o coração deste povo está endurecido, de mau grado ouviram com os ouvidos e fecharam os olhos; para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos, entendam com o coração, se convertam e sejam por mim curados”.

- Mateus 13:15)

“Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado.

Quem me odeia odeia também a meu Pai.

Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai.

Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo”.

- João 15:22-25

“Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis”.

- Atos 7:51

“Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar; nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos”.

“Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória.

...e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; **e não se arrependeram de suas obras**”.

- Apocalipse 9:20, 21; 16:9, 11 - o grifo é meu.

Diante de tais fatos, não há como ter pena de quem decididamente escolheu ser inimigo do Bem. Deus condena as pessoas ao inferno com tristeza, pois Ele não tem prazer na morte do perverso, mas pela justiça Divina é necessário que haja condenação. Embora algumas pessoas possam teimosamente recusar a presença de Deus, a questão que surge é: poderia Deus criar um caminho alternativo ao Inferno? Pode ser que essa dúvida venha à mente do leitor. No entanto, é importante reconhecer que Deus é a Fonte de todo o Bem; Ele é a Causa da existência do que é realmente Bom, pois “Ninguém é bom, a não ser um: Deus” (Marcos 10:18b). Como pode haver um caminho alternativo sem Deus? É essencial entender que aqueles que rejeitam a Deus, na verdade, rejeitam o Bem Maior. Não é possível ter nenhuma forma de bem sem Deus.

Quando Começa o Inferno?

O Inferno começa imediatamente após a morte. “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo...” (Hebreus 9:27). Não creio que o Inferno seja uma sala de espera até o dia do Juízo Final. Já mostrei que morrer é ser remetido para além do tempo físico. Ao morrermos, como num abrir e fechar de olhos, nos encontraremos imediatamente no último dia. O texto de Hebreus é claro ao dizer que não há “estado intermediário”. O “juízo” é o do último dia que acontece na ressurreição do corpo. “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo”. (João 5.28, 29)

Quem morre encontra o seu futuro imediatamente. O dia da Vinda de Cristo, a ressurreição e o juízo pode parecer estar bem distante em nosso futuro, mas para quem morreu já é uma realidade.

No último dia seremos ressuscitados, tantos justos como injustos num evento só. Apenas haverá diferença no destino que teremos, e também no tipo de corpos que receberemos. Os justos receberão corpos glorificados. Os ímpios após a ressurreição serão lançados no lago de fogo em corpo e alma. Por isto, que Jesus disse que o corpo e a alma perecem juntos no inferno. “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo” (Mateus 10:28).

E se os meus Entes Queridos Estiverem Lá no Inferno?

Se os meus pais, irmãos, parentes e grandes amigos estiverem no Inferno? Essas angústias acompanham muitos cristãos em todo o mundo (principalmente aqueles que perderam entes queridos através do suicídio).

O bispo Hermes C. Fernandes expressou muito bem essa angústia:

“Chamem-me de sentimentalista, se quiserem. Mas é inadmissível que aqueles em que se deve encontrar “o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus” sintam-se confortáveis ante a realidade do inferno.

Se é verdade que o amor jamais se acaba, logo, estamos “condenados” a amar para sempre os que nos acompanham na estrada da existência. Mesmo depois que adentrarmos os portais celestiais, nosso amor por cada um deles permanecerá e, talvez, até aumente, uma vez que estaremos livres dos ruídos de nossa natureza pecaminosa. Quem ama, certamente se importa com o bem do ente amado. Como, então, poderíamos nos sentir plenamente felizes desfrutando da glória destinada aos filhos de Deus, sabendo que em algum lugar do universo, as pessoas a quem tanto amamos estarão sendo torturadas, e que seu sofrimento não

duraria um dia, nem um ano, ou mesmo um século, mas por toda a eternidade?

Será que teremos que desistir de amá-las? Será que Deus nos submeterá a uma amnésia? Será que pais que foram salvos terão que se esquecer da existência dos filhos condenados à perdição?⁶¹

A realidade do Inferno e a possibilidade de nossos entes queridos falecidos estarem lá, levanta uma questão: “Teremos emoções no Céu? Esta pergunta levanta uma série de reflexões do tipo: “Teremos experiências terrenas no Céu ou Paraíso?” Acredito que a resposta para todas essas indagações seja afirmativa, mas não da maneira como conhecemos atualmente. Nada simplesmente persiste como é, e nada se perde para sempre; tudo se transforma, assim como ocorre no nascimento.

É claro que temos pouco conhecimento sobre essa transformação, e nossas conclusões devem ser baseadas em deduções bem fundamentadas. No entanto, tenho uma forte intuição de que teremos emoções no Paraíso, pois elas fazem parte do plano divino para a humanidade, não sendo meramente consequências da Queda. Entretanto, essas emoções não nos dominarão ou controlarão. Elas poderão ser intensas, mas não serão passivas. Tomás de Aquino argumenta que o prazer sexual era mais elevado antes da Queda (já que o pecado sempre corrompe, nunca acrescenta ao bem), e Agostinho sugere que, no Céu, a alegria que receberemos de Deus em nossas almas irá “transbordar” para nossos corpos ressuscitados, criando uma “onda voluptuosa” de prazer.

Uma vez que teremos emoções no Céu, podemos também ter certeza de que não ficaremos tristes com aqueles que amamos e que estão no Inferno, porque no Paraíso não haverá tristeza, pois Deus

⁶¹ Artigo: Dossiê Inferno. Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.hermesfernandes.com

“enxugará toda lágrima de seus olhos” (Apocalipse 7:17). Acredito que também não sentiremos pesar pelos condenados, já que Deus não se entristecerá. Como diz o Sermão da Montanha, Ele afirmará: “Eu nunca te conheci” (Mateus 7:23). Assim, nossas memórias serão purificadas. Isso não se trata de ignorância ou falsidade, mas de uma verdade profunda, pois, de certa forma, os condenados deixaram de existir para nós — não estão no lugar mais real de todos, que é o Céu. Tornaram-se como cinzas, não como madeira. Embora tenham sido seres humanos completos e reais, o Inferno representa um estado de morte eterna, não de vida. Não choramos ou lamentamos as cinzas, mas sim o que elas foram antes de serem consumidas pelo fogo.

No Paraíso celeste, viveremos sem nos prender ao passado, sem arrependimentos, e também não teremos preocupações sobre o futuro, pois estaremos livres de medos. Nossas emoções celestiais refletirão adequadamente essa realidade, desvinculadas do que já foi.

Agora, pare e pense comigo. Diante do que escrevi acima a respeito da desumanização da pessoa que vai para a perdição, você conseguiria enquadrar algum ente querido como um demônio, inimigo do Bem Maior que é Deus? Você conseguiria dizer que eles rejeitaram o amor de Deus conhecendo a sentença de morte eterna? Você conseguiria dizer que seu pai, mãe, filhos, amigos e parentes podem ser enquadrados como pessoas que têm uma disposição mental reprovável, praticante de coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia? Pergunte a si mesmo e reflita!

Se a resposta for um forte NÃO, saiba, você estará reconhecendo que a graça de Deus estava sobre seus entes queridos falecidos. Se a graça estava sobre eles, provavelmente eles receberam a Cristo e

foram salvos. Não somos salvos por atos de bondade ou vida correta, mas pela graça de Deus que significa “favor imerecido”. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8-9).

É a rejeição do perdão de Deus em Cristo que conduz o ser humano a tornar-se duro de coração e, por fim, a uma disposição mental reprovável, ou seja, os seres humanos ficam entregues aos seus maus pensamentos, de modo que eles fazem o que não devem. Sobre essa rejeição do perdão encarnado em Cristo, João diz: “Por isso quem crê no Filho tem a vida eterna; porém quem desobedece ao Filho nunca terá a vida eterna, mas sofrerá para sempre o castigo de Deus” (João 3:36).

Mas se o leitor ainda for insistente e quiser continuar a imaginar que seus pais, avós ou quem quer que seja, morreram na idolatria ou nos vícios da maldade, ou que algum ente querido se suicidou, ou ainda que outro era bandido e não pôde ser salvo, quero que saiba; você está penetrando em um terreno que não lhe pertence. Você está penetrando na onisciência de Deus. Somente Deus sabe de todas as coisas. Não podemos julgar o destino final de ninguém.

Veja o grande exemplo de Jesus Cristo. Na parábola do rico e Lázaro (que citei acima), Jesus apenas cita o nome do mendigo. Sobre isto, gosto muito da colocação do pastor caio Fábio, observe:

“Vemos a narrativa saindo da boca de Deus. Quem conta a história é Jesus. E para Ele, o rico não tinha nome, mas o mendigo se chamava Lázaro”.⁶²

Nessa matéria devemos seguir o mesmo exemplo de Cristo. Devemos parar de citar nomes que supostamente foram para o Inferno. Para mim, neste momento, tenho por certo que todos os

⁶² Artigo: Acerca do Inferno. Autor: Caio Fábio. Site: www.caiofabio.net

homens estão “condenados” ao Céu, até que o último Dia prove o contrário. E se o Dia provar o contrário? Neste caso, concordo com o bispo Hermes C. Fernandes quando disse que “estamos “condenados” a amar para sempre os que nos acompanham na estrada da existência”. Todavia, caso alguém tenha se perdido por ser um eterno rebelde contra Deus, nós mesmos depois de Deus seremos os primeiros a aprovar sua condenação, pois quem é inimigo do Bem será também o nosso inimigo.

O Senhor Jesus Cristo expressou isto em uma certa ocasião:

“Quando Jesus ainda estava falando ao povo, a mãe e os irmãos dele chegaram. Ficaram do lado de fora e pediram para falar com ele.

Então alguém disse a Jesus: — Escute! A sua mãe e os seus irmãos estão lá fora e querem falar com o senhor.

Jesus perguntou: — Quem é a minha mãe? E quem são os meus irmãos?

Então apontou para os seus discípulos e disse: — Vejam! Aqui estão a minha mãe e os meus irmãos.

Pois quem faz a vontade do meu Pai, que está no céu, é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

- Mateus 12:46-50

Qual é a vontade do Pai? “De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (João 6:40) Se os nossos entes queridos passaram por esta terra e não creram no Filho, eles rejeitaram o Único que é Bom. Diante do que já foi falado aqui sobre a situação desumana de quem deseja o Inferno ao invés do bem, neste caso poderíamos crer que os inimigos de Deus seriam nossos entes queridos. Tiago 4.4 nos diz:

“Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”.

Sendo assim, se os nossos entes queridos não fizeram a vontade do Pai, na eternidade eles também não serão nossos legítimos pais, irmãos, amigos etc.

Mas, e em relação aqueles que se suicidaram? E aqueles dos quais não vimos a conversão em Cristo? Primeiramente, vamos pensar acerca do suicídio. Suicídio nunca foi e nunca será uma saída para os problemas. Suicídio é pecado. Mas o suicídio não é um pecado imperdoável. Pecado sem perdão só existe um - que é justamente o de não aceitar o perdão de Deus (Mateus 12:31-32).

Ninguém pode julgar ou saber o que de fato aconteceu a um suicida entre sua saída deste mundo e a entrada no mundo espiritual. A salvação é pelo favor imerecido de Deus e, assim, ninguém será salvo por mérito próprio. Somos salvos pelos méritos de Cristo. No que dependesse de nossa situação diante de Deus ninguém nunca poderia ser salvo. Por isto, não podemos julgar os suicidas. Creio que no céu teremos muitas surpresas agradáveis em relação a eles.

Ao ser perguntado: “Os suicídios podem ser salvos?” o filósofo e teólogo Peter Kreeft respondeu:

Simplemente sim. A maioria das pessoas que cometem suicídio não tem controle total sobre sua razão e, portanto, não são totalmente responsáveis. O suicídio é um erro terrível, é claro, e um pecado terrível. Mas somente o pecado não arrependido trava a porta do Céu, e às vezes os pecados são arrependidos ao mesmo tempo em que são cometidos, ou imediatamente depois. A parte mais profunda da alma e da vontade de um suicida pode acreditar, esperar e amar a Deus mesmo quando a parte superficial o leva ao desespero. Ou arrependimento pode vir em um instante entre o ato e seu resultado, morte, ou mesmo no momento da morte. Nós não sabemos. Somente Deus vê e julga corações, não apenas atos, e Deus usará todos os meios possíveis para nos salvar. Talvez muitos desses meios sejam desconhecidos e insuspeitados por nós.

Ninguém ouse limitar a misericórdia, a habilidade ou o poder de Deus.

Mas nossa própria incerteza deveria nos fazer fugir desse pecado horrivelmente perigoso em terror sagrado. Aqueles que cometem suicídio não garantem automaticamente sua condenação, mas certamente arriscam sua salvação”.⁶³

Sobre os que supostamente morreram sem conhecer a Cristo, não creio que de fato isto acontece, pois Jesus é “a luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo” (João 1:9). Baseado neste e outros versículos, creio que todos os que passam por esta terra de alguma forma ou outra tem o seu momento particular com Deus. Não existe inocente neste mundo! O que o meu leitor pode não ter visto acerca de algum ente querido é a frequência em cultos, ter sido batizado ou confessado Jesus com sua boca. Mesmo não vendo as exigências da religião, creia que Jesus ilumina a todos os homens que vêm ao mundo, e todos têm oportunidade de salvação.

Para resumir, devemos sempre ter esperança de que todos nós vamos nos encontrar. Devemos viver nossas vidas e demonstrar nosso amor para com nossos inimigos e amigos e crer que um dia estaremos todos juntos. O que ainda não aconteceu no espaço-tempo, como no caso, o Juízo Final, não deve ser motivo de nossas especulações.

Lembre-se, que no final das contas, há várias promessas, são elas:

“Portanto, não julguem ninguém antes da hora; esperem o julgamento final, quando o Senhor vier. Ele trará para a luz os segredos escondidos no escuro e mostrará as intenções que estão no coração das pessoas. Então cada um receberá de Deus os elogios que merece”.

- 1ª Coríntios 4.5 - Nova Tradução na Linguagem de Hoje.

⁶³ Idem nº 56, pg. 16.

“...mas, como está escrito: Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam”.

- 1ª Coríntios 2:9

“...pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima”.

“E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”.

- Apocalipse 7:17; 21:4

“...o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”.

- 1ª Timóteo 2:4

“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens...”.

- Tito 2:11

“Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento”.

- 2ª Pedro 3:9

A Parábola do Rico e Lázaro e as Almas Debaixo do Altar

A

“Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava splendidamente.

Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambê-lo as úlceras.

Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado.

No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio.

Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.

Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos.

E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

Então, replicou: Pai, eu te imploro que o mandes à minha casa paterna, porque tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de não virem também para este lugar de tormento.

Respondeu Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. Mas ele insistiu: Não, pai Abraão; se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrependem-se-ão.

Abraão, porém, lhe respondeu: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos”.

- Lucas 16:19-31

Estamos diante de uma parábola ou de uma história real? Alguns defendem que o rico e Lázaro seja uma história real. Baseiam-se no começo da “história” que diz que “havia certo homem rico”, e por isto, ela começa como as histórias do Velho Testamento, por exemplo, a história de Jó que começa assim: “Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó...” (Jó 1:1).

Outro fator é que na parábola, Jesus cita nome de personagens reais como Abraão, o que seria incomum nas parábolas. O fato é que não

há absolutamente nenhuma regra que obrigue que uma parábola não possa ter nomes de pessoas conhecidas.

Também devemos levar em conta que Jesus contou suas parábolas sem dizer para as pessoas: “Isso é uma parábola”...!

Uma outra questão é que o rico e Lázaro fica entre parábolas e também existem certos elementos nessa “história” que a classificam como parábola. Por exemplo, no versículo 24 o rico diz: “manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama”. Como pode um espírito possuir língua? A língua faz parte da carne, do corpo físico. O próprio Jesus após a ressurreição disse que um espírito não possui órgãos e membros comuns ao corpo humano, veja:

“Eles, porém, surpresos e atemorizados, acreditavam estarem vendo um espírito.

Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e verificai, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho”.

- Lucas 24:37-39

A seguir, veremos um comentário interessante do pastor Joe Haynes a respeito dessa parábola:

“Primeiro, uma parábola geralmente tem um ponto principal, e os detalhes não são supostamente para nos ensinar alguma coisa importante, exceto para apoiar o ponto principal. Por exemplo, nos versos 1-9 de Lucas 16, há uma outra parábola: do gerente do homem rico. Esta parábola não é para nos ensinar que podemos ir e reduzir o que os outros devem a Deus. O ponto principal é que a riqueza não é a coisa mais importante na vida, mas ela deve ser usada para propósitos eternos que são mais importantes. Da mesma forma, na segunda parábola [do rico e Lázaro], o ponto principal é que, apesar de todas as coisas boas que as pessoas possam desfrutar desta vida, elas ainda vão acabar no inferno se não se arrependem.

Os detalhes apenas definem o cenário para a história e não são para nos ensinar alguma coisa importante que não seja para apoiar o ponto principal. Isso não nos ensina que no Céu seremos capazes de ver o Inferno (versículo 23), ou que se pode falar com as pessoas no inferno (versículo 24 etc.).

Para ser consistente, aqueles que pensam que podemos aprender algo sobre o Estado Intermediário dessa parábola também devem admitir que a primeira parábola nos ensina a dar a volta e reduzir a dívida que as outras pessoas devem a Deus. Esse tipo de abordagem é um mal entendido de como interpretar o gênero literário de parábolas”.⁶⁴

⁶⁴ Joe Haynes. E-mail recebido em 25/03/2013 às 15:29 h. O Texto original em inglês segue abaixo:

Greetings Caesar.

Sorry for the slow response. I have been very busy.

Regarding your questions:

Luke 16:19-31 - the story of Lazarus and the rich man

Revelation 6:9 - the souls under the altar

First, a parable usually has a main point, and the details are not supposed to teach us anything important except to support the main point. For example, in verses 1-9 of Luke 16, there is another parable: of the rich man's manager. This parable is not meant to teach us that we can go and reduce what other people owe to God. The main point is that wealth is not the most important thing in life, but rather it should be used toward eternal purposes which are most important. Likewise, in the second parable, the main point is that in spite of all the good things people might enjoy in this life, they will still end up in Hell if they do not repent. The details merely set the stage for the story and are not meant to teach us anything important other than to support the main point. This does not teach us that in Heaven we will be able to see Hell (verse 23) or that we can talk back and forth with people in Hell (verse 24 etc.). To be consistent, those who think we can learn something about the Intermediate State from this parable should also concede that the first parable teaches us to go around

O fato de ser parábola, não faz do rico e Lázaro uma fantasia, mas nos ensina grandes verdades espirituais.

As Almas Debaixo do Altar (Apocalipse 6:9-11)

“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam.

Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”.

Quando se trata do livro do Apocalipse, estamos tratando de textos obscuros e altamente simbólicos. A regra da interpretação é correta ao dizer que são “as passagens claras que devem interpretar às obscuras”.

Sobre essas almas debaixo do altar, cito mais uma vez o pastor Joe Haynes:

“...em Apocalipse 6:9, as almas debaixo do altar são retratadas simbolicamente no lugar do sangue de um sacrifício que juntam-se sob o altar.

Por exemplo, veja Levítico 4:25 e 17:11. O ponto do texto de Apocalipse não é que as almas dos santos esperam durante o estado

and reduce the debt that other people owe to God. That kind of approach is a misunderstanding of how to interpret the literary genre of parables.

intermediário em um grande altar no céu, mas que as vidas dos santos que são mortos por causa do testemunho do Evangelho são uma oferta aceitável a Deus de adoração, e que esta oferta exige Deus para executar a justiça no momento adequado”.⁶⁵

Assim, temos evidências sólidas de que a Parábola do Rico e Lázaro, bem como as almas debaixo do altar, não servem de prova para a existência do Estado Intermediário entre a morte e a ressurreição final.

Mais uma vez é reforçado neste e-book que a Escritura Sagrada parece mostrar que, ao morrermos, o evento seguinte e imediato será a ressurreição e o Juízo Final (Jó 19:25-27; Hebreus 9:27; 2ª Coríntios 5:6-10; Romanos 8:22; 2ª Tessalonicenses 1:6-10 etc.).

⁶⁵ Joe Haynes. E-mail recebido em 25/03/2013 às 15:29 h. O Texto original em inglês segue abaixo:

Second, in Revelation 6:9, the souls under the altar are pictured symbolically in the place of the blood of a sacrifice which would pool up under the altar. For example, see Leviticus 4:25 and 17:11. The point of that text in Revelation is not that the souls of saints wait during the Intermediate State under a great big altar in Heaven, but that the lives of the saints who are killed for their witness of the Gospel are an acceptable offering to God of worship, and that this offering demands God to execute justice at the proper time.

I hope this is helpful!

For the glory of God alone,

Joe Haynes

Historicism.com

Keruxai.com

Beaconcommunities.ca

Haverá Animais no Céu ou Paraíso?

Muitos afirmam que a Escritura Sagrada não fornece uma resposta definitiva, mas menciona que os animais habitavam o Jardim do Éden, sugerindo que poderão povoar o Éden restaurado. A ideia de que haverá uma ressurreição de animais, principalmente os de estimação, é uma possibilidade coerente com a bondade de Deus. Conforme as Escrituras, os animais possuem a parte espiritual que pode sobreviver à morte do corpo. A ideia de que eles poderiam ressuscitar para habitar um Novo Céu e uma Nova Terra é reforçada por passagens como Isaías 11:6, que descreve harmonia entre diferentes espécies.

Refletindo sobre a criação divina, pergunto-me se seremos a única espécie a desfrutar dos Novos Céus e da Nova Terra prometidos nas Escrituras. Recuso-me a acreditar que Deus criou os animais apenas como figurantes na história humana. O fato de Ele ter poupado os animais no dilúvio demonstra Seu cuidado por todas as criaturas (Gênesis 7:1-3).

O sábio rei Salomão disse que “o que acontece aos filhos dos homens, isso mesmo também acontece aos animais; a mesma coisa lhes acontece” (Eclesiastes 3:18), ou seja, a morte. Mas acrescenta que os animais têm espírito que sai após a morte do corpo:

“Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó, e todos ao pó tornarão. Quem sabe se o espírito dos filhos dos homens vai para cima, e se o espírito dos animais desce pra terra?”

- Eclesiastes 3:20-21

Isso me faz pensar no amor que Deus tem por todas as Suas criações. A Nova Criação será um lugar onde humanos e animais

coexistirão em harmonia, livre do pecado que atualmente gera hostilidade (Romanos 8:21).

Uma vez que a Bíblia diz que devemos cuidar dos animais que Deus nos confiou (Provérbios 12:10), podemos crer que Deus em Seu cuidado irá trazer harmonia e restauração entre todos os seres. A adoração a Deus incluirá todas as criaturas, como descrito em Apocalipse 5:11-14.

A aliança de Deus com toda a criação, simbolizada pelo arco-íris, permanece eterna: “Este é o sinal da aliança que ponho entre mim e vós e entre todos os seres viventes” (Gênesis 9:12). Espero que, um dia, a criação inteira se una em louvor ao Senhor. “Tudo o que tem fôlego louve ao Senhor!” (Salmos 150:6).

Ao refletir sobre a presença de animais em nossas vidas, percebemos como eles tocam nossos sentimentos e enriquecem nosso mundo. Mesmo para aqueles que não têm animais de estimação, a alegria que eles trazem é inegável — quem não ama personagens como Lassie ou Flipper? Para muitos, a companhia dos animais é essencial para a felicidade, especialmente para quem vive sozinho.

Pensadores como C. S. Lewis e o teólogo e filósofo Peter Kreeft compartilham dessa esperança, acreditando que Deus, em Sua graça, incluirá nossos amigos peludos na eternidade. Sobre o assunto, C. S. Lewis escreveu:

“O completo silêncio das Escrituras e da tradição cristã quanto à imortalidade dos animais é uma objeção mais séria; mas ela seria fatal apenas se a revelação cristã mostrasse quaisquer sinais de ser propositada como um *système de la nature* respondendo a todas as questões.

Mas, não é nada disso: a cortina rasgou-se em um ponto, e num ponto apenas, para revelar nossas necessidades práticas imediatas e não para satisfazer nossa curiosidade intelectual.

Se os animais fossem, de fato, imortais, é improvável, pelo que discernimos do método de revelação de Deus, que Ele tivesse revelado esta verdade. Até mesmo a nossa imortalidade é uma doutrina que surge tardiamente na história do judaísmo. Portanto, o argumento do silêncio é muito fraco”.⁶⁶

O ponto central dessa discussão é se os animais têm consciência de si mesmos, um “eu” interior, mesmo que rudimentar, como afirma o escritor C. S. Lewis. É um fato científico que os animais mais desenvolvidos possuem um “eu” real, embora possa ser simples. Assim, o destino deles após esta vida não deve ser ignorado. Como Lewis destacou, isso “exige uma consideração mais profunda”.⁶⁷

Hank Hanegraaff é um famoso teólogo e conhecido por seu trabalho em defesa da Fé Cristã no Instituto Cristão de Pesquisas Americano. Sobre a imortalidade dos animais, escreveu:

“A Escritura não nos conta conclusivamente se nossos animais de estimação irão para o céu. Entretanto, a Bíblia nos fornece algumas dicas significativas sobre se ou não os animais habitarão o novo céu e a nova terra.

Em primeiro lugar, os animais povoavam o jardim do Éden. Portanto, há precedente para crer que os animais irão povoar o Éden Restaurado também. Os animais estão entre as criações mais

⁶⁶ O Problema do Sofrimento, pg. 104. Autor: C. S. Lewis. 2ª edição brasileira em setembro de 1986. Versão digital disponível na internet.

⁶⁷ Os animais ressuscitarão para a vida eterna? Pg. 26. Autor: César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada. Edição de Fevereiro de 2021 – 3ª edição ampliada. Site: www.revistacrista.org Acessado dia 26/10/2024

criativas de Deus. Dessa forma, pareceria incrível que ele banisse tais maravilhas no céu.

Além disso, enquanto não podemos dizer com certeza que os animais de estimação que apreciamos hoje serão “ressuscitados” na eternidade, não estou disposto a excluir a possibilidade. Alguns dos mais perspicazes pensadores, de C. S. Lewis a Peter Kreeft, não apenas estão convencidos de que os animais em geral, mas os animais de estimação em particular, serão restaurados na ressurreição. Se Deus ressuscitasse nossos animais de estimação, isso estaria em plena harmonia com sua graça e bondade avassaladora.

Finalmente, as Escrituras, do começo ao fim, sugerem que os animais têm almas. Tanto Moisés em Gênesis quanto João em Apocalipse informam que o Criador dotou os animais de almas. Nas línguas originais de Gênesis 1.20 e Apocalipse 8.9, *nephesh* e *psyche* respectivamente se referem à essência da vida ou à alma. Somente após Descartes, Hobbes e o Iluminismo que as pessoas passaram a pensar de outra forma a respeito dos animais. Entretanto, porque a alma de um animal é qualitativamente diferente da alma de um ser humano, há dúvida razoável se ela pode sobreviver à morte de seu corpo. Uma coisa é certa: a Escritura nos fornece precedência suficiente para crer que os animais povoarão o novo céu e a nova terra. Nas palavras de Isaías: “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará” (Isaías 11.6)”.⁶⁸

⁶⁸ Haverá Animais no Céu? Hank Hanegraaff. Adaptado de Resurrection. Para um estudo adicional, veja Hank Hanegraaff, Resurrection (Nashville:Word Publishing, 2000), capítulo 13. Fonte: www.equip.org/bible_answers/will-there-be-animals-in-heaven/ Publicado também em www.arminianismo.com sábado, setembro 13, 2014 e no site da Revista Cristã Última Chamada: https://www.revistacrista.org/Morte%20e%20Eternidade_Havera_Animais_no_Ceu_hank.htm Acessado dia 27/10/2024

Para minha surpresa o famoso pregador metodista, John Wesley, também falou sobre a imortalidade dos animais na ressurreição. Ele fala sobre o assunto em seu sermão chamado “*A libertação Geral*” (Sermão 60).

Outro livro famoso que é considerado um grande clássico teológico escrito em inglês há mais de cem anos, intitulado “*The Immortality of Animals And the Relation of Man as Guardian, from a Biblical and Philosophical Hypothesis*”, o qual traduzi e lancei uma edição intitulada “*A Imortalidade dos Animais e a relação do homem como guardião, a partir de uma hipótese bíblica e filosófica*”, foi escrito pelo religioso Elijah D. Buckner (Phd) em 1903.

A imortalidade dos animais tornou-se um tema de profundo interesse para mim, motivado pela necessidade de um entendimento teológico mais adequado e menos simplista. Desde 2014, ao observar a perspectiva de teólogos que negam a transcendência dos animais, percebi que muitos adotam uma visão pessimista sobre o destino desses seres após a morte, considerando-os mais miseráveis do que os seres humanos perdidos. Essa constatação me levou a crer que a teologia precisa evoluir e desenvolver tratados que abordem de maneira mais completa a vida e o destino dos animais, reconhecendo que essa disciplina é, por natureza, um campo em constante evolução.

Sobre o desenvolvimento da teologia em relação à criação e ao cosmos, é importante notar que, ao longo desse processo, muitas das implicações cosmológicas do legado cristão foram deixadas em segundo plano devido à ênfase intensa no conteúdo soteriológico do ensinamento. O Cosmos, sendo uma teofania — uma manifestação ou revelação de Deus (Romanos 1:20) — nos leva a refletir sobre a analogia de São Boaventura, que descreve o mundo como um espelho repleto de brilhantes reflexos da sabedoria divina. Assim, quando o apóstolo Paulo afirma em Efésios 1:10 que Deus fará “convergir” em Cristo, “na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra”, isso indica que Ele

unificará todas as coisas sob um princípio ou uma Pessoa, ou seja, o próprio Cristo.

É justamente na unificação de todas as coisas que a natureza toda ressuscitará. E isto inclui os animais. Há vários textos bíblicos que provam isso. O texto chave que prova a ressurreição dos animais para a vida eterna é Romanos 8:19-23:

“A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus.

Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora.

E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”.

É amplamente aceito entre os teólogos que o texto de Romanos mencionado acima aborda a ressurreição de toda a criação, e não apenas dos corpos dos santos. O trecho de Romanos sugere claramente que, após a ressurreição dos santos, a natureza continuará a existir, não se extinguindo. Além disso, ao sermos ressuscitados, recebemos uma promessa: “Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé” (Romanos 4:13). Com a continuidade da natureza, tudo o que a compõe — incluindo plantas, minerais e, principalmente, os animais — será restaurado. No entanto, em relação ao texto de Romanos 8 mencionado, parece que muitos crentes não percebem a profundidade dessa mensagem.

O respeitado teólogo N. T. Wright escreveu algo interessante sobre esse texto de Romanos 8:

“Era realmente uma vista. Podia ver não apenas aquele grande bosque inteiro, mas também um pouco além dele. Podia ver outras montanhas a distância, e fumaça subindo de algumas vilas. Metade do condado parecia estar ali, na minha frente. E eu poderia nunca ter sabido. Romanos 8:18-25 é um pouco como aquela vista. Desse lugar nós podemos ver, com assombrosa claridade, todo o plano de salvação para toda a criação de Deus. Uma vez que você tiver conhecido essa vista, nunca a esquecerá. Mas a maioria das pessoas que leu Romanos, por muitos anos e de muitas tradições, se apressou. Estavam muito apressados com suas teorias de justificação e salvação individuais. Estavam ansiosos por lições morais, por uma base para uma experiência nova do espírito (ou uma teologia nova para dar base à experiência que tiveram). Eles estavam no seu caminho para as grandes questões sobre Israel e os Gentios, que realmente são uma preocupação de grande parte de Romanos, incluindo os capítulos seguintes a Romanos 8”.⁶⁹

Há muito mais que eu poderia discutir sobre a ressurreição dos animais e sua imortalidade. Escrevi um e-book especialmente sobre o tema, intitulado “*Os Animais Ressuscitarão para a Vida Eterna?*”,⁷⁰ no qual apresento evidências bíblicas, teológicas e filosóficas que demonstram que os animais, de fato, possuem transcendência e ressuscitarão no último dia.

Caso contrário, sem o amor e o cuidado de Deus, os animais seriam tão miseráveis quanto os homens perdidos, pois seu destino se

⁶⁹ Criação Restaurada e Esperança Paciente(Uma reflexão sobre Romanos 8:18-25). Por Tom Wright. Site: www.operationnoah.org/sites/default/files/Theology%20Creation%20renewed%20pdf.pdf

⁷⁰ Os Animais Ressuscitarão para a Vida Eterna? César Francisco Raymundo. Publicado pela Revista Cristã Última Chamada. Site: https://www.revistacrista.org/literatura_os_animais_ressuscitarao_para_a_vida_eterna.html Acessado dia 27/10/2024

assemelharia a um castigo semelhante ao inferno pregado pelas Testemunhas de Jeová — mesmo sendo criaturas inocentes. O fato é que a teologia ainda está subdesenvolvida nessa área, e é necessário elaborar grandes tratados sobre a transcendência dos animais.

- Capítulo 4 -

Como Será a Vida Eterna?

A vida eterna é um conceito que fascina e intriga a humanidade há milênios. Enquanto as palavras da Bíblia nos oferecem vislumbres de um estado glorificado e incorruptível, a verdadeira experiência dessa existência transcende nossa compreensão atual. Neste capítulo, explorarei os aspectos que compõem a vivência na vida eterna, revelando como ela se desdobra em um corpo glorificado, em plena liberdade e comunhão, e em um propósito que ressoa em cada ação.

Se você sempre se perguntou como é a vida eterna, saiba que Jesus Cristo, ao retornar, nos trouxe revelações sobre essa experiência extraordinária. No entanto, é importante lembrar que apenas ao estarmos lá poderemos verdadeiramente sentir, ver e viver tudo o que essa nova vida tem a oferecer.

Um Corpo Glorificado e Incorruptível

Na vida eterna, somos prometidos um corpo que não conhecerá a decadência. Essa transformação nos permitirá experimentar a vida em sua plenitude, livres das limitações e fragilidades que nos afligem nesta vida. A incorruptibilidade não é apenas uma questão de imortalidade física, mas também de uma saúde espiritual e emocional, refletindo a perfeição divina.

Alguns versículos nos ajudam a ter um vislumbre desse corpo que teremos:

1ª Coríntios 15:42-44:

“Assim também a ressurreição dos mortos. Semeia-se corpo corruptível, ressuscita incorruptível; semeia-se em desonra, ressuscita em glória; semeia-se em fraqueza, ressuscita em poder; semeia-se corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, há também um corpo espiritual”.

Este trecho enfatiza a transformação radical que ocorrerá na ressurreição. O corpo glorificado é imortal e possui uma natureza espiritual que transcende a fragilidade e a corrupção do corpo físico.

Filipenses 3:20-21:

“Mas a nossa cidadania está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo; o qual transformará o nosso corpo humilhado para ser igual ao corpo da sua glória, segundo o seu poder que até subjuga a si mesmo todas as coisas”.

Aqui, Paulo ressalta que os crentes têm uma esperança na transformação dos seus corpos. O corpo glorificado é descrito como sendo semelhante ao corpo ressurreto de Cristo, enfatizando a continuidade e a transformação. O corpo ressurreto de Jesus é um elemento central na teologia cristã, especialmente em relação à doutrina da ressurreição. Após sua morte na cruz, Jesus ressuscitou ao terceiro dia, e Seu corpo ressurreto possui características que enfatizam a incorruptibilidade e a transformação. O corpo de Jesus não está sujeito à morte ou à corrupção. Ele ressuscitou em um corpo glorificado, que não envelhece, não adoece e não morre novamente. É o mesmo corpo que foi ferido e morreu na cruz. Da mesma forma, teremos continuação de nossos corpos após a ressurreição.

Quando Jesus Cristo foi sepultado, Seu corpo não sofreu decomposição, conforme indicado em várias passagens das Escrituras, como em Atos 2:27, 31 e 13:34-37. A comparação entre Jesus e Davi ressalta que, enquanto Davi “serviu à sua própria geração, conforme o desígnio de Deus, adormeceu, foi para junto de seus pais e viu corrupção”, “porém aquele a quem Deus ressuscitou não viu corrupção”.

Exceto por aqueles que estiverem vivos no dia da Volta de Jesus, todos os nossos corpos passarão pela decomposição, mas esses mesmos corpos serão ressuscitados. No entanto, no século 21, uma mentalidade científica pode levantar questionamentos sobre essa ressurreição.

O bispo Hermes C. Fernandes expôs muito bem essas questões científicas que muitos apelam:

“O credo apostólico é claro quanto à crença cristã histórica na ressurreição, tanto de Cristo, quanto de todos os homens. Nele se afirma que Jesus Cristo foi “morto e sepultado; desceu ao Hades; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos”. Além de chancelar a crença “na ressurreição do corpo e na vida eterna”. Mas como isso se dará?

O que dizer de corpos que foram reduzidos a nada? Seus átomos se espalharam pelo ar e hoje fazem parte de outros corpos e até de objetos inanimados. Como reagrupá-los? Que Deus é onipotente, todos concordamos sem titubear. Todavia, se um átomo que antes pertencia a um corpo, agora pertence a outro, a qual deles ele se ajuntará na ressurreição? E no caso de um órgão que tenha sido doado, em que corpo ressuscitará, no que doou ou no que recebeu?”⁷¹

⁷¹ Artigo: Nossos Corpos Ressuscitarão? Como? Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.hermesfernandes.com Acessado Domingo, 8/3/2015

Para intensificar a discussão, observe o que a ciência afirma sobre nosso corpo físico:

“Cada vez que inspiramos recebemos do meio 1022 átomos e uma parte significativa dessa enorme quantidade de material entra no nosso corpo para formar as células do coração, do cérebro, dos rins, dos neurônios e etc.

Cada vez que aspiramos retiramos de nosso corpo a mesma quantidade de átomos. Nós literalmente aspiramos pequenas partes do nosso cérebro, do nosso coração e de nossos rins.

Podemos concluir que a cada segundo, nosso corpo está se renovando, transformando-se mais rapidamente do que quando trocamos de roupa. De certa forma, podemos dizer que ninguém pode apoiar-se duas vezes sobre a mesma carne e ossos. Nas últimas 3 semanas 1015 átomos têm fluído através do nosso corpo para ir para corpos de outras espécies neste planeta. Estudos com isótopos radioativos mostram, com grande elegância, que trocamos 98% dos átomos de nosso corpo em menos de um ano e todos os átomos em dois anos e meio.

Nós desenvolvemos um novo fígado a cada 6 semanas, uma nova pele uma vez por mês, um novo revestimento do estômago a cada 5 dias, um novo esqueleto a cada três meses. Mesmo as nossas células do cérebro com as quais pensamos, que são constituídas de carbono, hidrogênio, nitrogênio e oxigênio, não são as mesmas do ano passado. Portanto, nosso corpo atual não é o mesmo que utilizamos enquanto aprendíamos a andar. A cada sete anos todas as células do nosso corpo são repostas.

Em todo o tempo, compartilhamos intimamente o nosso corpo com outros corpos à nossa volta. Já dizia o poeta americano Walt Whitman: *“Todos os átomos que pertencem a você também pertencem a mim”*. Embora se trate de poesia, esta afirmação não é apenas metafórica. Estudos com isótopos radioativos têm mostrado que, neste instante

de nossa existência possuímos um milhão de átomos que poderiam ter pertencido um dia ao corpo de Einstein, de Leonardo Da Vinci, Michelangelo, Napoleão Bonaparte. Simplesmente não podemos nos separar fisicamente de nada e de ninguém que já tenha passado por este mundo. E isso inclui... JESUS!⁷²

A afirmação de que “a cada sete anos todas as células do nosso corpo são repostas” sugere que uma pessoa que vive setenta anos experimentou, pelo menos, dez renovações em seu corpo. Isso levanta a questão: com qual corpo ela ressuscitará? O da infância, adolescência, fase adulta ou o último corpo no momento da morte?

Alguém uma vez comentou:

“Para mim a ressurreição do corpo e, conseqüentemente, da carne seria a maior demonstração do poder de Deus, pois, além de Senhor da vida, também demonstraria ser o Senhor da morte, expressando de forma magnífica sua onipotência”.

Ele questiona até que ponto é importante que Deus reúna suas células e átomos para que ele seja considerado ressuscitado.

O filósofo grego Heráclito disse: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”, e Lulu Santos canta: “...tudo passa tudo sempre passará”. Ambos refletem a ideia de constante mudança no mundo. Assim, questiona-se como podemos morrer e retornar à vida sem modificações, se estamos em constante mutação.

O entendimento é que a restauração do corpo deve ser da essência, garantindo a identidade. A mudança é a característica essencial deste mundo, enquanto a imutabilidade ocorrerá na eternidade, onde não haverá mais corrupção, doenças ou angústias. Seremos perfeitos e

⁷² Artigo: Por que celebrar Seu Nascimento, e não somente Sua Morte? Autor: Hermes C. Fernandes. Site: www.hermesfernandes.com Data: sexta-feira, dezembro 14, 2012

felizes, desfrutando da comunhão plena com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Embora a Bíblia não aborde questões científicas nem explique o reagrupamento dos átomos do nosso corpo, ela afirma que a ressurreição será, de fato, um reagrupamento. O corpo da ressurreição, conhecido como “corpo espiritual”, será tangível e material, mas não estará mais sujeito ao desgaste do tempo ou à morte.

A Bíblia não especifica se Deus irá reagrupar exatamente os mesmos átomos, mas assegura que “do pó da terra seremos levantados”. Muitos têm dificuldade em crer na ressurreição, considerando-a grandiosa demais, especialmente pela crença de que é impossível levantar um corpo do pó após a decomposição. Allan Kardec, o fundador do espiritismo, afirmou que “o certo seria crer em reencarnação, visto ser impossível reagrupar nossos átomos após o corpo se decompor”.⁷³

No entanto, essa crença na reencarnação é desprovida de fundamento. A ressurreição, por outro lado, é sólida, fundamentada na ressurreição de Jesus Cristo. Embora muitos tenham dificuldades em crer, a criação do Universo já é algo maravilhoso e complexo. Duvidar da ressurreição é duvidar do poder de Deus e, pior ainda, é negar que um dia Cristo ressuscitou.

Sobre essa questão o texto de Romanos 8:18-21 mostra que a ressurreição não será apenas de corpos que estão presos as sepulturas, mas toda a criação será ressuscitada:

“Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória que em nós há de

⁷³ Artigo: Reencarnação x Ressurreição, Site: www.falhasespiritismo.org/tag/ressurreicao/ Acessado Domingo, 8/3/2015

ser revelada. Porque a ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que também a própria criação será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus”.

Este versículo fala sobre a expectativa da criação por um futuro glorioso, onde os crentes receberão seus corpos glorificados. A glória futura é uma esperança que contrasta com os sofrimentos presentes. A transformação é um aspecto central da esperança cristã, pois aponta para a restauração final e a vida eterna na presença de Deus.

Mas porque toda criação tem que ser ressuscitada? O teólogo e pastor Glênio Fonseca Paranaçu responde adequadamente:

“- Sim. Com a queda espiritual houve uma queda na estrutura atômica. Assim, a matéria passou por um desequilíbrio. A natureza física entrou em contorções. Veja como a Bíblia descreve esse estado de perda de energia: Pois sabemos que toda a criação vem gemendo e sofrendo dores até agora, como uma mulher que está prestes a ter um filho. (Carta aos Romanos 8:22 VFL).

- Então, a natureza pós pecado não é a mesma? O que você está dizendo é que o pecado danificou de fato e completamente a estrutura da matéria? Vivemos num mundo em agonia? O corpo humano sendo feito da matéria também está corrompido?

- Sim. Não sou eu quem diz isso. É a Bíblia. A ciência também diz que há um aniquilamento de energia na matéria. A segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, mostra a perda natural de energia no átomo. A matéria envelhece paulatinamente. Toda natureza pós pecado é uma estrutura decadente. O caos e a morte dão as cartas neste mundo. Tudo aponta para o pecado como um acidente cósmico que danificou tudo.

- O pecado então atingiu em cheio toda criação? Então, vivemos a ditadura do caos e da morte? O que você está me dizendo é que o pecado contaminou a natureza?

- Sim. Depois da queda a matéria ficou conspurcada pelos efeitos do pecado. Tudo no universo, a partir do pecado, encontra-se em decadência”.⁷⁴

Resumindo este tópico, note o leitor que o reagrupamento de átomos na ressurreição está ligado ao poder de Cristo que “segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas” (Filipenses 3:21). Então, átomos, moléculas, células e cada detalhe do Universo estão sob o controle de Cristo. É aqui que preciso esclarecer outra coisa. Uma vez que todos os elementos da criação foram afetados pelo pecado, logo precisam ser ressuscitados.

Liberdade e Plenitude

Imaginemos uma existência onde a liberdade é total e a plenitude é alcançada. Sem as correntes do pecado ou da dor, a vida eterna é um espaço onde podemos explorar, criar e viver plenamente, conectando-nos com a essência do que significa ser humano em sua forma mais pura.

Seremos capazes de realizar mágicas, milagres e coisas que no momento presente estamos restringidos. Quando aprendermos a usar corretamente os poderes que nos foram negados por segurança, eles serão restaurados. Nossas almas seguirão a vontade de Deus e viveremos em harmonia. Contudo, se Deus nos concedesse poderes sobrenaturais em nosso estado atual, isso poderia resultar em devastação total. Se atualmente temos o poder de construir

⁷⁴ Artigo: A Natureza Terrena e a Tentação de Jesus. Autor: Glênio Fonseca Paranaguá. Site: www.piblondrina.com.br

tecnologias devastadoras, como trabalhar com os átomos e construir bombas atômicas, imagine se conseguíssemos entrar no segredo da vida que agora estranhamos.

Mas que espécie de liberdade teremos no Paraíso? Como será em relação a liberdade para pecar?

A ideia de “liberdade para pecar” é uma contradição, assim como “liberdade de ser escravizado”. A verdadeira liberdade é encontrada na “liberdade dos filhos de Deus”, que é alcançada por meio da escolha consciente. No Paraíso, não pecaremos porque essa não será nossa vontade. Assim como matemáticos competentes evitam erros básicos, escolheremos livremente viver sem pecados.

No Céu, a bondade de Deus será tão atraente e o pecado tão repulsivo que não haverá motivo para errar. Atualmente, somos aprisionados pela ignorância; todo pecado surge dessa falta de entendimento, pois muitas vezes vemos o pecado como algo desejável, quando na verdade não é. Esta ignorância é nossa responsabilidade, mas é ela que nos leva ao erro. Com a visão Santa de Deus no Céu, envoltos na alegria plena da bondade, ninguém desejará se afastar dessa Glória.

Agora, como diz a Bíblia, “nós andamos pela fé, não pela vista” (2 Coríntios 5:7). Estar no Paraíso não elimina a liberdade. A verdadeira liberdade é não cometer pecados.

No Céu, experimentaremos uma liberdade que também se estende à privacidade. Não haverá necessidade de manter segredos, pois ninguém sentirá vergonha ou receio de ser mal compreendido ou não amado. A privacidade, assim como roupas e leis, é uma necessidade apenas em nosso estado caído. Com a eliminação do pecado, não haverá mais motivos para esconder nada.

Além disso, a noção de propriedade privada não existirá; não haverá a mentalidade de “isso é meu, não seu”. O comunismo, junto com o nudismo e o anarquismo, toca levemente na ideia de algo celestial, mas ao tentar impor isso agora de forma coercitiva, acaba por transformar o que poderia ser divino em algo oposto, semelhante a dar responsabilidades de adultos a crianças.

Reconhecimento e Comunhão

A comunhão com outros é uma parte essencial da experiência eterna. Seremos reconhecidos por nossos entes queridos e experimentaremos um vínculo profundo com todos aqueles que compartilham essa nova realidade. A troca de amor e conhecimento entre os seres é uma das mais belas promessas desse estado de existência.

Após a ressurreição, a Bíblia revela que teremos reconhecimento e comunhão, especialmente em relação à forma como Jesus interagiu com seus discípulos. Aqui estão alguns versículos que evidenciam isso:

Lucas 24:31-32:

“Abriram-se-lhes, então, os olhos, e o reconheceram; mas ele desapareceu de sua vista. E disseram um ao outro: Não ardia em nós o coração, quando pelo caminho nos falava e quando nos expunha as Escrituras?”

Neste momento, os discípulos reconhecem Jesus após Sua ressurreição, indicando que, mesmo em sua forma glorificada, Ele ainda era reconhecível. O reconhecimento é uma evidência de que teremos a capacidade de identificar uns aos outros no Céu. É interessante notar que os discípulos que reconheceram Jesus ainda

estavam na Terra, em seus corpos mortais. Apesar de todas as suas limitações, conseguiram reconhecer um ser que já se encontrava em um estado de glorificação, como Jesus.

A questão de saber se "reconheceremos nossos entes queridos no Céu" é uma dúvida comum entre as pessoas. Mas se entendermos que nas limitações atuais já somos capazes de nos reconhecer, ainda que nos conheçamos em profundidade uns aos outros, quanto mais no Paraíso em um estado superior e perfeição. Um cristão certa vez perguntou: *"No Céu, seremos mais tolos do que somos aqui?"*

A resposta óbvia é que vamos conhecer nossos entes queridos, pois isso faz parte do Plano de Deus para completar nossa alegria. Não somos seres que foram criados para serem adoradores solitários. Não somos amantes de Deus somente, mas como o próprio Deus, somos amantes de homens e mulheres também.

Sobre essa questão, o teólogo e filósofo Peter Kreeft, escreveu:

“Assim como Jesus na Terra amou cada pessoa de maneira diferente e especial - Ele não amava João como Ele amava Pedro, porque João não era Pedro - então nós somos projetados para amar as pessoas especialmente. Não há razão para que essa especialidade seja removida, em vez de acrescentada, na eternidade. Nossa família e amigos especiais sempre serão nossa família e amigos especiais. Nesta vida, a criança começa a aprender a amar amando a mãe, depois o pai, depois os irmãos e depois os animais de estimação. Os círculos concêntricos de amor são gradualmente expandidos, mas as lições iniciais nunca são abandonadas. Não há razão para pensar que Deus arranca esse plano após a morte”.⁷⁵

Mais versículos provam que nos reconheceremos uns aos outros após a ressurreição. João 20:16 diz:

⁷⁵ Idem nº 56, pg. 13.

“Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, voltando-se, exclamou: Rabôni! (que quer dizer: Mestre!)”

Maria Madalena reconhece Jesus ao ouvir seu nome. Esse reconhecimento pessoal entre Jesus e seus seguidores sugere que teremos uma relação íntima e consciente uns com os outros na vida eterna. No episódio da Transfiguração de Jesus houve uma “visão” (o que muitos ignoram), em que “apareceram-lhes Moisés e Elias, falando com ele” (Mateus 17:3). Durante a Transfiguração, os discípulos reconhecem Moisés e Elias, que já haviam vivido antes. Isso demonstra que, no Reino Celestial, seremos capazes de reconhecer figuras do passado, reforçando a ideia de que haverá comunhão e identificação no Paraíso.

O texto de 1ª Coríntios 13:12 é bastante conhecido por retratar nossa parcialidade de conhecimento aqui na Terra. “Porque agora vemos como em espelho, obscuramente; mas então, face a face. Agora conheço em parte; então conhecerei plenamente, como também sou plenamente conhecido”. Este versículo fala sobre o conhecimento pleno que teremos na eternidade. A promessa de conhecer e ser conhecido indica que teremos uma comunhão profunda e reconhecida entre nós no Céu.

Todos os versículos citados acima evidenciam que no Céu/Paraíso teremos a capacidade de reconhecer e ter comunhão uns com os outros, assim como Jesus teve com seus discípulos após a ressurreição. A natureza do nosso relacionamento será baseada na intimidade e no amor, refletindo a união perfeita que teremos com Deus e com os outros.

Participação em Atividades Físicas

Era uma vez uma ideia comum: o Céu era um lugar monótono, onde anjinhos de asas brancas flutuavam, tocando harpas em uma

melodia suave e repetitiva. A imagem era tão perfeita e calma que, em certos momentos, parecia até entediante. Esta é a imagem que muitos têm do Céu, do Paraíso.

Note o leitor que ao longo deste texto, utilizo as palavras “Céu” e “Paraíso” como sinônimos, pois ambos os termos representam um espaço de plenitude e harmonia.

Mas voltando a suposta “monotonia” Celeste, a vida eterna não é uma existência passiva. Em vez disso, a Bíblia sugere que teremos atividades a realizar, um envolvimento com a criação e com o divino. Imagine participar de aventuras gloriosas e projetos criativos, contribuindo para um Universo em constante crescimento e beleza.

Com o passar do tempo, a visão religiosa do Céu foi transformada em um espaço elevado, cinzento e iluminado, onde se entoam louvores incessantemente. Nesse entendimento, não há lugar para imaginar que no Céu possamos utilizar nossos talentos em sua forma mais plena, como compositores excepcionais, bandas perfeitas de diversos estilos, escritores criativos e projetos inovadores, além de uma vida repleta de atividades vibrantes. O que experimentamos na Terra é apenas uma pequena e infantil representação do que está reservado para nós no Céu. O Céu já se manifestou entre nós e aguarda seu pleno desfecho. Jesus é a nossa verdadeira experiência do Céu.

Cada momento na vida eterna será carregado de significado. Nossas ações refletirão a intenção divina, e viveremos com um propósito claro, alinhado com o plano maior do Criador. Essa nova realidade oferece uma oportunidade única de realizar tudo aquilo que fomos criados para ser.

Vamos Tocar e Ver o Senhor?

“Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus.

Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei”.

– João 20:24-25

A incredulidade de Tomé foi muito importante para todos aqueles que vieram a crer no Cristo ressuscitado. Das muitas lições que se pode tirar, uma delas é importante para a nossa reflexão. É que ficou provado que o corpo ressurreto e sobrenatural de Jesus pode ser tocado, mesmo que por mortais, como é o caso de Tomé:

“E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.

Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!

Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”.

– João 20:27-29

Se para Tomé e os demais discípulos fora possível neste mundo caído e mortal, quanto mais na Glória eterna vamos poder tocar e abraçar ao Senhor.

Recentemente, uma pessoa compartilhou sua dificuldade em imaginar trilhões de pessoas ressuscitadas cumprimentando Cristo na eternidade, uma por uma. A ideia de uma interação tão prolongada e contínua a deixou angustiada. Eu a respondi, lembrando que o corpo de Jesus não está limitado ao tempo e ao espaço. Deus, em Sua

infinidade, tem toda a eternidade para se relacionar plenamente com cada uma de suas criaturas, como se cada uma fosse única.

Podemos fazer uma analogia com a Inteligência Artificial. Embora ela seja uma tecnologia que interage com bilhões de pessoas ao mesmo tempo, sua essência permanece única. Assim, imagine o corpo glorificado de Cristo: ele transcende as limitações temporais e espaciais. Nele habita toda a plenitude da Divindade (Colossenses 2:9), o que lhe permite estar presente com todos ao mesmo tempo, sem que essa presença seja uma simulação. É uma realidade viva e verdadeira.

Na história da Igreja, há relatos de santos que experimentaram a graça de estar em dois lugares ao mesmo tempo, como Santo Antônio de Pádua e São Francisco de Assis. O milagre chama-se “bilocação”. Se humanos podem receber essa graça, quanto mais o Senhor, cuja natureza divina permite-lhe essa plenitude.

Embora eu não creia no milagre da Eucaristia sob a perspectiva católica, a ideia de que o corpo de Cristo poderia se multiplicar indefinidamente é interessante. A Eucaristia, conforme entendida por muitos, é um sinal da presença real de Cristo, que se torna pão e vinho. Isso sugere que o mesmo corpo de Cristo poderia, de maneira misteriosa e maravilhosa, estar presente em várias formas e lugares ao mesmo tempo, sem ser uma mera simulação, mas sim uma realidade. Apenas estou usando a Eucaristia como exemplo.

Após a ressurreição, o Senhor Jesus Cristo fez diversas aparições que, dadas as limitações da época, seriam surpreendentes em termos de tempo e espaço. Por exemplo, enquanto Ele se manifestava a dois discípulos a caminho de Emaús (Lucas 24:13-35), esses mesmos discípulos correram para avisar os outros sobre sua experiência. Enquanto isso, já havia relatos de que Cristo havia aparecido a várias outras pessoas em diferentes momentos e lugares.

Em 1ª Coríntios 15:6, Paulo menciona que, após ressuscitar, Cristo apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, o que demonstra que suas aparições não eram meras visões isoladas, mas eventos coletivos que impactaram muitos. Esse fenômeno ilustra a natureza extraordinária da ressurreição de Cristo, que transcende as limitações físicas e temporais que conhecemos.

Além disso, em João 20:19-20, vemos Jesus se apresentando aos discípulos, mesmo estando as portas trancadas. Isso reforça a ideia de que seu corpo glorificado não estava sujeito às mesmas restrições do nosso mundo. Ele entrou e lhes mostrou as marcas da crucificação, oferecendo-lhes paz e certeza de que estava verdadeiramente vivo.

A presença de Jesus após a ressurreição nos ensina que Ele, em sua glorificação, é capaz de se manifestar de maneiras que vão além da nossa compreensão limitada de tempo e espaço. Assim, ao refletir sobre a eternidade e a presença de Cristo, podemos confiar que Ele está além das limitações que conhecemos. Sua interação com cada um de nós não se baseia na contagem de tempo ou na ordem de cumprimentos, mas na profundidade do relacionamento que Ele deseja estabelecer com cada alma.

Haverá Tecnologia no Céu/Paraíso?

Tecnologia é o uso de conhecimentos e ferramentas para resolver problemas e facilitar a vida. Precisamos de tecnologia para superar nossas limitações. Eu costumo dizer que “a tecnologia é uma extensão do nosso corpo, permitindo-nos realizar o que, por si só, não conseguimos”. Por exemplo, no Evangelho de Mateus diz que os discípulos estavam no barco e “Jesus foi até eles, caminhando sobre as águas” (Mateus 14:25-29). O Senhor não precisou de um barco para andar sobre as águas. Nós precisamos.

Após a ressurreição, o Senhor realizou diversas ações que, para nós, pareceriam possíveis apenas através da tecnologia. “Ao cair da tarde daquele primeiro dia da semana, estando os discípulos reunidos a portas trancadas, com medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio deles e disse: 'Paz seja com vocês!' E, dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos alegraram-se ao ver o Senhor.” (João 20:19-20 – o grifo é meu). Note o leitor que “a portas trancadas” sugere que o Senhor atravessou as paredes. Veja também Lucas 24:36-37; Lucas 24:13-16 (Caminho de Emaús); Lucas 24:30-31. Em todos esses textos o Senhor aparece e desaparece, atravessa paredes etc. Os cientistas de hoje exploram conceitos como teletransporte e a possibilidade de atravessar paredes ou estruturas, embora esses avanços ainda estejam no campo da teoria e da pesquisa experimental.

Mas Jesus possuía uma forma de tecnologia intrínseca em seu corpo glorificado. Antes mesmo da ressurreição, Ele caminhava sobre as águas, realizava curas e realizava milagres apenas com o toque das mãos. Após retornar da morte, atravessou paredes, tudo isso em um corpo físico. Assim, quando recebermos um corpo semelhante ao de Jesus após a ressurreição dos mortos, podemos imaginar que o conceito de tecnologia na eternidade estará em nós mesmos, sem a necessidade de aparelhos ou instrumentos complexos. E quem sabe até poderemos realizar coisas ainda maiores.

Pode parecer que estamos levantando questões triviais, mas se temos a oportunidade de explorar essas curiosidades, devemos estar abertos a fazê-lo. É certo que seremos capazes de praticar ciência, matemática e pesquisa na Nova Terra? Se sim, será de uma forma muito diferente do que conhecemos neste mundo, marcado pela Queda de Adão e Eva. Mas se a Queda não tivesse ocorrido, teríamos presenciado o mesmo nível de desenvolvimento tecnológico?

Embora tudo isso seja especulativo, alguns podem considerar desnecessário, pois em nossa perfeita comunhão com Deus teremos

uma compreensão plena. De fato, a pesquisa e a ciência são impulsionadas pela busca de entender o que ainda nos escapa ou de aprimorar nossa compreensão do que já sabemos, embora sempre de forma imperfeita. A questão é que teremos corpos ressuscitados para habitar um ambiente físico, o Paraíso Restaurado. Assim, ocuparemos espaço, mas o espaço não será uma limitação.

Teremos a oportunidade de nos alegrar e louvar a Deus, e isso exigirá uma expressão em nossos corpos glorificados. Poderemos nos ver e nos comunicar, independentemente de estarmos em diferentes partes do Planeta Terra ou em outras dimensões. Atualmente, para isso, dependemos da tecnologia, mas na Nova Terra, essa expressão será realizada em nossos corpos glorificados.

Comeremos e beberemos vinho com Jesus. Ele mesmo disse isso em Lucas 22:30: “Para que vocês comam e bebam à minha mesa no meu Reino, e se assentem em tronos, julgando as doze tribos de Israel”. Claro que isso teve um cumprimento parcial neste mundo, mas ainda haverá plenitude.

Mas alguém dirá que tudo isso é desnecessário. Tudo bem, mas tenho a impressão que as pessoas acreditam que o Paraíso será lugar apático, indiferente a atividades de todos os tipos. Mas a ressurreição prova que esta vida é apenas um “sonho” em relação ao que virá. O próprio Senhor Jesus Cristo acreditava que seria ressuscitado da sepultura para a imortalidade para uma existência ainda mais real do que a que tinha anteriormente. E sua fé foi realizada. Não consigo conceber um Jesus que foi na festa de casamento em Caná da Galileia, que comia, bebia e cantava músicas judaicas, pudesse ser diferente na vida futura.

Sem a ressurreição do corpo físico não dá para pensar em uma vida melhor que esta atual. Uma vez que Deus é fiel e não mente, Ele não poderia ter mentido para Abraão, Isaque, Jacó e tantos outros. Sendo assim, deve haver uma ressurreição física no futuro. Junto à

ressurreição física, a promessa de Deus a Abraão não inclui necessariamente somente uma ressurreição física, mas todos os santos deverão “herdar a terra” (Mateus 5:5). A conclusão que não se pode escapar é que todos os santos são herdeiros da Terra:

“Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé”.

- Romanos 4:13

“Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?”

- Tiago 2:5

“Pela fé, Noé, divinamente instruído acerca de acontecimentos que ainda não se viam e sendo temente a Deus, aparelhou uma arca para a salvação de sua casa; pela qual condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça que vem da fé”.

- Hebreus 11:7

“Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados”.

- Romanos 8:17

“Porque os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no Senhor possuirão a terra.

Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás.

Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz”.

“Os justos herdarão a terra e nela habitarão para sempre”.

“Espera no Senhor, segue o seu caminho, e ele te exaltará para possuíres a terra; presenciarás isso quando os ímpios forem exterminados”.

- Salmos 37:9-11, 29, 34

Desenvolvimento em Fruição

Para quem continua achando que teremos após a ressurreição uma vida apática, monótona, só cantando louvores, a própria Bíblia diz que a nossa ciência e pesquisa crescerá por toda a eternidade. Eis a motivação para se viver eternamente que está descrita em João 17:3: “a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste”. Sem o conhecimento exaustivo de Deus Pai e do Filho não há maior alegria, emoções e boa disposição para se viver eternamente.

Teremos uma motivação para vivermos eternamente que na teologia chamamos de “desenvolvimento em fruição”. No latim é *fructio*, significa “gozo”, “usufruto”. Esse conceito sugere que, mesmo na perfeição do Céu, continuaremos a nos desenvolver continuamente em conhecimento. No Céu ou Paraíso, o conhecimento sobre Deus é inesgotável. Na eternidade, teremos todo o tempo necessário para explorar os mistérios divinos. Se considerarmos nossa atual noção de tempo, podemos afirmar que passaremos bilhões e trilhões de anos, sem fim, aprofundando-nos na sabedoria divina e em seus enigmas.

A Vitória Final Sobre a Morte

“E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.

Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei.

Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”.

– 1ª Coríntios 15:54-57

Por fim, a vida eterna representa a vitória sobre a morte, o fim do sofrimento e a promessa de um futuro sem fim. A ressurreição é uma afirmação de que a vida triunfa sobre a morte, uma esperança que nos impulsiona a viver de forma plena e significativa até que esse glorioso Dia chegue.

O teólogo N. T. Wright em seu livro *“A Ressurreição do Filho de Deus”* comenta 1ª Coríntios 15:54-57:

“A solene repetição de praticamente a mesma sentença nos vv. 53 e 54 é em extremo rara em Paulo, que (diferentemente de alguns de nós) dificilmente usa três sentenças se consegue o mesmo resultado usando apenas uma. Está claro que esta é uma ideia que ele quer sublinhar, memorizar o máximo que puder, enfatizar contra os céticos e os questionadores, para deixar claro a todos os cristãos em Corinto de que o corpo é para o senhor, e o senhor para o corpo (ICor 6.13), e que o senhor, em cuja pessoa a morte foi derrotada um dia, tornaria efetiva esta derrota em favor de todo seu povo. Eles não perderão seus corpos; tampouco se verão "nus" (v. 37).¹³⁵ Sobre eles se colocará "um novo traje", receberão um novo tipo de fisicalidade, cuja característica principal, a primeira na lista dos vv. 42-4, é que ela não pode ser despida, não pode se corromper, não pode morrer.

Isso é o que "deve" acontecer àqueles atualmente vivos que herdarão a nova criação. O corpo final precisará ser "incorrupível", "imortal". Estas palavras têm matizes diferentes ("incorrupível" sugere que nenhuma parte pode se desgastar ou decompor;

"imortal", que o corpo não pode morrer), mas ambas eram quase sinônimas no mundo de Paulo".⁷⁶

Wright continua:

“No senhor, vosso trabalho” - seu trabalho para o reino de Deus no presente – “não é em vão”. Se o Messias não tivesse sido ressuscitado, a proclamação de Paulo e a fé dos coríntios seriam "vãs"; mas o Messias, o Senhor, de fato, ressuscitou; e a proclamação, a fé e o contínuo esforço, assim, são resgatados da " vaidade", da futilidade. O que é feito "no senhor" no presente perdurará até o futuro de Deus. Esta é a mensagem severamente prática emergente dessa argumentação, a figura principal das discussões cristãs primitivas sobre a ressurreição”.⁷⁷

A vitória sobre a morte não se resume apenas à promessa de viver eternamente; ela também envolve a salvação e a ressurreição de toda a criação. De que adianta a imortalidade se tudo ao nosso redor não compartilha desse destino? Podemos imaginar o inferno que seria viver eternamente, cercados por pessoas amadas e animais de estimação, sabendo que eles não durariam para sempre. A dor da separação tornaria a eternidade insuportável.

Por isso, a verdadeira imortalidade deve abranger não apenas o ser humano, mas toda a natureza. A esperança de que a criação seja restaurada e vivificada é fundamental para entendermos o significado pleno da vida eterna. É essa interconexão que nos dá a certeza de que, na eternidade, tudo o que amamos e valorizamos também experimentará a plenitude da vida. A imortalidade deve estar presente em tudo ao nosso redor, criando um ambiente de amor e harmonia que transcende a morte.

⁷⁶ A RESSURREIÇÃO DO FILHO DE DEUS, pg. 502. N. T. WRIGHT. © Editora Academia Cristã © SPCK PUBLISHING.

⁷⁷ Idem nº 76, pg. 505.

- Capítulo 5 –

O Fato Histórico e Irrefutável da Ressurreição de Jesus Cristo

Neste Capítulo, explorarei as provas incontestáveis da ressurreição de Jesus Cristo. Este é um milagre singular, cercado de evidências que se apresentam de maneira robusta e abrangente. Ao longo da história, estudos empíricos e investigações científicas têm sido realizados, mas, apesar das tentativas de contestação, nenhum argumento conseguiu refutar de forma definitiva a ressurreição. As evidências que cercam este evento histórico são tão convincentes que se destacam entre todos os outros milagres, oferecendo uma base sólida para a crença na imortalidade.

Exceto por quatro, as principais religiões do mundo se fundamentam em simples afirmações filosóficas. Entre aquelas que se baseiam mais nas vidas de indivíduos do que em sistemas filosóficos, apenas a Fé Cristã apresenta um túmulo vazio como prova do seu fundador. Abraão, considerado o pai do judaísmo, faleceu por volta de 1900 a.C., mas nunca se afirmou que ele tenha ressuscitado.

Ao final deste Capítulo, estou certo de que o leitor ficará com a convicção de que há duas certezas concretas e inescapáveis em nossas vidas: **a morte que nos aguarda e a ressurreição de Jesus Cristo**. Vale lembrar que este e-book não esgota o tema, pois centenas de milhares de obras ao longo da história da Igreja têm explorado essa questão.

No próximo tópico, será o momento de aprofundarmos a discussão, conforme Paulo, o apóstolo, destacou em 1ª Coríntios 15:13-14:

“E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou.

E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”.

Como disse Dom Rodolfo Weber:

“A fé cristã está de pé ou cai com a verdade do testemunho segundo o qual Cristo ressuscitou dos mortos. Bento XVI, na obra *Jesus de Nazaré*, disse: “Somente se Jesus ressuscitou aconteceu algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus, torna-se o critério no qual podemos fiar-nos; porque então Deus manifestou-se verdadeiramente” (p. 218)”.⁷⁸

O Túmulo Vazio

“Maria, entretanto, permanecia junto à entrada do túmulo, chorando. Enquanto chorava, abaixou-se, e olhou para dentro do túmulo, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde o corpo de Jesus fora posto, um à cabeceira e outro aos pés.

Então, eles lhe perguntaram: Mulher, por que choras? Ela lhes respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

Tendo dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não reconheceu que era Jesus”.

– João 20:11-14

⁷⁸ Artigo: *Jesus ressuscitou!* Dom Rodolfo Weber. 18/04/2022. Arquidiocese de Passo Fundo (RS). Site: <https://www.cnbb.org.br/jesus-ressuscitou/> Acessado dia 29/10/2024

Um aspecto que realmente impressiona é a narrativa do túmulo vazio, que retrata Maria angustiada indo ao local ao amanhecer e encontrando as pedras deslocadas. A informação se propaga rapidamente, levando os outros discípulos a visitar o túmulo e descobrir que ele está vazio. Embora haja outros exemplos na literatura pagã e no Novo Testamento, essa história é única e merece atenção.

Ao analisarmos com mais cuidado as narrativas dos Evangelhos, fica evidente que os evangelistas, ou aqueles que inicialmente relataram o evento do túmulo vazio de Jesus, não estavam se inspirando na obra de Carito, que escrevia em Afrodísias, uma cidade na Cária, situada entre Éfeso e Colossos. Mesmo que essa novela tenha sido composta antes da metade do século I d.C., a chance de um empréstimo literário é extremamente improvável.

A abundância de evidências sobre o túmulo vazio de Cristo se estende desde o momento de Sua morte, com as especiarias funerárias preparadas pelas mulheres, até a tristeza delas diante do túmulo vazio. Elas supuseram que o corpo havia sido removido, e isso gerou perplexidade entre os apóstolos, que também estavam repletos de dúvidas. Até mesmo a declaração clara de que “ainda não tinham compreendido a Escritura, que era necessário ressuscitar ele dentre os mortos” em João 20:9 reforça as evidências a favor da ressurreição de Cristo. Todas essas incertezas, dúvidas e tristezas, juntamente com a falta de compreensão da Escritura, corroboram a certeza de que Jesus realmente ressuscitou.

...

De acordo com os Evangelhos, após a crucificação, Jesus foi colocado em um sepulcro pertencente a José de Arimatéia, um membro do Sinédrio que se tornou um discípulo. Os evangelhos de Mateus (27:57-60), Marcos (15:40-46), Lucas (23:50-54) e João (19:38-42) narram que José pediu o corpo de Jesus a Pilatos e, depois de

envolvê-lo em lençóis limpos, colocou-o em um túmulo novo, escavado na rocha.

Costumes romanos e judeus

A prática de sepultar os mortos na cultura judaica envolvia uma série de rituais, incluindo a unção do corpo com especiarias e a colocação em um túmulo. Os judeus costumavam enterrar seus mortos no mesmo dia da morte, conforme mencionado em Deuteronômio 21:22-23, e utilizavam túmulos cavados em rochas ou grutas, como era o caso do túmulo de Jesus.

Por outro lado, os romanos também tinham suas próprias práticas funerárias, que variavam dependendo do status social da pessoa. As execuções cruciais, por serem vistas como desonrosas, muitas vezes levavam os corpos a serem deixados expostos. No entanto, como o próprio Pilatos permitiu que o corpo de Jesus fosse retirado da cruz, isso demonstra uma exceção a essa prática. De acordo com a Lei judaica, um corpo não poderia ser deixado em um madeiro durante a noite (Deuteronômio 21:23), o que também influenciou a decisão de sepultá-lo rapidamente.

O mistério do túmulo vazio

O túmulo vazio é um dos aspectos mais enigmáticos da narrativa da ressurreição. Nos evangelhos, ele é descrito como sendo encontrado vazio por mulheres que foram ao sepulcro no primeiro dia da semana. Este evento é narrado em Mateus 28:1-10, Marcos 16:1-8, Lucas 24:1-12 e João 20:1-10. As descrições variam, mas todas concordam que o corpo de Jesus não estava mais lá e que anjos anunciaram sua ressurreição.⁷⁹

⁷⁹ Obras bibliográficas. Para uma compreensão mais aprofundada sobre o tema, algumas obras recomendadas incluem:

Nos evangelhos, é mencionado que as mulheres foram ao túmulo de Jesus. Por exemplo, em Mateus 28:1, lemos: “Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.” O túmulo pertencia a José de Arimateia, conforme relatado em Mateus 27:57-60, onde ele é descrito como um homem rico que doou seu sepulcro para o sepultamento de Jesus.

Entretanto, a descoberta do túmulo vazio não é, por si só, a prova conclusiva da ressurreição, já que na antiguidade havia relatos de túmulos vazios que não estavam relacionados a ressurreições. Um exemplo notável é o relato sobre o túmulo vazio de Osíris na mitologia egípcia, que é uma referência interessante nesse contexto.⁸⁰

A descoberta do túmulo vazio é um momento crucial nos evangelhos, pois, em todos os relatos, foi o primeiro indício que alertou os seguidores de Jesus sobre algo extraordinário. No entanto, ao condensar a história em uma fórmula mais curta, essa descoberta deixou de ser o foco principal. A principal razão para a inclusão da expressão “e foi sepultado” nessa tradição resumida é que ela captura, de forma concisa, todos os elementos das narrativas pascais.

Teoria do Desmaio

Uma história de ficção diz que um casamento termina em funeral. Um jovem se casou com uma bela moça; mas após alguns pretendentes lhe dizerem que ela era infiel, o jovem enfurecido ao

1. "A História da Ressurreição" de N.T. Wright – Esta obra discute a ressurreição de Jesus no contexto histórico e teológico.

2. "O Túmulo Vazio" de Lee Strobel – Um exame investigativo que analisa evidências da ressurreição.

3. "A Ressurreição de Jesus: Um Estudo Histórico" de Gary Habermas – Uma análise das evidências históricas da ressurreição.

⁸⁰ Bauckham, Richard. *Jesus and the Eyewitnesses: The Gospels as Eyewitness Testimony*. Eerdmans, 2006.

dar-lhe um chute pensou tê-la matado. Ela foi sepultada num túmulo caro e bem enfeitado. O caso é que ela não havia morrido, apenas sofreu de um desmaio profundo. Ela acabou acordando dentro do túmulo exatamente quando os ladrões estavam tentando violá-lo. Os ladrões num primeiro momento acreditaram estar vendo um fantasma. Mas não! Ela estava viva! Apenas havia desmaiado.⁸¹

Ao comentar acerca de uma história parecida, o teólogo N. T. Whrite escreveu que “tanto esta história quanto as pressuposições-chave por trás da trama são de grande interesse para nosso estudo sobre o mundo no qual o cristianismo nasceu. Para começar, devemos deixar bem claro que, nem mesmo nessa história alegremente fictícia, nenhuma ressurreição acontece e ninguém acredita que ela efetivamente pudesse acontecer. Contudo, todo mundo sabe o que isto significaria caso acontecesse: significaria que alguém que realmente morreu realmente voltou ao mundo dos vivos”.⁸²

Essa história faz lembrar sobre a Teoria do Desmaio usada para refutar a ressurreição de Jesus Cristo.

A Teoria do Desmaio sugere que Jesus realmente não morreu na cruz, mas desmaiou, e posteriormente se recuperou no túmulo. Essa hipótese tenta explicar a ressurreição de uma maneira que evita a necessidade de um milagre. No entanto, essa teoria apresenta várias falhas que a tornam pouco convincente.

Em primeiro lugar, os relatos bíblicos enfatizam a morte de Jesus de forma clara. Em João 19:31-34, os soldados Romanos, para confirmar sua morte, perfuraram o lado de Jesus, e imediatamente saiu sangue e água. Essa descrição é frequentemente interpretada como uma evidência de que Jesus estava de fato morto antes de ser

⁸¹ Idem nº 76, pg. 122.

⁸² Idem nº 76, pg. 125.

colocado no sepulcro. Além disso, os Evangelhos sinóticos, como Marcos 15:44-45, relatam que Pilatos foi informado da morte de Jesus antes de autorizar o sepultamento.

Além disso, a Teoria do Desmaio não considera o estado físico em que Jesus se encontrava após a crucificação. Ele havia passado por uma tortura extrema e estava em condições críticas. A recuperação de um estado tão debilitado, em um ambiente escuro e frio de um túmulo, sem cuidados médicos, é altamente improvável. A ideia de que Jesus teria conseguido mover uma pesada pedra que selava o túmulo e, em seguida, aparecer para seus discípulos, parece ainda mais implausível.⁸³

Os judeus chamavam a pedra da entrada do túmulo de *golel*. Segundo o estudioso H. W. Hollo wman, quando cita G. M. Mackie, a “entrada para a câmara central era protegida por um grande e pesado disco de pedra, que podia ser rolado por uma fenda, ligeiramente abaulada no centro, em frente a entrada do túmulo”.⁸⁴ A finalidade dessa pedra segundo o professor T. J. Thorburn era servir de “proteção tanto contra homens como contra animais”. E dá mais detalhes:

“Geralmente eram necessários alguns homens para removê-la. Uma vez que a pedra que foi posta na entrada do túmulo de Jesus tinha o objetivo de evitar um roubo já previsto, provavelmente era uma pedra ainda maior do que o normal!”⁸⁵

⁸³ *The Resurrection of the Son of God* de N.T. Wright, que discute a historicidade da ressurreição e as implicações de diferentes teorias em torno desse evento. A obra oferece um contexto abrangente e um exame crítico das narrativas sobre a ressurreição, proporcionando uma visão sólida para compreender a fé cristã nesse aspecto central.

⁸⁴ HOLLOWMAN, Henry W. *An Exposition of the Post-Resurrection Appearances of Our Lord* (Uma Exposição acerca das Aparições de Nosso Senhor após a Ressurreição). Dissertação de mestrado não publicada. Dallas Theological Seminary, maio de 1967.

⁸⁵ THORBURN, Thomas James. *The Resurrection Narratives and Modern Criticism* (As Narrativas da Ressurreição e a Crítica Contemporânea). Londres: Kegan Paul, Trench,

Sobre o peso dessa enorme da pedra, o estudioso bíblico T. J. Thorburn comenta:

“Uma glosa no Códice Bezae (isto é, uma frase escrita entre parêntesis dentro do texto de Marcos 16:4 e que se encontra nesse manuscrito do século quarto — Códice Bezae, atualmente na Biblioteca da Universidade de Cambridge) acrescenta: E quando ele foi sepultado ali, José colocou à entrada do túmulo uma pedra que nem vinte homens eram capazes de remover. Percebe-se o significado da observação feita pelo Dr. Thorburn quando se leva em conta as regras de transcrição de manuscritos. O costume era que, se um copista desejasse enfatizar sua própria interpretação, iria escrever seu pensamento na margem e não dentro do próprio texto. Pode-se concluir, então, que aquela interpolação no texto foi copiada de um texto ainda mais próximo da época de Cristo, talvez de um manuscrito do primeiro século. É possível, então, que a frase tenha sido registrada por uma testemunha ocular que ficou impressionada com a enormidade da pedra que foi posta à entrada do túmulo de Jesus. Gilbert West, da Universidade de Oxford, também assinala a importância desse trecho do Códice Bezae na sua obra *Observations on the History and Evidences of the Resurrection of Jesus Christ* (Comentários sobre a História e as Provas da Ressurreição de Jesus Cristo; pp. 37, 38). 68/1, 2⁸⁶

Não é em vão que Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, quando compraram e levaram aromas para irem embalsamar o corpo do Senhor, “diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?” (Marcos 16:1-4).

Portanto, as evidências relacionadas ao túmulo de Jesus, incluindo o pesado selo que o fechava, demonstram claramente que a Teoria do Desmaio é insustentável.

Trubner? Co., 1910. Apud Josh McDowell, EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã. Editora Candeia.

⁸⁶ Idem nº 85.

Visões Subjetivas

As “visões subjetivas” da ressurreição de Jesus Cristo referem-se à ideia de que Suas aparições a morte não seriam eventos objetivos, mas sim experiências pessoais ou visões que os discípulos e outros testemunhas tiveram. Essa teoria sugere que a ressurreição pode ter sido uma projeção psicológica de fé, em vez de um evento histórico real.

Sobre essas experiências subjetivas, algumas pessoas argumentam que as aparições de Jesus podem ser explicadas como alucinações ou experiências místicas que foram interpretadas como ressurreição. As alucinações poderiam ocorrer baseadas em crença pré-existente. A ideia de que Jesus ressuscitaria já estava presente entre os discípulos, o que poderia ter influenciado suas experiências. A variedade de relatos das aparições de Jesus variam em diferentes textos, o que poderia indicar que eram mais experiências pessoais do que eventos compartilhados.

Mas o problema dessa teoria é que os discípulos de Jesus enfrentaram uma luta significativa para acreditar na ressurreição, o que é evidenciado em várias passagens das Escrituras. Após a crucificação, quando Maria Madalena anunciou aos discípulos que Jesus havia ressuscitado, a reação deles foi de incredulidade. Em Marcos 16:11, lemos que “quando ouviram que ele vivia e que tinha sido visto por ela, não creram”. Esse ceticismo é um tema recorrente; em Lucas 24:11, o relato das mulheres sobre a ressurreição é descrito “como um delírio”, mostrando que a ideia da ressurreição não se encaixava na compreensão deles.

Adicionalmente, em João 20:24-25, encontramos Tomé, que disse que não creia até tocar as feridas de Jesus. Esse desejo de evidência física demonstra que eles não estavam apenas esperando uma

alucinação, mas ansiavam por uma experiência tangível da ressurreição. Alucinações, por definição, são percepções individuais que não são compartilhadas por outros. No entanto, em 1ª Coríntios 15:6, Paulo menciona que Jesus apareceu a mais de quinhentas pessoas ao mesmo tempo, o que reforça a ideia de que a ressurreição foi um evento real e coletivo, não uma alucinação.

Além disso, a transformação dos discípulos após a ressurreição é significativa. Eles passaram de um estado de medo e dúvida (João 20:19) para proclamadores ousados do evangelho, conforme vemos em Atos 2:14-41, onde Pedro, antes temeroso, prega a ressurreição com coragem. Essa mudança radical em seus comportamentos e crenças não se alinha com a teoria da alucinação, que geralmente não resulta em tal transformação na vida das pessoas. A ressurreição de Cristo, portanto, não foi apenas um desejo, mas uma realidade que os discípulos experimentaram e que moldou suas vidas de maneira indelével.

Mas muitos sugerem que os discípulos estando em sofrimento devido ao luto e fracasso que tiveram em relação a Jesus e, por isto, suas mentes poderiam criar alucinações de que Ele ressuscitara dentre os mortos, devido a uma espécie de projeção dos seus desejos. É verdade que tomar uma fantasia por realidade não é de forma alguma incomum; de fato, isso acontece muito.

Mas é perfeitamente possível refutar essa teoria das alucinações.

Primeiro, os testemunhos múltiplos e variados descrito nos Evangelhos (Mateus 28:1-10, Marcos 16:1-8, Lucas 24:1-12, João 20:1-18) e outros textos, como 1ª Coríntios 15:3-8, relatam aparições de Jesus a diferentes grupos de pessoas em várias situações. A variedade e a consistência em muitos detalhes fortalecem a ideia de um evento objetivo, em vez de visões individuais.

Segundo, a transformação dos discípulos. Após a ressurreição de Cristo, os discípulos se tornaram líderes corajosos da Fé Cristã, enfrentando perseguições e morte. Essa transformação radical é difícil de explicar apenas por visões subjetivas. Se as aparições fossem meras alucinações, é improvável que motivassem um compromisso tão profundo e corajoso (Atos 4:13-20).

Sim, os discípulos de Jesus mostraram um comportamento de medo e covardia antes da ressurreição. Após a prisão de Jesus e Sua crucificação, os relatos nos evangelhos indicam que os discípulos estavam bastante assustados e desanimados. Eles se esconderam por medo dos judeus (João 20:19) e até mesmo negaram conhecer Jesus, como é o caso de Pedro (Mateus 26:69-75).

No entanto, após a ressurreição, a transformação deles é notável. Eles se tornaram corajosos e ousados em proclamar a mensagem de Cristo, enfrentando perseguições e até a morte. Essa mudança drástica sugere que a experiência da ressurreição teve um impacto profundo em suas vidas, passando de um estado de medo para um compromisso firme e destemido com a Fé que eles proclamavam.

Em terceiro lugar, temos os fatos históricos. O fato de que o túmulo estava vazio é um ponto amplamente debatido entre estudiosos. A Teoria das Visões não explica adequadamente o que aconteceu com o corpo de Jesus. O vazio do túmulo é relatado em todos os Evangelhos, o que indica uma continuidade de testemunhos que seria improvável se a ressurreição fosse apenas uma construção subjetiva.

Sobre esse ponto, os versículos são relevantes para estabelecer o fundamento:

Mateus 28:6:

“Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde jazia”.

1ª Coríntios 15:4-6:

“E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e que apareceu a Cefas, e depois aos doze. Depois foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma vez...”.

Esses versículos e argumentos mostram a complexidade da questão da ressurreição e o impacto significativo que ela teve na formação da Fé Cristã, sustentando a visão de que não se trata apenas de experiências subjetivas, mas de um evento histórico transformador.

As aparições de Cristo são fundamentais para a base do Cristianismo, pois a credibilidade dos apóstolos estava diretamente ligada à sua experiência como testemunhas oculares da ressurreição. Se o leitor não aceita o testemunho dos apóstolos como testemunhas oculares, então não poderá confiar em nenhum outro testemunho do mundo, incluindo aqueles de tribunais e outras instituições. A credibilidade dos apóstolos, que vivenciaram a ressurreição de Jesus, estabelece um padrão para a aceitação de testemunhos. Se não é possível reconhecer essa experiência direta, torna-se difícil acreditar em qualquer forma de evidência ou relato. Assim, a fé na ressurreição não é apenas um aspecto da Fé Cristã, mas um reflexo da confiança nos testemunhos que fundamentam nossa compreensão da verdade.

A qualificação dos apóstolos, que precisavam ter conhecido Jesus antes e depois da crucificação, evidencia a importância de seus testemunhos. Pedro, ao pregar, destaca que todos os cristãos são testemunhas da ressurreição, reforçando a ideia de que essa experiência pessoal é essencial para a Fé. Paulo também sublinha a relevância de ser testemunha de primeira mão, o que solidifica a autenticidade da mensagem cristã e seu impacto no mundo. A

ressurreição não é apenas um evento, mas um fundamento que transforma e valida à Fé.

Em suma, as aparições de Cristo não podem ser explicadas como meras ilusões dos discípulos. Lucas, que era familiarizado com a metodologia científica, afirma em Atos dos Apóstolos (Atos 1:3) que Jesus “apresentou-se vivo, com muitas provas incontestáveis”. As evidências da ressurreição, conforme descritas nos Evangelhos, são do tipo empírico, ou seja, acessíveis à visão, audição e tato humanos. Essas aparições podem ser organizadas conforme esses sentidos, permitindo uma análise clara e fundamentada das experiências dos discípulos.

Fraude dos Discípulos

A teoria de que os discípulos de Jesus teriam roubado Seu corpo é uma das explicações propostas para a ausência do corpo no túmulo, mas essa hipótese apresenta várias falhas. Segundo essa teoria, os discípulos, em um ato de fraude, teriam escondido o corpo para afirmar que Jesus ressuscitou, criando assim um movimento que mudaria o curso da história.

No entanto, essa teoria se torna cada vez mais insustentável quando consideramos alguns pontos. Primeiro, os discípulos estavam em um estado de medo e desânimo após a crucificação de Jesus (João 20:19). Eles não apenas haviam perdido seu líder, mas também temiam por suas próprias vidas, o que torna improvável que arriscassem tudo para executar um plano de roubo.

Além disso, as evidências de que o corpo estava realmente ausente são consistentes nos relatos dos evangelhos. Em Mateus 28:11-15, encontramos a narrativa dos guardas que, após a ressurreição, foram subornados pelos líderes religiosos para espalhar a ideia de que os

discípulos haviam roubado o corpo de Jesus. Esse suborno é crucial, pois levanta a questão: por que os guardas, responsáveis pela segurança do sepulcro, falhariam em evitar o roubo e, em seguida, se tornariam cúmplices de uma mentira?

Os Líderes Religiosos, os Guardas Romanos e o Suborno

No evangelho de Mateus, após a crucificação, os sumos sacerdotes e fariseus se reuniram com Pilatos no sábado, solicitando a colocação de uma guarda no túmulo de Jesus. Eles lembraram que Jesus havia dito que ressuscitaria ao terceiro dia e temiam que os discípulos pudessem roubar o corpo e alegar que ele havia ressuscitado, tornando essa fraude ainda mais grave do que a primeira. Pilatos concordou, instruindo-os a vigiar o túmulo, que foi selado e guardado.

A colaboração entre os fariseus, sumos sacerdotes e Pilatos é surpreendente, mas não impossível, especialmente em uma emergência. A referência a Jesus como “aquele enganador” reflete uma acusação comum entre os judeus e pode ter origem em memórias bem enraizadas, dado o contexto das advertências bíblicas sobre falsos profetas.

Após a ressurreição de Jesus, alguns soldados da guarda foram à cidade e informaram os sumos sacerdotes sobre o que aconteceu. Eles se reuniram com os anciãos e decidiram subornar os soldados, dizendo-lhes que dissessem que os discípulos haviam roubado o corpo enquanto eles estavam dormindo (Mateus 28:11-13). O suborno garantiu que, se o governador soubesse, eles dariam explicações para evitar problemas. Essa narrativa é contada entre os judeus até hoje.

A comunidade cristã considerava o túmulo de Jesus vazio e como um fato inquestionável. Se a hipótese de que a ressurreição não era

uma crença inicial dos cristãos, surgiriam muitas questões sobre como as histórias do túmulo vazio e as acusações de roubo do corpo se desenvolveram.

O fato histórico de uma ressurreição corpórea de Jesus pode refutar a ideia de que os discípulos teriam realmente roubado o corpo. Essa é a explicação mais lógica para o túmulo vazio. Contudo, é improvável que a versão do roubo do corpo do Senhor tenha sido inventada do nada. A acusação de roubo só poderia surgir se já houvesse um boato de que o corpo estava realmente ausente.

Além disso, a história implica que tanto sacerdotes quanto fariseus compreendiam que a predição de Jesus sobre Sua ressurreição se referia ao Seu corpo. Se eles pensassem que “ressuscitar” significava apenas que Sua alma havia subido ao Céu, não haveria necessidade de guardas ou pedras selando o túmulo. Assim, a narrativa indica que os primeiros cristãos estavam cientes de que enfrentariam essa acusação de roubo e preferiram explicar a origem dela, em vez de deixá-la sem resposta.

Os Guardas Romanos

Para termos certeza de que o corpo do Senhor de fato não foi roubado, é preciso compreender quem eram esses guardas romanos da narrativa de Mateus 28. A cena da ressurreição de Jesus foi suficientemente assustadora para fazer com que soldados rudes e grosseiros se fizessem de 'mortos' (Mateus 28:4).

O professor Roper diz que esses soldados “não possuíam o menor interesse na tarefa a que foram designados. Seu único propósito e obrigação era cumprir estritamente o seu dever, como soldados do império romano, ao qual haviam dedicado sua lealdade. O selo romano apostado na pedra, ali no túmulo de José, era para eles bem mais sagrado do que toda a filosofia de Israel ou do que a santidade

das antigas crenças do povo de Deus. (Eram) soldados com suficiente sangue frio para sortear a capa de uma vítima agonizante...”.⁸⁷

Portanto, a ideia de que os soldados romanos estavam dormindo enquanto os discípulos roubavam o corpo de Jesus não está de acordo com a realidade do que era um soldado romano.

Primeiramente, os soldados romanos eram treinados para vigiar e proteger, especialmente em situações tão críticas. A penalidade para um soldado que falhasse em seu dever, como dormir durante uma vigília, era severa, frequentemente levando à morte. Portanto, seria impensável que eles corressem esse risco ao deixar seus postos sem vigilância. Além disso, ao relatar a um oficial que estavam dormindo, eles estariam se condenando, já que tal confissão teria consequências fatais.

Em segundo lugar, a imagem de discípulos fracos e covardes dominando um grupo de soldados altamente treinados e armados é altamente implausível. Após a crucificação, os discípulos estavam em um estado de desânimo e medo, e a ideia de que eles teriam a coragem e a habilidade para superar a guarda romana é pouco realista. Esses soldados, experientes em combate, não seriam facilmente derrotados por um pequeno grupo de seguidores desmotivados.

Além disso, a narrativa de um roubo do corpo requereria uma coordenação considerável, o que é difícil de acreditar dado o estado emocional dos discípulos naquele momento. A confusão e o medo que dominaram o grupo após a crucificação provavelmente os teriam paralisado, tornando improvável que eles conseguissem organizar um plano para roubar o corpo.

⁸⁷ ROPER, Albert. Did Jesus Rise from the Dead? (Jesus Ressuscitou dos Mortos?). Grand Rapids: Zondervan Publishing House, copirraite de 1965. Usado com permissão. Apud Josh McDowell, EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã. Editora Candeia.

Portanto, a premissa de que os soldados estavam dormindo e que os discípulos conseguiram roubar o corpo é cheia de inconsistências, tanto em termos de lógica quanto de contexto histórico. A segurança e o treinamento dos soldados romanos, combinados com o estado dos discípulos, tornam essa teoria altamente questionável.

Assim, a teoria de que os discípulos teriam roubado o corpo não só falha em explicar a ausência do corpo, mas também ignora as evidências robustas da ressurreição e a transformação radical que ocorreu na vida dos discípulos, que se tornaram testemunhas fiéis do que realmente aconteceu.

Interpretação Metafórica

A teoria da ressurreição metafórica de Jesus sugere que, em vez de um evento físico real, a ressurreição deve ser entendida como uma metáfora ou símbolo da vida, renovação espiritual ou triunfo sobre a morte. Essa perspectiva tem ganhado atenção em algumas discussões acadêmicas e teológicas, mas também enfrenta críticas significativas.

Aqueles que acreditam na ressurreição simbólica de Jesus dizem o seguinte: “Para o Cristianismo, Jesus morre e ressuscita...”. Contudo, existem diferentes interpretações. A maioria das correntes cristãs sustenta que tudo ocorreu exatamente da forma como está descrito na Bíblia. No entanto, há uma visão alternativa que busca interpretar os relatos dos evangelhos de maneira menos literal. “A ressurreição seria um símbolo literário da presença de Cristo na vida dos seus seguidores”, afirma Ricardo Gouvêa, da Universidade Mackenzie. Isso implica que Ele continuaria vivo no coração de cada um.⁸⁸

⁸⁸ Revista das Religiões Edição 8 Abril de 2004 Editora Abril - pg. 30.

Alguns críticos apresentaram uma nova interpretação sobre a ressurreição de Jesus Cristo. Um deles, Willi Marxsen,⁸⁹ argumenta que o que ressuscitou não foi Jesus, mas a sua mensagem. Para ele, o que importa não é o mensageiro (Jesus), mas a mensagem (a Boa Nova). Nesse contexto, as aparições de Jesus, conforme narradas nos Evangelhos, seriam uma personificação da mensagem de Cristo. Essa tese, no entanto, é irreal e reflete um preconceito contra o miraculoso. Somente aqueles que não conseguem aceitar a realidade dos milagres criam esse tipo de teoria. Essa interpretação vai diretamente contra o que a Bíblia ensina. Tanto a Bíblia quanto a história demonstram que os primeiros cristãos deram suas vidas em função do testemunho da ressurreição de Cristo. É possível que uma pessoa enganada defenda uma mentira e, com isso, se entregue à morte. No entanto, não podemos aceitar que os apóstolos soubessem que Jesus não havia ressuscitado literalmente e que Ele estava vivo apenas através de suas mensagens, e ainda assim deixassem tudo para serem perseguidos e morressem corajosamente como mártires por terem testemunhado sua ressurreição. Afinal, quem morreria por uma mentira? Portanto, essa teoria não se alinha com a verdade.

⁸⁹ Willi Marxsen é um teólogo e crítico bíblico alemão conhecido por suas contribuições ao estudo do Novo Testamento e sua abordagem à ressurreição de Jesus. Sua interpretação sugere que a ressurreição não deve ser entendida como um evento físico, mas sim como a vivência da mensagem e do significado de Jesus que continua a impactar seus seguidores. A Bibliografia de Willi Marxsen: 1. "Jesus and the Eyewitnesses" (1986); 2. "The Resurrection of Jesus" (1970); 3. "Mark the Evangelist" (1980). Nova Interpretação: Marxsen propõe que a ressurreição de Jesus deve ser vista como uma maneira de expressar a continuidade da mensagem e da influência de Jesus na vida dos crentes. Para ele, a ênfase não está no evento em si, mas no impacto que a mensagem de Jesus continua a ter, argumentando que as aparições podem ser vistas como manifestações dessa mensagem personificada. Essa interpretação, no entanto, é controversa e enfrentou críticas por desconsiderar o elemento milagroso e físico da ressurreição, que é central para muitas tradições cristãs.

Os Principais Argumentos da Teoria

Interpretação Simbólica: os proponentes da Interpretação Metafórica argumentam que a ressurreição pode ser vista como um símbolo da esperança e da renovação espiritual, refletindo a ideia de que a vida continua de alguma forma após a morte.

Contexto Cultural: Alguns estudiosos sugerem que, no contexto judaico do primeiro século, a ressurreição poderia ser entendida em termos mais figurativos, especialmente em um ambiente onde as metáforas eram comuns na literatura religiosa.

Objeções e Refutações

Testemunhos Oculares: Muitos críticos da visão metafórica apontam para os relatos de testemunhas que afirmaram ter visto Jesus ressuscitado (como em Lucas 24:36-43 e João 20:27). Esses testemunhos sugerem que a ressurreição foi um evento físico real. O estúdio John R. W. Stott escreveu que “os discípulos não eram pessoas facilmente enganáveis, mas cautelosos, céticos e 'tardios de coração para crer'. Não eram suscetíveis a alucinações. Nem visões estranhas os teriam satisfeito. A fé que tinham baseava-se nos fatos concretos de experiências palpáveis”.⁹⁰

Impacto nos Discípulos: A transformação radical dos apóstolos, que passaram de pessoas temerosas a pregadores corajosos, é frequentemente citada como evidência de que acreditavam genuinamente na ressurreição física (Atos 2:32).

⁹⁰ STOTT, John R. W. Cristianismo Básico. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1982. Apud Josh McDowell, EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã. Editora Candeia.

A Necessidade da Ressurreição Física: Em 1ª Coríntios 15:14-17, Paulo argumenta que, se Cristo não ressuscitou, a fé é vã e os crentes ainda estão em seus pecados. Isso indica que a ressurreição física é fundamental para a doutrina cristã.

Versículos Relevantes usados contra Interpretação Metafórica

Mateus 28:6:

“Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito”.

Romanos 6:9:

“Sabemos que Cristo, tendo sido ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele”.

1ª Coríntios 15:20:

“Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dos que dormem”.

O apóstolo Paulo caracteriza o corpo da ressurreição como algo que, de forma direta, é físico — algo tangível e visível, que, por ser um corpo ressuscitado, resulta em um túmulo vazio. É amplamente aceito que a compreensão de Paulo sobre o corpo ressuscitado dos fiéis se baseia naquilo que ele acredita ser verdade sobre Jesus.

A Interpretação Metafórica da ressurreição de Cristo ignora a evidência histórica e o testemunho dos apóstolos, que sacrificaram suas vidas por um evento real e transformador. Essa teoria levanta questões interessantes, mas a maioria dos estudiosos e teólogos cristãos defende a ressurreição física de Jesus como um evento

central à fé. As evidências históricas e os relatos bíblicos sustentam essa visão, desafiando a interpretação puramente simbólica.

Contradições nos Relatos da Ressurreição de Cristo

Um dos argumentos contra a ressurreição de Jesus Cristo é que os relatos da ressurreição nos quatro Evangelhos apresentam várias contradições e variações, o que gera debates entre estudiosos. Primeiramente, há discrepâncias sobre quem exatamente visitou o túmulo: diferentes evangelhos mencionam grupos variados de mulheres, incluindo Maria Madalena e outras. Além disso, as descrições do que acontece no túmulo e as mensagens dos seres angélicos também diferem significativamente entre os textos. Outra questão são as aparições de Jesus, que ocorrem em diferentes ordens e contextos, com algumas versões enfatizando encontros específicos com os discípulos. Essas inconsistências levam a discussões sobre a historicidade dos relatos e a interpretação do significado da ressurreição.

Resumo das Supostas Contradições nos Relatos da Ressurreição

1. Quem Visita o Túmulo:

- Mateus 28:1: Menciona Maria Madalena e "a outra Maria".
- Marcos 16:1: Fala sobre Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé.
- Lucas 24:10: Enumera Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago.
- João 20:1: Afirma que Maria Madalena foi sozinha ao túmulo.

2. O Que Acontece no Túmulo:

- Mateus 28:2: Descreve um anjo descendo do céu e removendo a pedra.
- Marcos 16:5: Fala de um jovem vestido de branco dentro do túmulo.
- Lucas 24:2-4: Menciona dois homens em vestes resplandecentes que aparecem.
- João 20:12: Relata a visão de dois anjos dentro do túmulo.

3. A Mensagem dos Anjos:

- As mensagens variam em cada relato, com diferentes ênfases sobre o que deve ser dito aos discípulos.

4. Aparecimento de Jesus:

- Mateus 28:9-10: Jesus aparece para as mulheres que vão anunciar a ressurreição.
- Marcos 16:9-14: Jesus aparece primeiro a Maria Madalena e, mais tarde, aos discípulos.
- Lucas 24:13-35: Conta a história dos discípulos na estrada de Emaús antes de aparecer aos onze.
- João 20:19-29: Relata a aparição a Tomé e aos discípulos em um quarto fechado.

Refutação das Supostas Contradições nos Relatos da Ressurreição

Os eventos relacionados à ressurreição de Jesus podem ser complexos de compreender. É fundamental ter em mente dois pontos: primeiro, a ressurreição causou grande agitação em Jerusalém, levando muitas pessoas a tomarem direções diferentes no meio do caos. Vários grupos visitaram o túmulo, possivelmente mais de uma vez. Em segundo lugar, os autores dos Evangelhos não

tinham como objetivo criar uma narrativa detalhada; Mateus, Marcos, Lucas e João não se propuseram a relatar todos os aspectos da ressurreição ou a sequência exata dos eventos. E as aparentes discrepâncias também demonstram que não houve conluio entre eles para forjar uma ressurreição de Cristo.

No debate com os céticos sobre a ressurreição, os cristãos enfrentam um dilema. Se os relatos forem perfeitamente alinhados, os críticos dirão que houve uma conivência entre os escritores. Se, por outro lado, apresentarem discrepâncias, poderão argumentar que se contradizem e, assim, não são confiáveis. Contudo, acreditamos que as narrativas da ressurreição podem ser reconciliadas e não se anulam mutuamente.

Mesmo que as histórias não se harmonizassem completamente, isso não as tornaria menos dignas de crédito. Em geral, os relatos dos quatro Evangelhos fornecem testemunhos consistentes de quem presenciou os acontecimentos. As verdades essenciais — a ressurreição de Jesus e Suas aparições a diversas pessoas — são claramente expressas em todos os Evangelhos. As aparentes discrepâncias se referem a “detalhes menores”, como o número de anjos no sepulcro ou a ordem das aparições. Embora os relatos possam parecer diferentes, não se pode afirmar que são contraditórios.

Abaixo há uma harmonia das narrativas da ressurreição de Jesus Cristo e Suas aparições após a ressurreição, em ordem cronológica:⁹¹

Jesus é sepultado, como várias mulheres observam (Mateus 27:57-61; Marcos 15:42-47; Lucas 23:50-56; João 19:38-42).

⁹¹ Artigo: Podem os vários relatos da ressurreição nos quatro evangelhos ser harmonizados? GotQuestions. Your Questions. Biblical Answers. Site: <https://www.gotquestions.org/Portugues/narrativas-relatos-ressurreicao.html>
Acessado dia 31/10/2024

A tumba é selada e uma guarda é colocado de vigia (Mateus 27:62-66).

Pelo menos três mulheres, incluindo Maria Madalena, Maria (mãe de Tiago) e Salomé, preparam especiarias para irem ao túmulo (Mateus 28:1; Marcos 16:1).

Um anjo desce do céu, rola a pedra e senta-se nela. Há um terremoto e os guardas desmaiam (Mateus 28:2-4).

As mulheres chegam ao túmulo e o encontram vazio. Maria Madalena deixa as outras mulheres lá e corre para contar aos discípulos (João 20:1-2).

As mulheres ainda no túmulo veem dois anjos que lhes dizem que Jesus ressuscitou e que as instruem a dizer aos discípulos para irem à Galileia (Mateus 28:5-7; Marcos 16:2-8; Lucas 24:1-8) .

As mulheres saem para levar a notícia aos discípulos (Mateus 28:8).

Os guardas, levantando-se, denunciam o túmulo vazio às autoridades, as quais os subornam para dizerem que o corpo foi roubado (Mateus 28:11-15).

Maria (mãe de Tiago) e as outras mulheres, a caminho de encontrar os discípulos, veem Jesus (Mateus 28:9-10).

As mulheres relatam o que viram e ouviram aos discípulos (Lucas 24:9-11).

Pedro e João correm para o túmulo, veem que ele está vazio e encontram as roupas da sepultura (Lucas 24:12; João 20:2-10).

Maria Madalena retorna ao túmulo. Ela vê os anjos e depois vê Jesus (João 20:11-18).

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aparece a Pedro (Lucas 24:34; 1 Coríntios 15:5).

Ainda no mesmo dia, Jesus aparece para Cleopas e outro discípulo a caminho de Emaús (Lucas 24:13-32).

Naquela noite, os dois discípulos relatam o evento aos onze em Jerusalém (Lucas 24:32-35).

Jesus aparece a dez discípulos — Tomé está ausente (Lucas 24:36-43; João 20:19-25).

Jesus aparece a todos os onze discípulos – inclusive a Tomé (João 20:26-31).

Jesus aparece a sete discípulos junto ao mar da Galileia (João 21:1-25).

Jesus aparece para cerca de 500 discípulos na Galileia (1 Coríntios 15:6).

Jesus aparece a seu meio-irmão Tiago (1 Coríntios 15:7).

Jesus comissiona Seus discípulos (Mateus 28:16-20).

Jesus ensina a Seus discípulos as Escrituras e promete enviar o Espírito Santo (Lucas 24:44-49; Atos 1:4-5).

Jesus sobe ao céu (Lucas 24:50-53; Atos 1:6-12).

As supostas contradições nos Evangelhos, na verdade, refletem a riqueza das experiências e perspectivas das testemunhas, mostrando que, em vez de descredibilizarem a mensagem da ressurreição, elas a fortalecem ao revelarem a profundidade da verdade por trás dos relatos.

Ceticismo Histórico

O ceticismo histórico em relação à ressurreição de Jesus Cristo frequentemente reflete uma resistência mais ampla a aceitar que eventos extraordinários possam ocorrer na história. Muitas pessoas, influenciadas pelo racionalismo e pelo empirismo, tendem a confiar apenas naquilo que pode ser comprovado através de evidências tangíveis. Essa abordagem, embora válida em muitos contextos, pode levar a uma visão limitada da realidade, excluindo a possibilidade de eventos que desafiem a lógica e a compreensão humana.

Para muitos, a ideia de que alguém possa ressuscitar dos mortos é tão distante da experiência cotidiana que se torna mais fácil descartá-la como uma invenção ou um mito. Essa desconfiança se estende não apenas à ressurreição de Jesus, mas também a outras manifestações de fé que não se encaixam nos moldes do que é considerado “normal” ou “racional”. Essa aversão ao sobrenatural pode ser vista como uma defesa contra o desconforto que a possibilidade de um milagre provoca, questionando a própria natureza da realidade.

Além disso, muitos céticos argumentam que os relatos da ressurreição são inconsistentes ou carecem de documentação suficiente para serem considerados confiáveis. Essa análise crítica, enquanto importante, pode ignorar o contexto cultural e social em que esses relatos foram produzidos. Para as primeiras comunidades cristãs, a ressurreição não era apenas um evento histórico, mas um testemunho de fé que transformou vidas e comunidades inteiras.

Assim, o ceticismo histórico revela mais do que uma simples dúvida sobre a ressurreição; ele expõe uma luta interna entre fé e razão, entre a experiência pessoal e a busca por evidências concretas. Em última análise, a resistência a aceitar que algo extraordinário poderia ter ocorrido na história reflete um anseio por controle e compreensão

em um mundo muitas vezes caótico e incerto. Para muitos, abrir-se à possibilidade da ressurreição é um convite a explorar não apenas a história de Jesus, mas também as profundezas da própria experiência humana e da fé.

Refutando o Ceticismo Histórico

William F. Albright é um arqueólogo conhecido por sua reputação no meio acadêmico. Sobre os relatos da Bíblia, ele escreveu:

“Não pode haver dúvida alguma de que a arqueologia tem confirmado a historicidade substancial da tradição do Antigo Testamento”.⁹²

Albright acrescenta:

“Progressivamente o exagerado ceticismo para com a Bíblia foi sendo desacreditado, por parte de importantes sistemas históricos, sendo que alguns aspectos de tais sistemas ainda se manifestam periodicamente. Uma descoberta após a outra tem confirmado a exatidão de incontáveis detalhes e tem feito com que a Bíblia receba um reconhecimento cada vez maior como fonte histórica”.⁹³

William Lane Craig que é filósofo, teólogo e apologista cristão apresenta três evidências introdutórias para a ressurreição: o sepulcro vazio, as aparições (corpóreas e físicas) de Jesus e a convicção dos discípulos. Além disso, afirma que, ao contrário do que seria de esperar, esta não é uma posição conservadora ou evangélica, mas é

⁹² ALBRIGHT, William F. *Archaeology and the Religions of Israel* (A Arqueologia e as Religiões de Israel). Baltimore: Johns Hopkins University, 1956. Apud Josh McDowell, *EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã*. Editora Candeia.

⁹³ *The Archaeology of Palestine* (A Arqueologia da Palestina). Edição revista. Harmondsworth: Pelican, 1960. Apud Josh McDowell, *EVIDDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO - Evidências históricas da fé Cristã*. Editora Candeia.

um facto assumido pela maioria dos críticos neo-testamentários, que aceitam estas três provas, com naturalidade. Estas três evidências interligam-se com os testemunhos da ressurreição, a saber, testemunho histórico, escrito e pessoal.⁹⁴

O teólogo e apologista cristão, Josh McDowell, cita Clark Pinnock quando diz:

“Não existe outro documento no mundo antigo, assim autenticado por um grupo tão excelente de testemunhas textuais e históricas, apresentando uma colecção tão extraordinária de datas e factos, que nos permita tomar uma decisão inteligente. Uma pessoa honesta não pode recusar uma fonte desta natureza. O ceticismo, em relação às evidências históricas do cristianismo, está baseado num preconceito irracional”.⁹⁵

O leitor poderá argumentar que o papel aceita tudo. É verdade, mas essa aceitação se limita à verdade ou à mentira. Uma vez que algo é escrito — seja uma verdade, uma inverdade ou até mesmo uma meia verdade — essa escrita se torna imutável, cravado na rocha da história. Não há como reparar ou retirar aquilo que foi colocado no papel. Nesse sentido, a Bíblia, como um texto escrito por homens, carrega consigo o peso de suas declarações.

Os relatos da ressurreição de Jesus, se fossem meras invenções, estariam sujeitos a escrutínio imediato e poderiam ser facilmente desmascarados. Afinal, as testemunhas oculares e os contemporâneos da época estavam vivos quando essas narrativas começaram a circular. Se a ressurreição fosse uma farsa, haveria muitas vezes

⁹⁴ CRAIG, p. 269. CRAIG, William Lane. Em Guarda. Vida Nova. São Paulo, 2011. Apud David Pinto, Provas da Ressurreição de Cristo. Site:

http://www.apologetica.pt/?page_id=331#_ftnref18 Acessado dia 31/10/2024

⁹⁵ MCDOWELL, p. 23. Apud David Pinto, Provas da Ressurreição de Cristo. Site:

http://www.apologetica.pt/?page_id=331#_ftnref18 Acessado dia 31/10/2024

dispostas a expor essa mentira, a derrubar os relatos e a desacreditar aqueles que proclamavam a ressurreição.

No entanto, a persistência e a difusão desses relatos ao longo dos séculos sugerem que, independentemente das suas interpretações, existe uma verdade subjacente que ressoa com a experiência humana. O impacto das narrativas sobre a ressurreição na vida de indivíduos e comunidades é um testemunho de sua profundidade e relevância. Assim, mesmo que o papel aceite tudo, a maneira como essas palavras foram recebidas e vividas ao longo da história revela algo que vai além da mera escrita: uma busca por sentido, esperança e verdade que resiste ao teste do tempo.

Mudança de Crenças

A ressurreição de Jesus Cristo teve um impacto tão profundo e real entre os primeiros seguidores que gerou fenômenos sociológicos significativos, manifestando-se em eventos que muitos consideraram milagres. A experiência transformadora da ressurreição não apenas revitalizou a fé dos discípulos, mas também inspirou uma onda de fervor religioso que se espalhou rapidamente por toda a comunidade.

Esses primeiros cristãos, imbuídos de uma nova esperança e propósito, começaram a realizar atos extraordinários que desafiaram as normas sociais e culturais da época. Curar os enfermos, libertar os oprimidos e compartilhar suas posses tornaram-se práticas comuns entre eles, refletindo a influência do que consideravam ter testemunhado. Esses milagres não eram apenas demonstrações de poder divino, mas também expressões de solidariedade e amor ao próximo, formando uma nova maneira de viver em comunidade.

O impacto sociológico da ressurreição foi tão forte que desafiou a ordem estabelecida, criando tensões com as autoridades religiosas e

políticas. A coragem dos seguidores de Jesus em proclamar a ressurreição, mesmo diante da perseguição, não apenas solidificou sua própria fé, mas também atraiu novos convertidos que viam nesses milagres uma prova do poder e da verdade do Evangelho.

Assim, a ressurreição de Cristo não foi apenas um evento espiritual; foi um catalisador para mudanças sociais profundas que moldaram a identidade do cristianismo primitivo, transformando vidas e comunidades em um movimento que ecoa até os dias de hoje.

O Fenômeno do Domingo Cristão

A mudança do Dia de adoração entre os primeiros cristãos revela uma das transformações mais significativas na história da Fé Cristã. Desde o início, os judeus observavam o Sábado como um dia sagrado de descanso, em reverência ao momento em que Deus concluiu a criação. Essa prática, enraizada nas sagradas leis judaicas, era um aspecto central da vida religiosa. No entanto, os cristãos, que eram em sua maioria judeus, começaram a se reunir no primeiro dia da semana em reconhecimento à ressurreição de Jesus. Essa decisão de alterar um dia tão profundamente reverenciado, carregado de significado teológico, representa uma das maiores mudanças que um grupo religioso já enfrentou. Se a ressurreição não tivesse acontecido, como poderíamos explicar essa transição radical do Sábado para o Domingo? A resposta a essa pergunta não apenas ilumina a profundidade da fé cristã, mas também destaca o impacto transformador que a ressurreição teve na vida daqueles primeiros seguidores.

A grande maioria dos primeiros cristãos era de origem judaica. Eles eram fanaticamente fiéis guardadores do Sábado como Dia Santo e de descanso. Somente algo muito significativo e milagroso para mudar esse hábito tão enraizado na cultura judaica. Eles temiam e sabiam dos juízos acerca de não se guardar o Sábado do Senhor.

Somente ressurreição pôde proporcionar que isso acontecesse. Uma cultura inteira não iria mudar se eles não tivessem visto o Cristo ressurreto. Eles não podiam explicar, mas sabiam que o Homem Jesus estava vivo e é Deus.

A Origem dos Sacramentos Cristãos e a Igreja só Explica Através da Ressurreição de Cristo

A ressurreição de Jesus Cristo é a base fundamental que explica a instituição dos sacramentos cristãos e a formação da Igreja. Sem esse evento central, a fé cristã como a conhecemos não teria surgido. A ressurreição não apenas confirmou a Divindade de Jesus, mas também deu início a uma nova era na relação entre Deus e a humanidade.

Os sacramentos, como o batismo e a Eucaristia, têm suas origens profundamente enraizadas na ressurreição. O batismo, por exemplo, simboliza a morte e ressurreição de Cristo, conforme ensinado em Romanos 6:4:

“Fomos, portanto, sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela glória do Pai, também nós vivamos uma nova vida”.

Essa nova vida é possível porque Jesus venceu a morte, oferecendo esperança e renovação a todos que creem.

A Eucaristia, também conhecida como a Ceia do Senhor, é outro sacramento que encontra sua essência na ressurreição. Jesus instituiu este sacramento durante a Última Ceia, quando disse: “Este é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim” (Lucas 22:19). A Eucaristia é um lembrete contínuo da morte e ressurreição de Cristo, sendo um meio pelo qual os cristãos experimentam a presença real de Jesus em suas vidas.

Além dos sacramentos, a formação da Igreja também é inextricavelmente ligada à ressurreição. Após sua ressurreição, Jesus comissionou seus discípulos a irem e fazerem discípulos de todas as nações, conforme Mateus 28:19-20:

“Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Essa Grande Comissão foi um impulso para a criação da Igreja, que se espalhou rapidamente, mesmo diante de perseguições e desafios. A existência da Igreja até os dias de hoje é um milagre devido as perseguições internas e externas, heresias, filosofias, ódios e guerras produzidas contra a mesma.

A obra do Espírito Santo, que desceu sobre os discípulos no Pentecostes, também é uma consequência da ressurreição de Jesus. Em Atos 2:33, lemos: “Exaltado à direita de Deus, recebendo do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isso que vedes e ouvis”. O Espírito Santo capacitou a Igreja a cumprir sua missão, guiando e fortalecendo os crentes.

Portanto, a ressurreição de Jesus é a pedra angular dos sacramentos cristãos e da formação da Igreja. Sem esse evento transformador, a Fé Cristã não teria a mesma profundidade e significado, e a missão de compartilhar o Evangelho ao mundo estaria desprovida de seu poder e propósito.⁹⁶

⁹⁶ Bibliografia: A Bíblia Sagrada (NVI); Wright, N. T. *The Resurrection of the Son of God*. Fortress Press, 2003; Moltmann, Jürgen. *The Church in the Power of the Spirit*. Harper & Row, 1993.

- Conclusão -

Jesus Cristo Ressuscitou!

Nós também Ressuscitaremos!

A ressurreição de Jesus Cristo pode ser comparada a um círculo perfeito. Esse círculo simboliza a completude e a harmonia da obra de Deus em Cristo, onde cada detalhe se encaixa sem falhas. Assim como um círculo perfeito não possui início nem fim, a ressurreição de Cristo também se apresenta como uma Verdade Absoluta, sustentada por um conjunto harmonioso de evidências que formam um sistema completo. Quando tentativas são feitas para refutar essa verdade – através de teorias alternativas ou argumentos falhos – esse círculo é comprometido, e a explicação se torna incoerente e fragmentada.

Na teologia cristã, a ressurreição não é apenas um evento isolado, mas o coração do Evangelho (1 Coríntios 15:14), o ponto que valida toda a Fé Cristã. Quem rejeita a ressurreição precisa lidar com a complexidade de múltiplas evidências que, juntas, sustentam a verdade desse milagre. Essas evidências envolvem desde o túmulo vazio, as aparições a várias testemunhas (1ª Coríntios 15:5-8), até a transformação dos discípulos e o crescimento da Igreja conforme vimos nos tópicos anteriores. Tentar refutar qualquer aspecto da ressurreição exige uma explicação adicional para cada uma dessas provas, e qualquer argumento que negue a ressurreição é forçado a deixar lacunas que, inevitavelmente, não se fecham.

A ressurreição de Cristo é, portanto, um sistema fechado, uma Verdade Integral que resiste a fragmentações e teorias alternativas. Não se trata de uma soma de fatos isolados, mas de um testemunho unificado do poder de Deus que transcende o entendimento humano e revela a perfeição de Seu Plano Redentor.

A Ressurreição de Jesus é a Garantia de Nossa Ressurreição e Imortalidade

A ressurreição de Jesus Cristo é a garantia fundamental de nossa própria ressurreição e imortalidade. A promessa de que, assim como Cristo ressuscitou, nós também seremos ressuscitados é um dos pilares centrais da fé cristã. Em 1ª Coríntios 15:20-22, Paulo afirma:

“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dos que dormem. Pois, assim como a morte veio por meio de um homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um homem”.

Esta passagem enfatiza que a ressurreição de Jesus não é apenas um evento isolado, mas o início de um novo padrão de vida para todos os que creem.

Além disso, em Romanos 6:5, está escrito:

“Se, de fato, fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na semelhança da sua ressurreição”.

Aqui, Paulo conecta diretamente a nossa experiência de vida e morte à experiência de Cristo, assegurando-nos que a mesma ressurreição que ele experimentou está prometida a nós.

A esperança da ressurreição é também expressa em 1ª Tessalonicenses 4:14:

“Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus trará, mediante Jesus, aqueles que nele dormiram”.

Essa promessa é um conforto profundo para os cristãos, garantindo que a morte não é o fim, mas uma transição para a vida eterna.

Embora esta obra que estou apresentando seja pueril em comparação com os extensos estudos sobre o tema, é importante notar que existem livros que superam as mil páginas, como os do teólogo N. T. Wright, além de milhões de outras páginas escritas sobre a ressurreição de Cristo. A profundidade e a riqueza desses estudos têm sido tão convincentes que até mesmo alguns ateus reconhecem que são incapazes de refutar a realidade da ressurreição. Não pretendo esgotar este assunto, mas é certo que, de fato, Jesus Cristo ressuscitou!

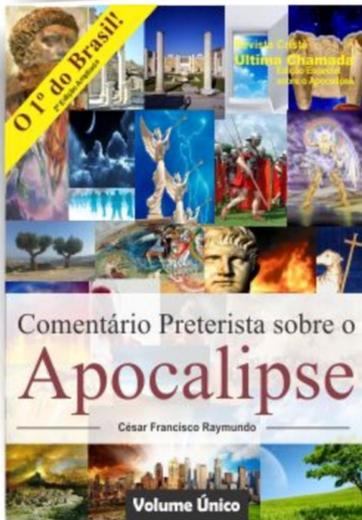
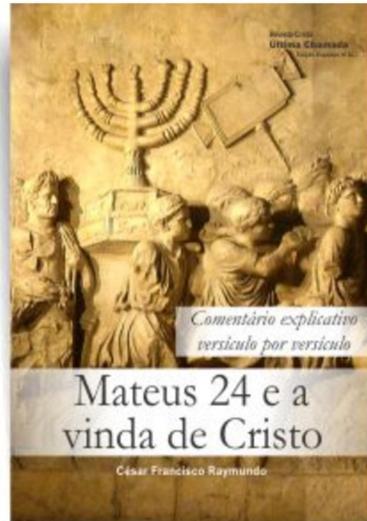
No final das contas, a ressurreição de Cristo é a confirmação de que a morte não tem a última palavra. Como mencionei no início deste livro, só temos duas certezas nesta vida: **a morte como um fato tangível e visível, e a ressurreição, também um fato visível e tangível, que garante nossa imortalidade.** Essa certeza nos oferece esperança e encorajamento, sabendo que, em Cristo, a morte foi vencida e a vida eterna nos aguarda.

Receba Cristo hoje mesmo em seu coração!

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Crisã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



**Esperança
Pós-milenista?**

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

**PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS**

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista crisã
última chamada

**Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico**

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista crisã
última chamada

**E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?**